



2019

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXIV - N.º 1431 | 1 de Setembro de 2019 | Preço Avulso Euros 1,50
Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO

Calvolima
Imobiliária

MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
P COURA

CERVEIRA
CAMINHA
MOLEDO
ÂNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T.251 654 924

Publicações
Periódicas

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel



Taxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Peregrinação Mariana do Sameiro ao Santuário da Virgem da Barca, em Muxia, na Galiza, a 25km de Finisterra

P.28



Branda da Aveleira, caso de estudo P.11



Há 50 anos foram ordenados 4 sacerdotes naturais do Concelho de Melgaço P.18

Melgaço em Festa:

“É o que temos, mas o que temos é muito bom!” P.25



Casa do Povo de Melgaço apresentou Grupo Etnográfico P.10



ASSIM SE FAZ HISTÓRIA: O CAFÉ-BAR FIGUEIREDO

P.2

NOTÍCIAS DA SANTA CASA

P.3

ANA JÚLIA, A MORTE TRÁGICA DE AGOSTO

P.7

A TRADIÇÃO DO RAMO, EM ALVAREDO

P.10

A SAÚDE ESTÁ MESMO MAL

P.13

O PESO HÁ 80 ANOS

P.15

ANTÓNIO ZAMBUJO E BRUNO PEREIRA NO MELGAÇO EM FESTA 2019

P.16

DIA DO BRANDEIRO 2019

P.21

FIGURAS E FACTOS

P.24

LOJAS POP-UP

P.27

CASTRO LABOREIRO EM FESTA

P.29

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor
a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA

O Café - Bar Figueiredo

Alberto Pereira de Castro



Como tantos leitores de “A Voz de Melgaço”, tenho o hábito de ler este periódico de fio a pavio. E, por isso, li o artigo “O Peso de há 80 anos!” do número de 1 de Junho e “Crónica do Peso - Melgaço” de 1 de Agosto. Neles, chamou a minha atenção, no primeiro artigo, Café - Bar Figueiredo”, recentemente aberto, convida os aquistas a saborear, à sombra aveludada dos plátanos, o substancial chocolate à espanhola e o delicioso café com pastéis”. E no segundo daqueles artigos: “Havia muito que na Estância Termal do Peso se fazia sentir a falta de um Casino, de que são dotados todos os Estabelecimentos desta natureza, a fim de proporcionar aos aquistas um centro de cavaco e de recreio, jogos, etc. Quem se aventurou à empresa de preencher esta lacuna?”

O Sr. Figueiredo.

Não é esta a sua terra natal, mas adoptou-a como tal, iniciando a efeito, a expensas suas e com sacrifício, alguns melhoramentos públicos, entre os quais avulta o da magnífica instalação do referido Café no rés-do-chão da antiga Pensão... Alto Minho. E é tão perfeita a montagem, tão profunda a luz eléctrica e tão completa a limpeza, que se pode dizer: - O Café - Bar do Peso rivaliza incontestavelmente com os melhores do seu género.

É de toda a justiça e gratidão, para o grande benemérito que os aquistas o frequentem para corresponderem assim ao esforço e iniciativa do seu proprietário, que não se compensa tão cedo de tão avultada despesa. Reclama a justiça que a cooperação de todos, nos melhoramentos no progresso da Estância, seja o sóbrio estímulo de quem arrisca o seu dinheiro e o seu esforço nesses melhoramentos e progresso. Não é verdade?”

Ora quem era este “Sr. Figueiredo” tão amplamente referido no Diário do Minho, de 1939, por um tal R.S. que, segundo A Voz de Melgaço, seria o professor Ribeiro da Silva que ao tempo escrevia no jornal “Notícias de Melgaço” (autor de um formoso livro de sonetos) de que viria, aliás, a ser Director? No meu entender, nada menos que Gaspar d’ Oliveira Figueiredo, natural da freguesia de Barbeita, do vizinho concelho de Monção, e que, por sinal, é meu sogro.

Fiquei admirado, porque desconhecia totalmente esta faceta da sua vida, pelo que perguntei à minha

Mulher: “Tu sabias disto?”. Não, não sabia, nem nunca ouvira falar. Mas começámos a fazer as contas. Em 1939 era o Sr. Figueiredo Fiscal das termas do Peso, tendo a minha Mulher nascido em Janeiro de 1938, precisamente na casa da Empresa exploradora das Águas. Os seus quatro irmãos, todos eles mais velhos do que ela, haviam nascido em Galvão, pois nos primeiros anos o meu sogro vinha dormir a casa todos os dias. A iniciativa da criação de tal Estabelecimento fora possivelmente influenciada pelo facto de ter estado emigrado durante alguns anos no Brasil, (onde tivera uma sociedade de Alfaiataria e Camisaria na cidade de S. Paulo), em companhia do Irmão Cónego da Sé de Braga Celestino de Figueiredo¹, por ocasião da implantação da República, e trazer com ele essas novas ideias que, ao que parece, sem êxito, pretendeu implementar. Mas o Café, com uma Sala de Jogos (bilhar) anexa manteve-se, sendo no meu tempo explorado pelo Senhor Luís, se não estou em erro também ele antigo funcionário das Termas. Casara em 1 Maio de 1929 com D. Amanda de Jesus Dias, oriunda de uma próspera Família do lugar de Queirão, em Paderne, sobrinha do Padre Francisco Dias, pregador, que foi pároco da vila de Melgaço, sendo os padrinhos de casamento o Senhor Figueiroa e Mulher. De resto, o Senhor Figueiroa era já um velho amigo do pai do meu sogro, senhor José d’ Oliveira Figueiredo, Sargento da Guarda - Fiscal, exímio tocador de banjo com que animou muitos bailes do Grande Hotel do Peso.

O Senhor Gaspar d’ Oliveira Figueiredo foi Fiscal das Termas do Peso durante dezassete anos que deixou por pura conveniência de um dos proprietários das Águas, que no lugar dele quis pôr uma pessoa sua protegida, passando depois a trabalhar no escritório daquele referido Hotel onde se manteve durante alguns anos.

São demasiadas coincidências para que as nossas suposições não tenham um fundo de verdade. Deve tratar-se de uma iniciativa que não teve seguimento, ou por imposição da Empresa ou pela pouca adesão da clientela. De qualquer modo um negócio que não foi lucrativo nem deve ter deixado saudades. Por isso caiu sobre um silêncio tumular.

Mas aqui deixamos, pois, este apontamento num modesto, mas sentido contributo, para a história do Peso e de um homem bom a quem a sorte de certo modo não sorriu, mas que possuía um carácter íntegro e teve a felicidade de criar imensos amigos. Tantos, que, quando faleceu em Galvão em 14 de Julho de 1973, a Família teve que pôr uma camioneta para os que, não tendo viatura própria, quiseram acompanhá-lo até ao cemitério de Paderne onde repousa, junto de sua Mulher, na sua última morada.

1 Há pouco tempo um meu cunhado descobriu pela Internet uma Avenida em S. Paulo com o nome de Cónego Celestino Figueiredo, o que me leva a supor que, enquanto este no Brasil, deve ter tido uma actividade social relevante.

Os nossos Amigos

Carlos Nuno

«A vós chamei-vos amigos», disse Jesus. Só assim consigo levar por diante esta duríssima tarefa de garantir a edição do jornal que é e quer continuar a ser a voz de todos os melgacenses.

Mas não vivemos de floreados. Precisamos que os nossos assinantes colaborem tendo a assinatura em dia. E hoje é tão fácil pagá-la: ou num dos 3 sítios, em Melgaço, ou em Braga, ou por cheque ou vale de correio, ou por transferência bancária.

A todos os que ainda não pagaram o ano 2019, e sobretudo aos que estão em atraso 2, 3 e até mais anos, muito pedimos a subida fineza de dedicarem 5 minutos de atenção e porem a assinatura em dia. Como já é amplamente sabido, no papelinho com a direcção vai também qual é o último ano que está pago. O resto é fácil de fazer contas, se é 1 ano, 2 ou mais. 20 euros por ano, para Portugal, e 25 euros para o estrangeiro.

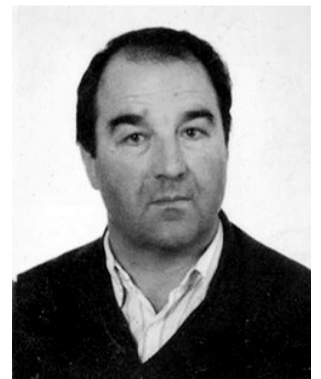
Desde a última edição, destacaram-se como amigos, entre os mais de 150 assinantes que pagaram o jornal: Maria de Lurdes Domingues, de Rouças, mas a residir em França; António Joaquim Bartolomeu e José António de Barros, também de Rouças e a residirem em França; Augusto Flores, de São Paio, também a residir em França; Nuno Filipe Rodrigues Sequeira, de Odivelas, e sobretudo o Dr. Adriano Magalhães, de São Gregório e a viver em Vigo há muitos anos que nos deu uma generosa quantia para ajudar nos custos do jornal que não são sustentáveis com o dinheiro das assinaturas e dos anúncios, sobretudo quando há ainda bastantes retardatários.

Benemérito Luís Domingues

Em Cristóval, foi a sepultar em 30 de Agosto Luís Domingues, casado com a professora Maria Amélia Couso Domingues, depois de internamento hospitalar em Braga.

Contava 74 anos de idade e muito havia a esperar dele.

“A Voz de Melgaço” tem enorme dívida de gratidão, porque, nos últimos 4 anos, foi um autêntico benemérito para que o jornal atingisse o relevo que felizmente alcançou. Na próxima edição daremos mais pormenores.



A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto

Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Arminda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana

Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636
IBAN: PT50 0018 0000
28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Notícias cá de casa

...Marcas na Alma e na vida da Gente...

Manuela Lobato



Diz Jorge Fernando, na letra do tema “Chuva” eternizado pela fadista Mariza, que “há dias que marcam a alma e a vida da gente”. Nós, nas respostas sociais da Infância da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, gostamos de dizer que há quatro meses que marcam de forma especial a alma e a vida de todos quantos fazem parte desta grande família, desde crianças, a pais/ encarregados de educação, a colaboradores e a toda à comunidade melgacense em geral.

É o mês de junho, em que participamos nas Marchas Populares, evento promovido e dinamizado pela Câmara Municipal de Melgaço, em que fazemos o nosso passeio anual, vamos à praia, celebramos a Eucaristia de Bênção das crianças finalistas do ensino pré-escolar, em que realizamos o Jantar de Finalistas e a tradicional Festa de Encerramento do Ano Letivo.

Damos nota neste mês da nossa participação nas Marchas Populares e, como tem vindo a ser apanágio da marcha, o tema selecionado e sobre o qual se constrói a coreografia, a letra e os figurinos, vai encontrar eco nas ricas tradições do nosso concelho, como o sentimento de pertença à província do Minho ou aos belos trajes castrejos bem, como nas maravilhas naturais aqui existentes, como o Rio Minho ou o Alvarinho, prestando assim a nossa singela homenagem a todas estas realidades que aos Melgacenses dizem muito. Este ano, e como povo raiano que somos, orgulhosos da relação profícua e positiva que estabelecemos com a comunidade vizinha de Arbo, os marchantes da Marcha Infantil da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, vestidos a rigor e acompanhados pelo seu padrinho, o ilustríssimo Alcalde de Arbo, Sr. Horacio Gil, prestamos assim homenagem aos nossos “nuestros hermanos”, realçando uma amizade não de sempre mas para sempre e que certamente será muito frutuosa, entre Arbo e a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

Em junho, decorrem também as celebrações que têm por protagonistas os finalistas do jardim-de-in-



fância da instituição e queremos aqui deixar a nossa gratidão a todas as crianças e seus pais/ encarregados de educação, que nos permitiram fazer parte das suas famílias e colaborar ativamente nesta árdua, mas bonita tarefa de educar.

Logo a seguir, vem o mês de julho, em que realizamos a já habitual “Feira à Moda Antiga”, celebramos uma semana dedicada à nossa Santa Casa, pois orgulhosamente as crianças que frequentam as nossas respostas sociais envergam o título de “Meninos da Santa Casa” e prestamos homenagem a todos quantos cuidam de nós e dos nossos avozinhos. Os meninos do Centro de Atividades de Tempos Livres iniciaram também as suas aventureiras “Férias em Movimento”, as quais se prolongam por todo o mês de Agosto e primeira quinzena de Setembro, mesmo em cima do início do ano letivo. Não podemos deixar de agradecer a todas as entidades que tão amavelmente colaboraram connosco na dinamização deste projeto de animação de tempos livres, permitindo que estes fossem verdadeiramente tempos de grande qualidade. De facto, as atividades que decorrem no centro de atividades de tempos livres, pretendem que as crianças descubram o melhor que a vida tem para lhes proporcionar, incentivando a prática do exercício físico e estimulando a aquisição de competências sociais, marcadas sobretudo pelo espírito de partilha e entreatajuda.

Em Agosto, a agitação é maior nas ruas e nas respostas sociais da Infância, o rebuliço continua... Muitas aventuras, rotinas diferentes, passeios, visitas, com um tempo e um espaço diferente, porque diferente também se torna o nosso concelho, neste mês em que os nossos emigrantes regressam à sua terra natal, para aqui disfrutarem de uns dias de férias. Já não são tantos os dias em que vimos à creche ou ao jardim-de-infância porque temos de aproveitar a presença dos nossos familiares que apenas vemos por esta altura ou então os nossos pais e encarregados de educação também têm uns dia-



zitos de férias. No Centro de Atividades de Tempos Livres, as aventuras e as férias em movimento seguirão a bom ritmo. Descobriremos Cevide, visitaremos o Sea Life, teremos aventuras na praia fluvial da Ponte de Mouro e, duas vezes por semana, lá vamos nós disfrutar das piscinas exteriores do Centro de Estágios de Melgaço. Sempre a bombar, como dizem os miúdos!



E eis chegado o mês de setembro, o mês que marca o início de mais um ano letivo e que traz mudanças, novas aventuras, novas dinâmicas, novas crianças. Terminam as férias e é hora de os miúdos mais crescidos retomarem as aulas, não sem antes participarem, juntamente com a Fundação Benfica, numa atividade de promoção de valores desportivos! Para as crianças da creche e do jardim-de-infância, inicia também um novo ano letivo, com as novidades inerentes a este ciclo que então se volta a abrir.

E assim se passam os tais meses que marcam a alma e a vida da gente, de forma indelével e que faz emergir os sonhos e objetivos traçados para mais um ano que se (re)inicia de forma transbordante para os restantes meses do ano, porque o encanto do trabalho com crianças é precisamente esse... não há dias iguais! Por isso, se no início do texto dizíamos que há dias e passamos depois a dizer que há meses, teremos então de dizer que todos os dias marcam a alma e a vida da gente...

Que assim seja! Até às próximas notícias cá de casa...



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Sabia que já pode fazer enxerto de dentina para
AUMENTO ÓSSEO usando os seus PRÓPRIOS
DENTES!!



Vantagens:

- Tempo mais curto de reintegração óssea;
- Não traz complicações pós-cirúrgicas;
- Ausência de rejeição por parte do sistema imunológico;
- Material dentário é mais denso que o material sintético.

Osso Humano	X	Biomaterial Dentina
		
Composição química: 60% - Hidroxiapatita 30% Colageno (tipo I) 10% Água		Composição química: 70% - Hidroxiapatita 20% Colageno (tipo I) 10% Água
Presença de fatores de crescimento: TGF, FGF, IGFs, BMPs, EGF, VEGF, PLGF, VEGF, AGF		Presença de fatores de crescimento: TGF, FGF, IGFs, BMPs, EGF, VEGF, PLGF, VEGF, AGF

Dente pode ser utilizado como transplante, pois a sua composição biológica e química é similar a do tecido ósseo.

Saiba mais na
EstheticSmile
Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço



Um retrato da freguesia de S. Paio (Melgaço) de meados do século XVIII



A freguesia de S. Paio é uma das mais antigas do concelho de Melgaço. Existem referências a um antiqüíssimo mosteiro que aparece documentado até ao século XII e designado como de “S. Pelagii de Paterni”, ainda que existam algumas dúvidas acerca da sua existência, segundo alguns autores. A paróquia, nos séculos seguintes, conserva-se com a denominação de “S. Payo de Paderne” até ao século XIX, embora apareça desde o século XVIII, por vezes, como “S. Paio de Melgaço” e as duas designações coexistam durante algum tempo. Apenas, a partir de 1936 é que oficialmente passa a ter a atual designação de “S. Paio”.

A igreja paroquial é dedicada ao mártir S. Paio, também conhecido como Pelayo de Córdoba, sobrinho do Bispo de Tui, tomado como refém por um rei mouro, e degolado no ano de 825, em Córdoba. A dita igreja paroquial situa-se no lugar, atualmente designado, de Cruzeiro. Contudo, nas Memórias Paroquiais de 1758, o Reverendo Domingos Gomes, pároco à época, refere que entre os lugares que compõem a freguesia se encontra “S. Payo em cujo lugar está situada a igreja com seis vizinhos”. A designação de “vizinhos” neste contexto não se refere ao número de residentes no lugar mas antes ao número de fogos (casas de habitação).

A denominação de Cruzeiro é utilizada pela primeira vez numa assento de batismo em 1798, sendo que antes o lugar era chamado de S. Paio, conforme se comprova na citação. É curioso o lugar se chamar Cruzeiro, derivado da presença de um cruzeiro quinhentista que apresenta a data de construção esculpida na pedra, vários séculos mais recente do que a igreja paroquial. A mudança de nome poderá ter a ver com o crescimento do lugar no setor junto ao cruzeiro e ao longo do antigo caminho que ligava este lugar a Montrigo e aos Lourenços. Julgo que esse crescimento apenas se começa em finais do século XVIII. Até aqui, perto da igreja, apenas existiriam não mais do que seis casas e algo dispersas nas proximidades da mesma. Os lugares mais extensos da freguesia seriam os dos Lourenços, Regueiro, Cavaleiro Alvo e Sante, sendo este último meeiro com Paderne.

Em 1758, o pároco de S. Paio dá-nos a lista de lugares que na época existiam nesta paróquia designada de “S. Payo de Melgaço”. O padre Domingos Gomes refere que a freguesia tem trinta e três lugares. “Seus nomes eram os seguintes: Cavaleiro Alvo, Fonte Gonçalo, terra de montanha, Amial, Quangostas, Raza, Requeixo, Sto. André, Cavencas, Paço, Ponte, Nogueiral, Veiga, Outeiro, Costa, Carpinteira, Granja de Cima, Granja de Baixo, Carreira, Rial, Alote, Gaya, Barral, Soutulho, Baratas, S. Payo (...), Rigueiro, Barreiros, Carvalha Furada, Lagendo, Lourenços e Sante, meeiro com a freguesia de Paderne em qual entra a Verdelha (...) estes dois são da alternativa de S. Payo ou Paderne e neste presente ano de 1758 até ao S. João são da alternativa de Paderne”. Em relação aos lugares meiros Sante e Verdelha, o padre Domingos utiliza uma linguagem algo confusa, querendo ele dizer que os lugares até ao S. João (mês de Junho) pertenciam a uma das freguesias e depois do S. João até ao fim do ano pertenciam à outra freguesia.

Conforme se pode constatar, a generalidade dos lugares que conhecemos na atualidade já existiam na época ainda que alguns apareçam escritos de uma forma algo diferente da atual. Apenas, salientar que o atual lugar do Granja é citado como dois, e não um lugar, com as designações de “Granja de Cima e Granja de Baixo”. Por outro lado, reparamos na existência de um lugar designado de Fonte Gonçalo que, juntamente com Cavaleiro Alvo, é descrito como as “terras de montanha” da freguesia. O mesmo lugar é mencionado até ao primeiro quarto do século XIX e depois aparentemente desaparece dos documentos. Tanto quanto me parece, este pequeno lugar parecia situar-se nas proximidades de Cavaleiro Alvo e/ou Lobiô mas carece de uma localização mais exata. Por último, saliente-se o facto de o lugar do Pombal, entre outros, não ser referido ainda em meados do século XVIII, presumindo-se que não existisse já que referências a nascimentos de crianças neste lugar só se verificam já no início do século XIX.

O padre Domingos Gomes refere-se também aos limites naturais da freguesia na sua parte mais altaneira. Menciona que “esta freguesia de S. Payo confina com a serra de Pumidelo, Outeiro Escuro, Gavianceiras, montes ásperos, que tem de comprido huma légoa e de largo duas légoas e meya. Principia esta serra na freguesia de Rouças, Fiães e Lamas de

Mouro e finda em Cubalhão e Paderne”.

No manuscrito da Memórias Paroquiais desta freguesia, o pároco faz referência aos dois principais cursos de água que correm em S. Paio. O mais curioso é reparar nos nomes utilizados na época. Em relação à chamada Corga de S. Paio que atravessa quase toda a freguesia em direção a Prado, diz-se o seguinte: “tem esta freguesia a Corga e Rio de Montrigo que principia no alto da Gavianceira e se recolhe entre as freguesias de Prado e Paderne”. Montrigo é a forma antiga de designar o lugar de Montrigo, localidade desabitada desde há mais de 30 anos e onde apenas existiu, em tempos, uma ou duas casa de habitação. Havia aí dois moinhos de águas comunitários que não funcionam há pelos menos 35 anos.

O pároco faz ainda alusão à corga que é o limite natural da S. Paio com a freguesia de Rouças, citada atualmente como a Ribeira de S. Lourenço. Há quase três séculos, a designação usada é completamente diferente. Atentemos neste extrato: “tem mais o Rio de Cantes que são limites desta freguesia e Rouças. Este tem seu princípio na serra de Pumidelo (...) o peixe desse são algumas trutas e anguias...”.

No total, a paróquia, contava, em 1758, segundo o pároco, com “vizinhos (fogos) duzentos e quarenta e nove e número de pessoas, setecentas e treze”. Se analisarmos os cadernos da paróquia de S. Paio entre os anos de 1758 a 1765, chegamos à conclusão que, por esta altura, nasciam à volta de 20 a 30 crianças por ano, estando a população da freguesia em franco crescimento, em face dos constantes saldos fisiológicos positivos. Em termos do número de óbitos, nesta época, os números situavam-se entre os 10 e os 20 óbitos anualmente, conforme se pode conferir nas tabelas.

Tomemos como exemplo o ano de 1765, em que nasceram 29 crianças na freguesia, registando-se apenas 10 óbitos, distribuindo-se os mesmos por diferentes lugares conforme as tabelas seguintes:

NATALIDADE EM S. PAIO (MELGAÇO) NO ANO DE 1765	
Lugar	Nº de nascimentos
Sante (meeiro com Paderne)	4
Lourenços	3
Cavaleiro Alvo	3
Barral	3
Barata	3
Granja	2
Nogueiral	2
Gaia	2
Paço	1
Ponte	1
Amial	1
Costa	1
Quingostas	1
Carreira	1
Carvalha Furada	1
TOTAL	29

MORTALIDADE EM S. PAIO (MELGAÇO) NO ANO DE 1765	
Lugar	Nº de Óbitos
Sante (meeiro com Paderne)	1
Quingostas	1
Nogueiral	2
Lourenços	2
Granja	1
Gaia	1
Cavaleiro Alvo	1
Carpinteira	1
TOTAL	10

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Tendo em conta os dados apresentados, entre 1758 e 1765, em menos de uma década, a população de S. Paio passou de 713, segundo informação do pároco da época, para um universo populacional aproximado de 800 habitantes. Podemos conferir esses dados na tabela seguinte:

Variação do Crescimento Natural em S. Paio 1758 -1765								
Ano/indicador	1758	1759	1760	1761	1762	1763	1764	1765
Natalidade	21	26	32	25	27	21	24	28
Mortalidade	13	14	19	14	17	16	15	10
Crescimento Natural (N-M)	8	12	13	11	10	5	9	18

Um outro pormenor que importa salientar é a prova da presença de população escrava na freguesia na época. Normalmente, os escravos eram propriedades de famílias nobres e em S. Paio tínhamos a “Quinta da Gaya” e a “Quinta da Lotta” (Alote) como exemplos de propriedade de famílias fidalgas locais. Assim, se atentarmos num assento de óbito lavrado em Janeiro de 1765, podemos ler o seguinte: “Francisco, preto, escravo de Manuel Joaquim António Pereira de Castro da Quinta da Gaya desta freguesia de São Payo. Se faleceu desta vida presente com todos os sacramentos e se lhe fez hum officio de sete sacerdotes... aos dezasseis dias de Fevereiro de mil setecentos e sessenta e cinco annos”.

Muito provavelmente este escravo pertencente ao senhor da Quinta da Gaia dedicar-se-ia a trabalhos agrícolas. Obviamente, a freguesia vivia essencialmente da agricultura como a generalidade do país. O pároco escreve em 1758 que, na época, em S. Paio de Melgaço se colhiam “frutos, milho, centeio, trigo e milho alvo em abundância” bem como “vinho em abundância”.

Em 1758, o abade Domingos Gomes fala-nos ainda da igreja paroquial e das capelas existentes na freguesia. A igreja de S. Paio, tinha três naves, uma com três arcos, e cinco altares: o do orago S. Paio, onde estava o Santíssimo Sacramento; o da Senhora do Rosário; o da Senhora do Carmo; o do Santo Cristo e o das Almas.

As capelas que atualmente existem na paróquia, à exceção da do lugar do Regueiro, já existiam pelo menos há cerca de 300 anos. Em meados do século XVIII, existem referências à presença de quatro capelas nesta freguesia: a de Santo André, a de Nossa Senhora do Amparo, a de Nossa Senhora do Bom Despacho e a de S. Paio, no lugar de Cavaleiro Alvo. Em relação a esta última, no livro “Diccionario Geográfico” de 1751, o autor refere que já nessa época existia no dito lugar “uma ermida com a invocação de S. Payo”. Sabemos que em 1758, a administração desta capela pertencia ao povo desse lugar.

Além desta ermida, havia nesta freguesia de S. Paio, em meados do século XVIII, a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho, no lugar de Barata. A mesma era administrada por um tal Manuel Fernandes, da freguesia de Rouças. Sabe-se que em 1913, já existia no lugar de Barata uma capela de invocação a S. Bento. Não sabemos se se trata da mesma capela antes citada da Nossa Senhora do Bom Despacho ou uma outra.

Em meados do século XVIII, já existia na freguesia de S. Paio, como se disse antes, uma capela dedicada a Santo André. A mesma capela era administrada pelo abade da paróquia, à época, o Reverendo Domingos Gomes que era natural do lugar da Rasa.

Falta fazer referência à capela de Nossa Senhora do Amparo, no lugar do Barral. A mesma já existia em meados do século XVIII, sendo referida nas Memórias Paroquiais de 1758. Na época, era administrada por Manuel Gonçalves, morador no lugar do Barral, juntamente com o Doutor Miguel Gomes de Abreu, da freguesia de Paderne, Diogo Álvares, residente no lugar do Granjão (Paderne) e Domingos Álvares, morador no Barral.

Apesar da escassez de fontes de estudo, ficamos com um retrato possível da freguesia de S. Paio numa época em que, segundo o seu pároco, atravessava uma época relativamente próspera que talvez ajude a explicar o franco crescimento populacional. Neste sentido, o pároco escreve, em 1758, “nesta freguesia se colhe vinho com abundância e em toda ella, excepto os dous lugares que estão no monte, Cavaleiro Alvo e Fonte Gonçalo, dá abundante pam para seu sustento de frutas peras e maçãs, alguns pêssegos e ortaliças e alfáceas, tudo isto se dá nesta freguesia e algumas castanhas...”.

FONTES CONSULTADAS:

- Arquivo Distrital de Viana do Castelo – Paróquia de S. Paio (Melgaço) – Livro de Assentos de Batismos (1721-07-02/1768-07-04).
- Arquivo Distrital de Viana do Castelo – Paróquia de S. Paio (Melgaço) – Livro de Assentos de Óbitos (1727-07-01/1803-06-08).
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo - “Memórias paroquiais da freguesia de S. Paio (Melgaço)”, in Dicionário Geográfico de Portugal, volume 27, nº 25, p. 149 a 152.

Valter Alves

(Blogue “Melgaço, entre o Minho e a Serra”)

VENDO
CASA EM
ALVAREDO
MELGAÇO

[PERTO DA ROTUNDA DO PESO]

TODA MOBILADA E PRONTA A HABITAR

COM 2 ROSSIOS, CANASTRO
E ÁGUA DE MINA

CONTACTOS
965 254 028 | 968 392 100 | 251 418 322



Caldo de “Xaramagos” à moda de Val de Poldros

Os saramagos dão-se bem em terrenos cultivados que, por terem a terra mais mole, fazem com que nasçam mais tenros e aos magotes.

Pela posição geográfica e por ter sido até há poucos anos palco de uma forte produção agrícola, Val de Poldros teve sempre grande abundância desta planta espontânea e rasteira.

Escavadas as batatas e segado o centeio, era vê-los brotar nos poulcos com as primeiras chuvas de Setembro. A “nacidade” ajudou a fazer deles e com eles belos manjares - o mais conhecido, o caldo. Não havia em Sto. António brandeiro que o não soubesse fazer e bem. Como tantas outras coisas, também o caldo de saramagos sabe muito melhor lá no alto de Val de poldros.

A receita é muito parecida à de qualquer outro caldo mas tem os seus truques:

Os saramagos devem ser apanhados antes do nascer ou depois do pôr do sol e postos em água a ferver durante cerca de ½ minuto.

Numa panela põe-se a cozer batata branca, cenoura, feijão manteiga, cebola, alho e sal.

Deixa-se ferver tudo até ficar quase desfeito e, no final, acrescenta-se os saramagos. Deixa-se repousar um bocado e está pronto.

Conta-se que o Padre Bernardo Pintor e o Ti Nestor (antigo brandeiro em Sto. António) acrescentavam ao caldo já pronto um bocado de toucinho derretido com cebola muito, muito picadinha. Há também quem lhe ponha farinha.

Mais truque, menos ingrediente, a verdade é que quem já teve o privilégio de comer este caldo sob os ares de Val de Poldros sabe que esse é o grande segredo da receita

Os barulhos “por couja da auga”

As zangas e os barulhos entre vizinhos “por couja da auga” são “históricas”. Valia tudo: satcholadas na cabeça, pegas, lutas de “alinternas”, maus-tratos verbais (cada um de fazer corar as pedras)... Enfim, os mais velhos até dizem que “rega xin um barulho num era a mesma couja”. Hoje são mais raros, mas...

- Quen anda aí? Quen è? Ah xeu demónio que me binhete tirar a auga!! Ele tu nun bês qu'inda nun è hora?

- A minha hora toda a vida foi ó conhicer dinheiro. Biro a tola nim que tu te remitches toda.

- Ora exprumenta mixer no rego. Abro-te a cabeça ó meio co'a xatchola.

- Ah mulhêr, qu'ês ben cm'a teu pai, ruim cm'ó feno. Exprumenta lebanar a xatchola que te zurzo aqui. E olha que nun hai testemuinhas.

- E tu és cm'a tua abó, Deu-la perdô, que por auga era cmó diabo por almas. Xeu estepor, eu xô mulhêr, mais ben aqui o meu home que te da uha coça que te mela.

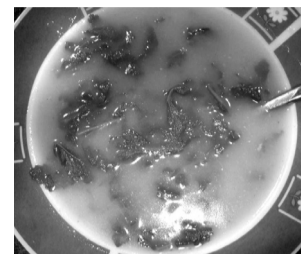
- Ele que x'astreba que o decepo. Nun foi ele limpar a poça que nun xe podia entrar, xemilhante banabóia...

- Jajus, tu nun fales axi do meu home. Cabaneira è a tua mulhêr que nin uha hortinha pon, parêce que ten o garfo nas rêns.

- Baixa mais è a xatchola e bai-te-me embora.

- Bou que a auga agóra è tua, mais, pol'a alma de quen Deus la ten, nun me tornes fazer outra, xe nõn hai barulho.

- Bai-te-me cum Deus! Nunca axi bi pra auga. Cando morreres, há-de xer um delúbio.



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Meus olhos podem não ver tudo.
Meus ouvidos podem não ouvir o eco de palavras secas e ríspidas.
Minha boca até pode calar o exame a que assisto no quotidiano que me cerca.
Minhas mãos sentem o calor da amizade e a frieza da incompreensão.
O cheiro da terra desafia os meus sentidos para a grandeza do respeito pela Natureza.
Tem épocas em que somos felizes com tão “pouquinho”!...
Nem todos sabem dar valor ao que nos rodeia.
Sempre amei os simples. E sempre levei com a in-

gratidão dos que se julgam acima de qualquer suspeita.
O Agosto terminou e eu colhi e sobrevivi com o amor de muito poucos, mas que são os essenciais para que a vida continue a fazer sentido.
Noutros tempos, tempos que já lá vão, havia toda uma treta de etiquetas da sociedade que ditava as regras para uma boa temporada de Verão.
As Termas continuam a ser o chique da sociedade agora mais requintadas e agregadas aos spas. Sempre houve estâncias de veraneio que ditam modas. O Algarve é um destino de férias por excelência. Mas há outros recantos belos neste Portugal tão rico e variado. As Serras têm um quê que nos chama e cativa.

Hoje sinto-me bem onde quer que esteja e com quem me faz bem. A luz dos meus olhos e a voz da razão do meu existir tem sido a minha pequerrucha que nunca me deixa parar!...

Tive a visita de Alguém, sangue do meu sangue, que resolveu visitar-me. Sei dar valor ao tempo que passamos juntos com aqueles que são nossos mas que às vezes se esquecem do quão precisos e necessários são na vida de quem os estima e ama.

E depois das “férias grandes” que Setembro saiba reavivar o desafio de um novo ciclo de cultura e educação sem atropelos e com a paz instalada nos holofotes políticos das campanhas pré eleitorais.

Férias!... são sempre férias

Helena Carvalho

Resolvi escrever a lápis.
Senti necessidade de viajar até ao passado e reviver meus tempos de meninice. É que ser adulto dá cá uma trabalhadeira!...
Aninhei-me e viajei entre os meus 4 e 10 anitos!...
Viajei até à colónia de férias na Foz do Douro. Lembro aquele casarão onde tantas jovens passavam aqueles parcos dias de férias longe da família mas que proporcionavam um são convívio entre raparigas que se encontravam pela primeira vez.
Tempos bons os da minha meninice!...
Lembro as férias passadas na Praia do Cabedelo, em Viana do Castelo.
Relembro outros dias passados em Ofir!...
Mas do que tenho saudades mesmo é das férias em

Família passadas na Póvoa de Varzim. Não esqueço os castigos dada a teimosia de levar avante as minhas traquinices!...
Minha querida Mãe esmerava-se na confecção dos nossos fatos de banho e roupa de praia. Tinha um orgulho enorme na sua prole.
Ricos momentos que já lá vão!...
Meu Pai era nosso por inteiro nas suas férias que sabiam sempre a tão pouco. As suas férias eram passadas longe da fábrica mas no coração do lar. A faina e labor da apanha do mel começava em Julho e prolongava-se até dar vazão às solicitações para que era chamado.
As mãos do meu Pai, tal como os da minha Mãe e Avó eram sagradas. Mãos de trabalho e mãos de afectos. Ainda recordo a bênção de meus pais. Minha Avó ti-

nha uma tèmpera muito dela. Tudo tinha que obedecer e andava tudo a “toque de caixa”!...

Agora, sentada neste novo escritório, acabadinho de “estrear”, sinto que tudo tem uma duração relativa. A idade avança e, não fossem os laços afectivos que nos honram e engrandecem, tudo ficaria perdido no tempo.

Dar graças por todas as bênçãos recebidas e agradecer do fundo do coração a todos que, sem excepção, directa ou indirectamente fazem a diferença na vida de cada um, é um imperativo.

E porque férias são sempre férias, façamos a diferença nos tempos que usufruímos em Família. Este ano não vou esquecer a Cascata que ficou na curva da lembrança.

38 baptizados e 7 casamentos em Agosto

Pelo que se depreende do boletim «O Vinhateiro», durante o mês de agosto, além das muitas festas por todas as freguesias e lugares do concelho, houve ainda um total de 38 baptizados, sendo que, desses, 7 foram celebrados na Peneda e 1 na Gaveira. Os outros 30 foram nas diferentes freguesias do concelho. Casamentos houve 7: - Gave, 2 em Lamas de Mouro, Paderne, São Paio, Parada do Monte e Cousse.

Felizmente, se bem aproveitadas, ainda há boas ocasiões para evangelizar de verdade e tudo fazer para que as pessoas se sintam atraídas pela beleza de ser cristão católico. Como diz o Papa Francisco: « o cristianismo não crescerá por proselitismo, mas por atracção. Saibamos nós aproveitar bem todas as ocasiões de sermos realmente acolhedores, comas palavras apropriadas, sem nunca fugir à verdade, mas ditas com aquela convicção, empenho e clarividência de quem pode dizer com verdade que o que diz corresponde ao que pratica cada dia nas relações com os outros. A este propósito, leia-se o artigo do padre Anselmo Borges, que publicamos noutra local.

Agenda de setembro de 2019 da Diocese de Viana do Castelo

Dia 1 a 8 – Novena da Senhora da Peneda
Dia 1 – Domingo XXII do Tempo Comum
Dia 3 – S. Gregório Magno, Papa e Doutor da Igreja – MO
Dia 8 – Domingo XXIII do Tempo Comum
Dia 8 – Festa de Nossa Senhora da Peneda
Dia 13 – S. João Crisóstomo, Bispo e Doutor da Igreja – MO
Dia 14 – Exaltação da Santa Cruz – Festa
Dia 15 – Domingo XXIV do Tempo Comum
Dia 16 – S. Cornélio, Papa e S. Cipriano, Bispo, Mártires – MO
Dia 20 – SS. André Kim Taegon, Presbítero e Paulo Chang Hasang e Companheiros, Mártires – MO
Dia 21 – S. Mateus. Apóstolo e Evangelista – Festa
Dia 21 – Abertura Solene do Ano Pastoral – Centro Pastoral Paulo VI (Darque) – 09h30
Dia 22 – Domingo XXV do Tempo Comum
Dia 27 – S. Vicente de Paulo, Presbítero – MO
Dia 29 – Domingo XXVI do Tempo Comum
Dia 30 – S. Jerónimo, Presbítero e Doutor da Igreja – MO

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEF. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES

TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

 **Agência Funerária ORQUÍDEA**

Auto Fúnebre Próprio
Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

A amendoeira e as amêndoas da minha infância

Teresa Tábuas

Durante a minha infância, vivi com a certeza de que as amêndoas eram doces, que se comiam na Páscoa e que podiam apresentar várias cores, embora as mais abundantes fossem brancas. Estranhava aquele “caroço”, que aparecia na boca depois de me deleitar com o doce do açúcar, que o envolvia, e que geralmente deixava fora.

Como para mim, nascida em Melgaço e pouco viajada na altura, as amendoeiras eram plantas desconhecidas para as nossas gentes, pois não eram plantas que se dessem no clima frio do nosso Alto Minho. Quando rumei a Braga, para estudar, os meus horizontes foram se alargando e recordo com saudade a minha grande amiga Lúcia Amendoeira, de Valpaços, que, para além de me ter ensinado a fazer croché, me ensinou sobre essa árvore e me contou que, no final do inverno, quando a neve deixava de aparecer na sua zona, a natureza cobria-se de novo de branco, mas, desta vez, eram as lindas flores da amendoeira que faziam a brancura da paisagem. Aliás existe uma lenda das amendoeiras que conta que há séculos atrás, antes do reino de Portugal existir, quando a região do Algarve era habitada pelos mouros, reinava o jovem Ibn-Almundim, famoso pelas suas vitórias bélicas. Um dia, entre os prisioneiros capturados, o jovem rei deparou-se com uma linda donzela de nome Gilda. Encantado com a beleza da rapariga, o rei enamorou-se dela, libertou-a, conquistou a sua confiança, cortejou-a e, por fim, casou-se com ela. A felicidade reinava entre os dois até que, um dia, a rainha adoeceu sem que ninguém soubesse a causa de sua enfermidade, mas a preocupação com a sua saúde espalhou-se por todo o reino. Um velho prisioneiro, que pertencia ao país de onde viera Gilda, ao saber que ela estava doente, pediu para ser recebido pelo rei, pois, dizia ele, que podia descobrir a causa da doença apenas ao olhar para ela. O sábio, conhecendo as origens da donzela, disse ao rei que o seu sofrimento era, simplesmente, nostalgia, pois sentia falta de seu país e da neve das terras do norte. O Rei perguntou ao sábio se havia algo a ser feito para curar a sua amada e o velho homem disse que a solução era plantar, por todo o reino, amendoeiras, para que, quando florisssem, as suas brancas flores, do alto do castelo, poderiam dar a ilusão de um campo de neve. O rei seguiu o conselho do sábio e mandou que fossem plantadas amendoeiras por todo o império. No final do inverno, o rei levou a rainha até o terraço do castelo e mostrou-lhe o reino repleto de amendoeiras que davam a impressão de um grandioso campo coberto de neve. Gilda, ao deparar-se

com aquela visão, sentiu-se reconfortada, encheu-se de alegria e recobrou as suas forças. Escusado será dizer que ambos viveram longos anos de um intenso amor, e esperavam, ansiosos, todos os anos, a espetacular visão das amendoeiras em flor.

É no Nordeste Transmontano, sobretudo nas terras da Terra Quente e do Douro Superior, mais para sul do distrito de Bragança, que se concentra a maior parte do amendoal português. São aos milhares as pessoas que, por exemplo, todos os anos passam na Festa da Amendoeira em Flor em Vila Nova de Foz Côa. Apesar de estar no interior do país, Vila Nova de Foz Côa traz a centralidade às suas fronteiras com os diversos eventos que mostra, não só a sua gastronomia, mas também as suas paisagens.

As amêndoas, que as amendoeiras nos dão, são extremamente nutritivas, sendo ricas em fibras, proteínas, vitamina E, magnésio, vitamina B2, fósforo, entre outros nutrientes importantes para a saúde. Além de ser extremamente saudável, é um alimento fácil de adicionar na dieta, pois pode ser consumido de diversas maneiras: inteira, ralada, como farinha, óleo, leite e manteiga. A amêndoa é a semente comestível do fruto da amendoeira doce, de cor branco brilhante, coberta com uma capa castanha avermelhada. Afinal era aquilo a que chamava “caroço”, que existia nas amêndoas da minha infância.

O número de benefícios da amêndoa, mesmo de uma pequena porção, é surpreendente. Apesar de ser rica em gordura, a amêndoa é uma grande aliada para quem precisa diminuir o nível do mau colesterol (LDL), aumentando o colesterol bom (HDL), que retira moléculas de gordura do sangue. Ao fazer isso, diminuí o risco de ataques cardíacos.

Um estudo publicado no jornal da Associação Dietética Americana explica que a amêndoa é tão importante para quem precisa diminuir o nível do mau colesterol porque ela é a maior fonte de vitamina E disponível na natureza. Além disso, elas ainda evitam que o LDL oxide, o que causaria problemas no coração.

Além da amêndoa, o leite de amêndoas é uma boa alternativa para substituir o leite de vaca, especialmente para quem tem intolerância à lactose ou alergia à proteína do leite de vaca.

Pode-se, ainda, afirmar que a amêndoa ajuda a tratar e prevenir a osteoporose, a diminuir as cáibras porque o magnésio e o cálcio ajudam na contração muscular, a evitar as contrações antes do tempo na gravidez devido à presença do magnésio, diminuir a retenção hí-



drica porque apesar de não ser um alimento diurético, a amêndoa tem potássio e magnésio que ajudam a reduzir o inchaço e a diminuir a tensão alta, porque a amêndoa também possui potássio na sua constituição.

Mas se a amêndoa possui estas propriedades o que dizer do óleo de amêndoa doce? Emoliente, nutritivo, plasticizante ... Quem usou este óleo durante a gravidez conhece bem os seus efeitos benéficos na prevenção das estrias. Mas não são, apenas estas, as propriedades do óleo de amêndoas doces. Desde a antiguidade que são reconhecidas as vantagens de usar óleo de amêndoas doces. Por suavizar a pele e atuar como um forte hidratante, é indicado para quem tem a pele seca, desidratada ou descamada. É ainda um poderoso anti-inflamatório, com grande poder nutritivo. Quando puro é rico em ácidos gordos, vitaminas A, B (B2, B6) e uma elevada concentração de vitamina E (essencial para a nossa pele). Contém também, proteínas, ácido fólico e sais minerais (zinco, ferro, cálcio, magnésio, fósforo e potássio). É recomendado por pediatras e dermatologistas, nos cuidados do bebé e apresenta diversos benefícios para a saúde e para a beleza, sendo um dos produtos naturais mais utilizados na cosmética, na actualidade. A sua aplicação é muito vasta: seja na pele, no rosto ou no corpo, pois é um hidratante perfeito, principalmente para áreas mais secas, apresentando propriedades emolientes, que favorecem a retenção de água na pele, mantendo-a hidratada.

Ana Júlia, a morte trágica deste Agosto

João Martinho

O falecimento de Ana Júlia Freitas, na sequência de despiste do automóvel em que seguia, marca um dos momentos trágicos deste Verão para a comunidade melgacense.

No dia 13 de Agosto, a adolescente de 15 anos de idade, natural de Paços, seguia no automóvel na companhia do irmão e outra rapariga de 16 anos, quando o despiste e queda de um declive, com “seis a 10 metros”, no Lugar de Assadura, a vitimou.

Segundo o Jornal de Notícias, com base em fonte do Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Viana do Castelo, o alerta foi dado pelas 19h30. Da ocorrência trágica, “para além da vítima mortal de 15 anos, uma rapariga de 16 anos ficou ferida e foi transportada para o hospital de Viana do Castelo”, noticiou o JN.

Ana Júlia frequentava o Curso Técnico de Recepção da ETAP – Escola Profissional, que já emitiu uma Nota de Pesar pela aluna.

“Neste momento de perda e de dor, a ETAP, através da direcção, professores, funcionários e colegas, presta solidariedade à família e lamenta intensamente o falecimento da aluna Ana Júlia, do 10.º ano, Curso Técnico de Recepção”, publicou aquela escola em nota publicada no site e redes sociais.

Os amigos, colegas de escola e restante comunidade acorreram em massa à Igreja Paroquial de Paços para prestar a última homenagem a Ana Júlia, no dia 15 de Agosto.

Descansa em paz, Ana Júlia.



Iémen: o estertor de uma nação

Costa Guimarães

O Iémen está a morrer... diante dos nossos olhos, à fome; mais de cinco milhões de pessoas no Iémen estão na iminência de morrer de fome! É a consequência de uma guerra ignorada e que, para a ONU, também ela de mãos atadas, gera a pior situação humanitária do mundo.

A escassez de alimentos — pré-fome — atinge catorze milhões de pessoas. Setenta e cinco por cento da população — 22 milhões de habitantes — necessita de ajuda e de protecção num país onde a miséria mata mais que os combates. A crise alimentar está directamente relacionada com a Guerra que divide o país, apesar de uma gigantesca operação humanitária que tenta minimizar os efeitos de um conflito iniciado em 2015.

O Iémen está submetido a uma guerra que opõem os hutis, apoiados pelo Irão e controlam o porto de Hodida e a capital Sanaa a uma coligação árabe sob comando saudita que defende o governo refugiado em Aden (no Sul).

ONG's como a Save The Children acreditam que cerca de 85 mil crianças menores de cinco anos morreram nestes três anos de guerra por desnutrição.

Tentemos então perceber este conflito ignorado pelo Ocidente.

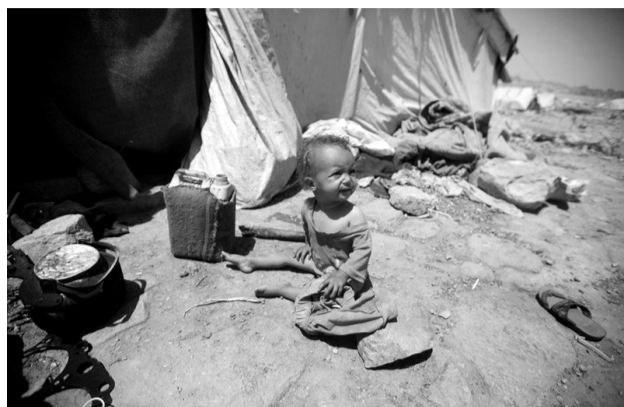
1. Como começou?

O conflito tem suas raízes na Primavera Árabe, de 2011, quando uma revolta popular forçou o presidente, Ali Abdullah Saleh, a deixar o poder nas mãos do vice, Abdrabbuh Mansour Hadi.

Esperava-se a paz, mas o presidente Hadi enfrentou ataques da Al-Qaeda e de um movimento separatista no sul, além da corrupção, insegurança alimentar enquanto muitos militares continuavam leais a Saleh.

O movimento huti, que defende a minoria xiita zaidi do Iémen e lutou contra Saleh na década passada, aproveita a debilidade do novo presidente e toma o controlo da Província de Saada e de zonas próximas.

Desiludidos, muitos iemenitas, mesmo sunitas, apoiaram os hutis, e, no final de 2014, os rebeldes tomaram Saná, a capital, forçando Hadi a exilar-se.



2. Quem se envolve?

O conflito agudiza-se em março de 2015, quando a Arábia Saudita e outros oito países árabes, principalmente sunitas e apoiados pelos Estados Unidos, Reino Unido e França, fizeram ataques aéreos contra os hutis para restaurar o governo de Hadi.

Esta coligação temia que o sucesso dos hutis daria ao Irão, rival regional e país xiita, um ponto de apoio no Iémen, vizinho da Arábia Saudita.

A Arábia Saudita acusou o Irão de apoiar os hutis com armas mas o Irão nega.

3. O que aconteceu?

Em 2015, as tropas da coligação conseguiram fixar-se na cidade de Áden e expulsaram os hutis e aliados do sul do país. O governo de Hadi está em Áden, mas o presidente continua no exílio.

Os hutis não foram expulsos de Saná e mantêm na cidade de Taiz, de onde disparam mísseis contra a Arábia Saudita.

Militantes da Al-Qaeda na Península Arábica e seus rivais, grupos ligados ao Estado Islâmico, aproveitam o caos e atacam territórios no sul do país.

O lançamento de um míssil balístico em Riad, capital da Arábia Saudita, em novembro de 2017, fez a coligação saudita reforçar o bloqueio contra o Iémen, para impedir o contrabando de armas do Irão para os rebeldes.

Todos os esforços da ONU para negociar um acordo de paz fracassaram.



4. Qual é o custo humano?

A situação é um desastre humanitário: sete mil civis morreram e onze mil ficaram feridos desde março de 2015, diz a ONU. Segundo o Conselho de Direitos Humanos da ONU, os civis têm sido vítimas de “implacáveis violações da lei humanitária internacional”.

No ano passado, um surto de cólera afetou um milhão de pessoas, das quais duas mil morreram - muitas delas, crianças, devido à destruição dos sistemas de abastecimento de água e saneamento.

A desnutrição aguda ameaça a vida de aproximadamente 400 mil crianças de menos de cinco anos e apenas metade das 3.500 instalações sanitárias do país funcionam completamente, o que significa que 16,4 milhões de pessoas carecem de assistência médica básica.

A guerra também forçou mais de três milhões de pessoas a fugirem de seus lares.

5. O que tem a ver consigo?

Apesar da gravidade, o conflito no Iémen é uma “guerra esquecida” pela escassa atenção que tem recebido do mundo mas o que acontece ali pode incendiar as tensões na região.

A Al-Qaeda na Península Arábica é o braço mais perigoso do grupo por seu conhecimento técnico e alcance mundial.

Estrategicamente, o país é importante por sua localização no estreito de Bab al-Mandab, que liga o Mar Vermelho ao Golfo de Áden, pelo qual passa grande parte dos navios petroleiros do mundo.

Agradecimento ao Governo de Portugal, ao Ministério da Educação e a um Agrupamento de Escolas de Braga

António Alberto

Hoje senti-me um cidadão reduzido à sua insignificância.

Fui à escola levantar os manuais reutilizados para a Ana Isabel, que vai frequentar o 5.º num Agrupamento de Braga. Sem qualquer ironia... fui atendido, com toda a atenção e educação, por uma funcionária que cumpriu o seu papel. À medida que os livros eram colocados em cima da mesa, sentia-me cada vez mais humilhado como cidadão deste país: livros sujos, rasgados, escritos, mal apagados... manuais que uma escola digna desse nome nunca deveria ter recebido dos seus alunos, que revelaram total desprezo pelo empréstimo dos livros no ano anterior.

Recebi os manuais em silêncio... e agradeci. Ainda me alertaram para o facto de ter cuidado, pois, se perdesse algum, teria de os pagar na totalidade. Tomei nota do aviso. Cheguei a casa tirei fotos do estado lasti-

mável em que todos se encontravam. Decidi que a Ana Isabel não os utilizaria. Encontram-se guardados até ao final do ano para devolver ao Agrupamento, com a certeza de que nenhum deles será extraviado. E, ainda, com uma pequena vantagem: a de que haverá, pelo menos, mais um aluno com direito a livros novos e não a lixo reciclável.

Obrigado, senhor Primeiro-Ministro... eu já sabia que detestava os professores, concluo que também não gosta de encarregados de educação nem de alunos, pois o seu gabinete não teve a capacidade de analisar a demagogia da medida e as limitações que a reutilização de manuais pode desencadear. Julgo que, inclusivamente, criou um prémio pecuniário para as escolas que mais reutilizem, ou seja, que mais reciclem lixo em formato de livro. Os alunos, os pais, os cidadãos deste país dispensam esta sua generosidade realizada com

recurso aos impostos dos portugueses.

É lamentável que os responsáveis governamentais nos tirem a dignidade, nos humilhem para encher os bolsos de alguns. De facto, é necessário que imensos portugueses sejam tratados desta forma para alimentar os interesses de minorias privilegiadas. «Os peixes grandes nunca deixarão de devorar os menores».

Se querem reutilizar os livros escolares, o governo tem a responsabilidade política de exigir às editoras a publicação de manuais com capas mais duras, sem espaços em branco para respostas e sem questões de escolha múltipla.

Contactei a Direção do Agrupamento em causa para lhe dar conta da situação... O silêncio foi a resposta.

(Neste desabafo, não se referem nomes, de forma a não infringir a Lei de Protecção de Dados Pessoais)

Matteo Salvini faz tremer a Europa

Costa Guimarães

Matteo Salvini, vice-primeiro-ministro e líder da Liga, abandonou o Senado italiano vergado ao peso de uma derrota, em meados deste mês, mas continua a fazer tremer a Europa, como um vírus instalado no seu coração. Os senadores do Partido Democrático (PD) e do Movimento 5 Estrelas aliaram-se e rejeitaram que a moção de desconfiança de Salvini fosse votada no dia 13. No Senado, novas alianças começam a ganhar forma.

Ele é um dos rostos do crescimento da extrema-direita, uma prova do falhanço da União Europeia. Itália, uma das democracias fundadoras da então Comunidade Económica Europeia — com a Alemanha Ocidental, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo —, é o primeiro país a cair totalmente nas mãos do ódio, contra o qual, para lá das razões de ordem económica, a comunidade europeia foi formada.

Quem sonhou um dia com os Estados Unidos da Europa (e foram muitos europeus, incluindo Churchill, o primeiro a cunhar a expressão) deve estar por estes dias convencido da sua total impotência.

A chegada ao poder das extremas-direitas — e temos França e Alemanha sob ameaça forte — é o atestado da incapacidade da União de fazer com que os Estados-membros subscrevam os seus valores que, por estes dias, parecem estar só no papel.

A derrota de Salvini e uma nova geometria parlamentar que parece desenhar-se em Itália, não nos deve deixar sossegados. De um lado, Liga, Força Itália e Irmãos de Itália e, do outro, 5 Estrelas (que lidera actualmente o Governo), PD e Livres e Iguais. Mesmo em minoria, Salvini não deixou de fincar o pé e desafiar as restantes bancadas: “Demitir os ministros? Não, nunca. Agora eu falo e vocês ouvem”, respondeu quando questionado sobre porque mantém os seus ministros no Governo e não cumpre o que ameaçou.

Em dezembro, na turística Praça del Popolo, no coração de Roma, o ministro do Interior Matteo Salvini foi a estrela de um comício organizado pelo seu partido — a Liga, de extrema-direita — para celebrar os primeiros seis meses do governo formado com o movimento populista 5 Estrelas.

Num grande palco armado na praça, que estava cheia, Salvini encerrou o evento — naquele dia transmitido ao vivo no Facebook, Instagram, Twitter e YouTube, um ineditismo na política italiana — celebrando os principais temas de sua agenda: críticas à imigração e à globalização, o direito de ter arma em casa para a legítima defesa, a defesa da família tradicional e dos valores cristãos.

TRUMP, PUTIN E BOLSONARO EM VERSÃO TRANSALPINA

Inspirado em Donald Trump e com apreço a nomes como o presidente russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, o político deixou de ser em dois anos o líder de um partido de extrema-direita, identificado especialmente com o Norte da Itália, para se transformar em uma liderança nacional, bem-avaliado inclusive no Sul, região historicamente menos desenvolvida.

Além da habilidade em captar os anseios e medos do italiano médio, há por trás de seu êxito uma bem-sucedida estratégia de comunicação.

Um dos principais expoentes da direita nacionalista e populista em expansão na Europa, Matteo Salvini foi eleito senador em março passado, no pleito nacional. As últimas sondagens mostram que ele é o político mais apreciado no país — cerca de 32% de aprovação, mesmo valor da Liga.

Em permanente conflito com a União Europeia (defendeu a saída da Itália do Euro), aproximou a Itália de países como Hungria e Polónia, para ajudar a extrema-direita europeia a conquistar a maioria dos assentos no Parlamento Europeu, o que não conseguiu.



A aliança com a francesa Marine Le Pen, no “Grupo de Visegrado”, nome da cidade húngara que sediou o primeiro encontro dos partidos conservadores, não viu reforçados os seus votos no Parlamento Europeu.

Salvini inspira-se em Trump para conquistar a liderança nacional e tem o apoio de Steve Bannon, ex-estratega de Trump e um dos simpatizantes de Bolsonaro no exterior. Bannon fundou uma organização — batizada de The Movement, na Bélgica — dedicada a impulsionar a onda conservadora no continente.

Salvini costuma ser o porta-voz nas polémicas e nos ataques contra os adversários, no plano interno (a esquerda, os intelectuais, a imprensa) e no externo — porque o primeiro-ministro Giuseppe Conte, discreto advogado, é ofuscado pelo furor mediático de Matteo.

A mais recente controvérsia é com a França, culpando a colonização francesa pela pobreza na África, o que se reflecte no aumento do número de imigrantes africanos na Europa — em especial na Itália, que fechou seus portos para barcos de ONG’s que resgatam naufragos no Mediterrâneo.

A França também é criticada por dar asilo a italianos que cometeram actos de terrorismo e condenados por crimes entre os anos 1970 e 80, como Cesare Battisti. Salvini postou uma montagem em que aparece ao lado de Jair Bolsonaro para atacar Emmanuel Macron. Reproduzindo a frase do brasileiro de que o Brasil “não dará mais abrigo a criminosos”, o italiano comenta: “A Itália espera uma declaração idêntica por parte de Macron”.

ESTRATÉGIA VENCEDORA?

Parte do seu sucesso se deve à reconhecida habilidade de comunicação. Nascido em Milão em 1973 numa família de classe média, filho de um director de uma empresa privada e de uma dona de casa, Matteo Salvini estudou história e ciência política na sua cidade natal, mas não concluiu nenhum dos cursos. Na época, teve o primeiro e único emprego, numa rede de fast-food.

Ex-comunista, filiou-se à Liga Norte. Aos 20 anos, em 1993, foi eleito vereador em Milão e nunca mais deixou a política — apesar de assumir a imagem de anti-sistema.

Além de passar pela Câmara dos Deputados e pelo Parlamento Europeu, ele foi jornalista, numa rádio e jornal ligados à Liga e sonhou ser repórter desportivo para cobrir futebol.

Salvini hoje é um crítico ferrenho do jornalismo, que considera um inimigo do governo, embora apareça com frequência em debates na TV ou em programas de auditório.

Matteo Salvini foi vencedor de “likes” no Facebook na Itália em 2018, segundo Universidade de Pisa.

Desde 2013, com um grupo de 30 pessoas ajudou a rescer um partido que tinha apenas 10% dos votos nacionais, com “uma comunicação influente e eficiente”, afirma Gianpietro Mazzoleni, professor de comunicação política da Universidade de Milão.



“Salvini criou um carisma muito particular e aprendeu a vender-se de forma simpática, próximo do povo e com uma comunicação directa e envolvente. A sua popularidade vem daí”, acrescenta Gianpietro Mazzoleni.

O seu segredo, destaca Mazzoleni, é usar as redes como “arma de penetração de massas”, repetindo o modelo já conhecido de Donald Trump de desintermediação dos media tradicionais.

“Ele sabe personalizar a comunicação e tem uma capacidade de ser simpático, de transformar as interações em algo pop”, argumenta Roberta Bracciale, socióloga dos media que dirige na Universidade de Pisa o Midia-Lab, laboratório que analisa e acompanha a política nas redes sociais.

O ministro cita com frequência personagens como Martin Luther King, ícone do movimento negro americano, mencionado no comício da Piazza del Poppolo, em dezembro, diante de centenas de apoiadores que exaltavam os valores cristãos e a política de seu partido contra a imigração.

Em 2018, segundo pesquisa do projeto MidiaLab, da Universidade de Pisa, Matteo Salvini e Luigi Di Maio (adversários nas eleições, mas depois parceiros na formação do governo) dominaram o Facebook com mais de 7,8 milhões de partilhas e interações cada um.

Tudo entra nos perfis do político nas redes: vídeos em directo improvisados, declarações oficiais, provocações à esquerda e aos críticos, a vida de adepto do Milan e fotos do quotidiano — refeições, culinária e os produtos italianos apresentados como os melhores do mundo.

A estratégia levou-o a colocar uma foto onde come pão com nutella ao pequeno, copiando Bolsonaro que apareceu a comer um pão com leite.

Como o presidente brasileiro, Matteo é conhecido pelas declarações racistas, como uma música ofensiva aos napolitanos e a sugestão para que os milaneses tivessem assento preferencial no transporte público em detrimento dos emigrantes.



Cônsul Honorário Dr. Carlos Lemos em amena e prolongada cavaqueira na esplanada do Café Melaço, em Melgaço. Da esquerda para a direita P.e Carlos Vaz, Dr. José Rodrigues Lima, Dr. Carlos Lemos, P.e Júlio Vaz e Jorge Ribeiro, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço

Casa do Povo de Melgaço apresentou Grupo Etnográfico com atenção ao detalhe

João Martinho



“Enquanto território com cultura alto-minhota, faltava-nos esta componente do folclore. Não havia em Melgaço ninguém a representar-nos a este nível. A nossa comunidade tinha esta necessidade de se juntar, fazer coisas”, observava o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, no final da primeira apresentação pública do Grupo Etnográfico da Casa do Povo de Melgaço.

No dia 16 de Agosto, a programação do Melgaço em Festa era de homenagem ao emigrante com festa nas principais praças, entre a Praça da República e o Largo Hermenegildo Solheiro, mas foi à noite que as raízes melgacenses mostraram que também conseguem fazer.

Os grupos provenientes das comunidades melgacenses na diáspora – Grupo Folclórico Amizades do Alto Minho de Messy e Grupo Aldeias de Melgaço (França) – abriram com a animação e cor que lhes é característica. O rancho de Messy, já repetente no palco da festa do Dia do Emigrante desde o ano passado, abriu as danças em palco. Seguiu-se o grupo Aldeias de Melgaço, constituído maioritariamente por emigrantes com origem

nas freguesias de montanha de Melgaço, que também se estrearam nestas festas concelhias.

A vontade de reforçar a identidade melgacense, mas também o rigor que o Presidente da Casa do Povo de Melgaço, Fernando Pereira (apoiado por investigadores, historiadores e artesãos locais) sempre quis para o grupo etnográfico deste concelho raiano foram determinantes para uma noite de praça cheia até ao final do espectáculo.

Manoel Batista elogiou a “grande qualidade da música, da dança e o rigor ao nível do traje”. “Foi muito bom ver nascer este grupo. Está de parabéns a comunidade, quer a residente aqui no concelho, quer a comunidade residente em França, pela capacidade de se organizar e fazer coisas, mostrar a vitalidade de Melgaço fora e dentro”.

Para o Presidente da Casa do Povo e impulsionador do projecto etnográfico, a sensação de que a apresentação grupo ao seu público pela primeira vez tinha sido um sucesso só se concretizou já depois de as luzes do palco terem apagado.

“Naquele momento, talvez pelo nervosismo e stress de um dia longo, não tinha a real noção do que estava a acontecer. A perspectiva vista de cima do palco é outra. Claro que estava atento ao que ia acontecendo e depois da segunda dança, vendo que estava a correr muito bem e a superar as minhas expectativas, fui descomprimido. Reparar no público, as imagens de satisfação e de alegria, os flashes dos telemóveis, fui percebendo que as pessoas estava a gostar e a interagir. Só mais tarde, quando desci do palco e senti o apoio e as mensagens de tanta gente a vir dar os parabéns ao grupo é que senti que realmente valeu a pena o tanto trabalho e esforço de todos”, revelou Fernando Pereira.

Para já, o Grupo ainda vai construir uma agenda que pretendem discreta, pelo que valerá a pena ir acompanhando as novidades do grupo nas redes sociais se quiser ver o grupo que honra os cantares, as danças e os trajes, que não enchem o olho de cores, mas enchem de orgulho as gentes que outrora assim o faziam como modo de vida.

Foto: João Martinho/Carlos Almeida

Alvaredo reviveu o Ramo e mostrou que as tradições ainda podem ser o que eram

João Martinho



Há mais de 30 anos que Alvaredo não cumpria a tradição do Ramo e por isso, no dia 3 de agosto, num revivalismo farto e de grande adesão popular, a freguesia mostrou que era possível trabalhar com o mesmo encanto em prol da paróquia.

Uma extensa fileira de tractores e carrinhas, ornamentadas com esmero e recheadas com cabazes de produtos locais, animais e outros, reuniu-se no Lugar de Padreiro para daí seguir em romaria até junto da igreja paroquial. À cabeça do desfile que reunia oferendas de todos os Lugares da Freguesia da Alvaredo, seguia um organizado e colorido grupo de dança, em marcha até ao largo da igreja.

A animação, sincronizada nas danças e de cantiga estudada, era o culminar dos ensaios semanais coordenados por Catarina Mira e Filipe Dias, este último convidado pela organização para o efeito.

A organização, assumida por Susana Araújo, Maria José Ribeiro, Paula Lira, Paula Fernandes, Daniel Soares e pelo pároco Arcélio de Sousa, colheu a simpatia popular e o ânimo de muitos que contribuíram para que, no dia festivo do Ramo se apurasse, “já com as despesas pagas”, cerca de 13.500 euros.

“Mas a quantia não pára de aumentar”, esclarece Susana Araújo, da organização do Ramo deste ano. “Haverá futuras arrematações depois das vindimas”, esclarece, face à impossibilidade de se fazer a arrematação [leilão] de todas as oferendas no dia da iniciativa. No entanto, a organização ainda não decidiu data concreta nem em que contexto será.

A ideia desta iniciativa em prol da paróquia, iniciada numa reunião do grupo, gerou receios, mas o entusiasmo entretanto gerado proporcionou o melhor dos desfechos.

“Ficamos um pouco reticentes, mas não baixamos os braços. Era uma tradição antiga, alguns de nós ainda nem existíamos quando se realizou o último Ramo. Avançamos com a ideia ao senhor padre Arcélio, que prontamente nos apoiou ao máximo. Reunimos a população, pois queríamos o maior número possível de pessoas envolvidas e a ideia foi muito bem aceite, ficamos muito surpreendidos pela positiva”, conta Susana Araújo.

Sobre a concretização dos planos para o dia festivo, que além do desfile, baile e arrematação das oferendas, teve ainda um grande jantar, a organizadora diz que se conseguiu o pleno.

“Correu tudo muito bem antes, durante e depois da festa. O jantar juntou mais de 300 pessoas e as arrematações foram um sucesso. Com o esforço de todos, tudo correu muito bem”, conclui Susana Araújo.

BRANDA DA AVELEIRA: Um caso de estudo que contraria as tendências do País?

Isabel Domingues



O êxodo dos jovens dos meios rurais e do interior para as grandes cidades não é só um fatalismo nacional mas sim um fenómeno à escala mundial, reflexo das novas tendências da sociedade. No sul de França, em Espanha, em Itália, na Grécia, no Reino Unido há aldeias completamente despovoadas. Em países que eram considerados modelos de coesão territorial!

Em Portugal, nos 118 concelhos dos distritos mais deprimidos, apenas vive cerca de 15% da população nacional, apesar de ocuparem quase 60% do território. É incrível e custa acreditar que, com tantos mil milhões de euros de investimentos da União Europeia, se tenha chegado a este ponto! O progressivo despovoamento do mundo rural levou ao abandono lugares onde, antes, fermentou vida e conduziu ao desaparecimento de parte essencial da memória e da identidade portuguesa.

A Branda da Aveleira é a confirmação de que quando há vontades (públicas e privadas) e uma ligação muito forte à terra tudo é possível!

Todos os anos, desde o sec. XII, no início de Maio, os brandeiros da Freguesia da Gave subiam com os seus rebanhos para os pastos da Branda da Aveleira, libertando desta forma os terrenos situados em altitudes mais baixas para o cultivo do milho e do feijão. Quando a tradição ainda era cumprida, os brandeiros permaneciam na montanha durante todo o Verão descendo, alguns, até à povoação ao Sábado para assistirem à missa de Domingo e levarem mantimentos para a branda.

Pelos caminhos do monte entre a freguesia da Gave e a Aveleira eram cerca de 5 quilómetros, o que explica o isolamento em que os pastores se encontravam até há alguns anos. Apesar deste isolamento, a Branda teve alguma dinâmica entre as décadas de 40 e 60 do século XX, com as minas do volfrâmio e com o plantio das batatas. A partir dos anos 60 e 70, a emigração massiva levou ao seu quase abandono total.

Há cerca de 20 anos, um grupo de trabalho, liderado pela Câmara de Melgaço e alimentado pelo sonho do Presidente da Junta de Freguesia (com uma forte ligação emocional à montanha) e com o apoio da ADRI-MINHO, lançou as sementes para a recuperação desta

aldeia “fantasma”, transformando-a num pólo de desenvolvimento e movimento de pessoas. Esta semente tem sido alimentada graças ao empenho conjunto dos privados e das autarquias.

Associados à recuperação das casas para turismo, vimos nascer vários projetos inovadores e sustentáveis: um restaurante com gastronomia típica onde a carne Cachena e o cabrito recheado fazem as delícias dos visitantes; explorações pecuárias que enchem a serra de animais, sobretudo de raças autóctones (Cachena e Barrosã) e que, simultaneamente, ajudam a manter e proteger a paisagem juntamente com o Garrano, o bravo cavalo das montanhas; o desenvolvimento da apicultura com a criação de uma estação de acasalamento da abelha Buckfast e que atrai à branda apicultores do resto do país, Espanha, França, Alemanha e países nórdicos; o projeto piloto da plantação de uma vinha em altitude, com a casta Alvarinho; o desenvolvimento de um projeto de fumeiro que encontra na branda o microclima ideal para a cura das carnes...

Mais recentemente assistimos a um novo e promissor investimento: **a plantação de batatas biológicas.**

Quatro jovens – João Carlos Araújo, José Luís Esteves, Vitor Sousa e Marco Sousa – juntaram-se e formaram a empresa “Terras Altas de Melgaço”, um projeto que pretende dar vida à história dos anos 40 do século XX.

O nome Batateiro (local junto à branda da Aveleira), poderá ter tido origem numa plantação de batata feitas na zona durante o período do pós-guerra. Foram estas plantações que motivaram a abertura da estrada desde Lamas de Mouro, local onde eram armazenadas as batatas num curioso sistema de silos.

Os trabalhos já deram início com a plantação de 1 hectare, aumentando, em 2020, para 15 hectares. A entidade certificadora é a AGRICERT e o mercado alvo será um mercado de nicho, o mercado biológico, a nível nacional e internacional, uma vez que há muita procura para exportação.

A primeira colheita decorrerá a partir de meados de setembro e a empresa pretende assinalar

este momento com uma festa de forma a possibilitar, àqueles que o desejarem, a participação nos trabalhos da apanha. As inscrições, com limite de participantes, serão divulgadas brevemente. No final, a experiência acaba com a degustação da carne Cachena, provas de favos de mel (ambos produtos produzidos na Branda) e muita animação.

A problemática do êxodo rural e do despovoamento tem vindo, ao longo dos últimos anos, a assumir uma relevância cada vez maior no contexto das grandes questões que atualmente preocupam a comunidade científica, os políticos e a sociedade em geral.

Para travar este fatídico futuro constitui relevante importância o empenho das autarquias locais para que, no terreno e em colaboração com as populações, criem oportunidades (não entaves) para desenvolver a estrutura microempresarial, ativem os serviços de proximidade e criem as infraestruturas de apoio necessárias.

Melgaço possui um enorme potencial natural uma vez que foi “abençoado” com uma paisagem única e variada, solos férteis, cursos de água abundantes e um microclima muito específico que facilita muitas culturas, nomeadamente da casta Alvarinho, e a cura e maturação das carnes para a elaboração do fumeiro.... Só faz falta uma pitada de imaginação, obstinação, apego à terra e vontade de trabalhar. O concelho ganha com o êxito das empresas e as empresas com a dinâmica do concelho.

Utilizando as palavras do presidente da Junta da Gave, Agostinho Alves, “é no interior do país onde se escondem as maiores riquezas, onde se guardam as melhores memórias e onde pode ser construído um futuro com mais qualidade. Interessa que os decisores políticos não olhem para estes territórios como um fardo ou uma fatalidade mas sim como uma esperança”.

A Branda da Aveleira é atualmente um museu vivo, algo que ficou do passado e que nos transmite alguma esperança para as gerações futuras. Importa descobrir se este exemplo será um case study que contraria uma tendência...



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI

TRANQUILIDADE

ZURICH

O QUE É SEDAÇÃO CONSCIENTE COM ÓXIDO NITROSO?

FAÇA O SEU TRATAMENTO
DENTÁRIO SEM MEDO!



Método de sedação que
tranquiliza o paciente de
forma rápida e segura,
tornando-o relaxado.

A quem se destina esta técnica anestésica?

- Doentes com muito medo da dor e/ou com níveis de ansiedade muito altos.
- Crianças pouco colaborantes;
- Doentes com deficiências físicas e psicológicas;
- Cirurgias de maior complexidade;

Pode ser usada em doentes hipertensos e diabéticos!

Saiba mais na
EstheticSmile

Tel. +351251 00902
808215415

Largo da Feira - Melgaço

Electrificação da Linha do Minho até Valença deverá ficar concluída em 2020

João Martinho

No dia 16 de Julho, O Primeiro-Ministro, António Costa, marcou presença no dia “histórico” para Viana do Castelo e para o Alto Minho. A entrada em serviço da circulação eléctrica no troço Nine-Viana do Castelo da Linha do Minho foi assinalada com cerimónia que decorreu na entrada da estação de comboios da cidade, na qual o líder do Governo se referiu ao momento como “um dia particularmente feliz para Portugal”.



A electrificação do troço Nine-Viana do Castelo custou 16 milhões de euros e está já em curso a electrificação do troço entre Viana do Castelo e Valença, que estará concluída no segundo semestre de 2020.



O Primeiro-Ministro destacou que o investimento na Ferrovia 2020, com mais de 2 mil milhões de euros mobilizados, “é um dos grandes objectivos que o país tem de ser capaz de concretizar”, assegurando que a aposta do Governo na ferrovia é um elemento “fundamental” para a internacionalização da economia.

de, aumento da segurança rodoviária e melhoria das ligações internacionais do corredor norte-sul (Porto – Vigo).

A electrificação da Linha do Minho proporciona uma diminuição do tempo de trajecto, aumento da competitividade do transporte ferroviário, aumento da capacidade de comboios, aumento dos níveis de segurança e de fiabilidade,

O projecto de modernização compreende ainda a supressão de passagens de nível, novas subestações, intervenções em túneis e pontes, instalação de sistemas de telecomunicações e sinalização. Tem um investimento total previsto na ordem dos 832 milhões de euros e deverá ficar concluída em 2020.

Em vigor 07 de maio 2019 * Consulte as condições online

LINHAS REGULARES DE AUTOCARRO PORTUGAL / FRANÇA

LINHA DE PARIS	VIAGENS Low-Cost!	NOVA LINHA DE LYON EXPRESS
<ul style="list-style-type: none"> Até -22€* ROUEN PIERRELAYE PARIS - CHARENTON LINAS BALLANCOURT ORLEANS BLOIS POITIERS LIMOGES ANGOULEME CASTETS HENDAYE / IRUN 	<ul style="list-style-type: none"> PONTOISE ARGENTEUIL VERSAILLES 120€* IDA VOLTA ARPAJON ÉTAMPES VIERZON 100€* IDA VOLTA TOURS 40€* IDA CHATEAUROUX ROMAZIERES BORDEAUX BAYONNE QUINTANA DEL PUENTE 	<ul style="list-style-type: none"> VIAGENS A PARTIR DE JULHO • ALBERTVILLE • CHAMBERY • LA TOUR-DU-PIN • LYON • SAINT-ETIENNE • THIERS • CLERMONT-FERRAND • PERIGUEUX <div style="border: 1px solid red; padding: 5px; text-align: center; color: white;"> <p>PREÇOS IMBATÍVEIS REDUÇÃO* ATÉ -22€*</p> <p>RESERVE JÁ</p> </div>

- ESPOSENDE
- PÓVOA DE VARZIM
- VILA DO CONDE
- PORTO
- VALONGO
- PENAFIEL
- AMARANTE
- VILA REAL
- V.P. DE AGUIAR
- CHAVES

- ARCOS DE VALDEVEZ
- LINDOSO
- PONTE DA BARCA
- VILA VERDE
- PRADO
- BARCELOS
- BRAGA
- V.N. FAMILIÇÃO
- TAIPAS
- GUIMARÃES
- FAFE
- ARCO DE BAÚLHE
- RIBEIRA DE PENNA

- PONTE DE LIMA
- VIANA DO CASTELO
- V.P. DE ANCORÁ *NOVIDADE*
- CAMINHA *NOVIDADE*
- V. NOVA CERVEIRA *NOVIDADE*
- PAREDES COURA
- VALENÇA
- MONÇÃO
- MELGAÇO *NOVIDADE*

Passagem pela fronteira de Melgaço

(+351) 258 454 303
(+33) 01 79 97 48 50
INFO@BARQUENSE.COM

BARQUENSE - AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.
FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

SEDE: RUA DOUTOR JOAQUIM MOREIRA DE BARROS, 3
WWW.BARQUENSE.COM

4980-634 PONTE DA BARCA • PORTUGAL
CONTRIBUINTE: 500958785 • RNAVT: 1849

Clínica OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
 www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

OSTEOPATIA Dra. Cátia Rocha	ORTOPEDIA Dr. José Teixeira	PSICOLOGIA Dra. Vanesa Alvarez	SHIATSU Terap. Iris Fernández
---------------------------------------	---------------------------------------	--	---

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Sejamos verdadeiros: A saúde está mesmo mal

Não enganemos as pessoas

Carlos Nuno

Aproximam-se as eleições de 6 de Outubro, e gostaríamos de aproveitar a ocasião para incentivar fortemente à participação no acto eleitoral e a que cada um exerça o seu voto de forma esclarecida e livre.

Mas anda muita poeira no ar. É preciso atalhar a este cancro que está a minar o que de melhor tem a sociedade: as pessoas, mesmo quando doentes e idosas.

O caso é este e acompanho-o há mais de 40 anos. Já falei da Leonor Patrão, das Marinhas, em Esposende, que há 56 anos, vítima de acidente de trabalho numa saibreira, ficou paraplégica, de forma que nem numa cadeira ou sofá se pode sentar. Tem que estar sempre deitada e já há anos algaliada.

Pouco antes da Páscoa deste ano, depois de vários avisos feitos ao enfermeiro que a acompanhava em casa da irmã Lurdes, que por ela vela e cuida há 40 anos, como cuidou dos pais de ambas, teve que ser internada em Barcelos com feridas de tal maneira graves nas nádegas que esteve internada até ao dia 17 de Agosto, depois de ter tido que ir até ao Hospital de Braga para intervenções aos rins. Nesse sábado para esquecer, de surpresa, pelas 15 horas, telefonam à irmã a dizer que às 16 horas estava uma ambulância em Barcelos para levar a Leonor para os Cuidados continuados de Melgaço. A irmã tinha compromisso inadiável e não pôde acompanhar. E questionava-se: como podem mandar minha irmã para tão longe, ela que ainda não está curada das feridas, sendo que tem de fazer viagens tão longas que só podem agravar a situação?

Mas não houve nada a fazer.

Na terça-feira, 19, pude visitar a Leonor. Eu que, apesar da situação de saúde frágil e das limitações, que acompanho há tantos anos, e nunca vi a chorar, mesmo quando no rosto se tornavam evidentes as marcas do sofrimento físico, dou com a Leonor banhada em lágrimas. Não aguentava o afastamento da família, pois, apesar de todas as limitações, sempre a acarinharam com ternura inexecedível.

Pior ainda. A irmã Lurdes, que nestes 40 anos, nunca teve férias para não deixar sozinha a irmã, e que aceitou a modesta casa dos pais como parca recompensa para obrigação de tomar conta deles e da irmã doente, vê-se agora confrontada com uma legislação iníqua que a obriga a custear os 980 euros que a Segurança social lhe exige pelos cuidados continuados. A Leonor tem uma pensão de invalidez de 420 euros! Está na situação de debilidade e deficiência física enorme há 56 anos. Tem sobrevivido graças aos cuidados e carinhos da irmã. E agora, só porque fruto do trabalho dela e do marido, conseguiram uma pequena fábrica familiar em que trabalham apenas os dois e apresentam um vencimento para o próprio sustento e as inevitáveis despesas, tendo que pôr ainda do deles para poderem cuidar da irmã, têm que completar a pensão de invalidez e garantir os 980 euros?

Se deixassem a Leonor na imundície e a desprezassem, chamavam a Segurança social para garantir um rendimento mínimo e quiçá dar-lhe uma casa, como acontece com certas pessoas que só sabem estar ao sol, sem trabalhar. Porque a irmã e o cunhado se abalçaram à vida e, a muito custo, conseguiram um pequeno pecúlio, têm que completar o custo do internamento nos cuidados continuados? Se fosse possível cuidar em casa, a irmã tomava conta, apesar de tudo, como o faz há 40 anos. Sendo que tem de estar num centro especializado para poder ter os cuidados necessários, não é isto um cuidado de saúde? Onde está a saúde para todos, sobretudo para quem mais precisa?

Alertadas as pessoas para a situação de afastamento do Hospital e do agravamento que as viagens podem causar nas feridas ainda por curar, esquivam-se, dizem que não sabiam, que é impossível, etc. E há a promessa de que a primeira vaga mais perto do Hospital de Barcelos, será para ela, como já o devia ter sido quando a mandaram para os cuidados continuados.



A Leonor nos Cuidados Continuados de Melgaço com a sobrinha Sara e o seu filhinho

Era destes problemas, que quem vive longe dos hospitais experimenta muito fundamente na própria carne, que gostaria que se tratasse a sério. A Comunicação Social só pensa nos grandes centros urbanos. Se uma maternidade fecha temporariamente, aqui del'rei porque tem a grávida de fazer uma viagem de 20 quilómetros, ou mesmo 60. e os que vivem a 150 e mais quilómetros e que não têm metro nem comboio à porta, nem sequer autocarro? É assim que se desenvolve e protege o interior?

No meio de tanta amargura pela distância e sem poder utilizar o telemóvel para estar mais contactável, mas levando-lhe lá a extensão do número local, a Leonor tem-se animado com o carinho recebido da irmã e sobrinhos e de algumas pessoas amigas de Melgaço que a têm visitado e confortado. É uma senhora que vale a pena visitar. Está no quarto 107A. Para bem dela, oxalá apareça a vaga bem mais perto do hospital de Barcelos.

Flashes do Ciclo

Onde mora a democracia

Arménio Melo

Recentemente, realizaram-se as Eleições, para presidente, da Comissão Europeia. Após duas votações, foi eleita, uma senhora alemã. Tudo correu, como o costume, democraticamente. Foi eleita, uma deputada, pertencente ao maior partido, do Parlamento Europeu. Poder-se á dizer que, no Parlamento, havia melhores candidatos. É possível. Mas é problema democrático. Nem sempre, ganham os melhores. Assim, o que admirei, foi os comentários, dos intervenientes. Com efeito, os que elegeram a presidente, disseram que vencera a democracia, mas, os que perderam, incluindo o governo português e os partidos que o apoiam, lamentaram, a falta de democracia. Efectivamente, um deputado português, dizer que o Parlamento, perdeu a oportunidade de eleger um presidente democrata, ao aprovar uma candidata, apoiada por Angela Merkel, insinuando a democracia de Merkel, é mostrar bem, qual a democracia que desejam. Em Portugal, sabemos bem, quais os regimes que desejam, que são os regimes de: Coreia do Norte, Cuba, Venezuela e Rússia. Na Coreia do Norte, nem se fala em eleições. Em Cuba, fala-se em eleições mas,

só podem votar, no partido do poder, Partido Comunista, obviamente. Na Venezuela e na Rússia, fala-se em democracia porém, actualmente, está à vista, as liberdades que tem as oposições. Efectivamente, os partidos ditos de esquerda, são os que, mais falam no valor da das liberdades mas, sempre que podem, atacam as liberdades dos que não concordam com eles. Com efeito, foi noticiado, que o Presidente da América, vinha a Portugal, logo apareceram, os protestos e apelos ao governo por, para eles, era pessoa non grata. O Mesmo se passou com Bolsonaro., homens que foram eleitos, em eleições democráticas, nada comparado, com as eleições de Putim e Maduro. Efectivamente, Em Portugal, há a percepção, que só a esquerda, tem o direito de se manifestar. Com efeito, é ver o que acontece, a quem fala em Salazar. Já faleceu há 50 anos, mas parece, que temem que volte. Há tempos, foi noticiado, haver intenção, da Câmara de Santa Comba Dão, transformar a casa, que foi de Salazar, em Museu. Logo apareceram, os democratas, contra o que os seus conterrâneos, queriam fazer e o caso parecia ficar esquecido. No entanto, parece

que agora, vai ser excutado, mas já há elementos, comunistas e bloquistas que se manifestaram contra, alegando ser um perigo, criar um lugar de peregrinação, em Santa Comba Dão.. É caso para perguntar: – Então, Salazar, para eles, nada tinha de bom e agora, mostram essa preocupação? Mais, há pouco tempo, um lavrador de Santa Comba Dão, rotulou as garrafas do seu vinho, para venda, cujo título era:-VINHO DE TERRAS DE SALAZAR. Mas, sempre os mesmos, apareceram com os protestos e o Rótulo foi proibido. No ano passado, ocorreu, uma conferência internacional em Lisboa, organizada por um estrangeiro o qual, fez também convite, a Marina Lepene. No entanto, teve de a despedir, por pressão dos democratas portugueses. Este medo que, as esquerdas, estão a ter, às direitas, só lhes dão força. Com efeito, na União Europeia, o partido comunista português, é o único, que mantém o nome, porque infelizmente, em Portugal, ainda existem muitos lapóneos a sonhar.

A verdade é que, não faltam democratas, nem defensores das liberdades, mas, cada um, quer como a si lhe interessa.

Do “Vale do Lima” | X

P. M. Domingues

Mais uma memória retratada numa carta recebida.
“Régua, Setembro de 1998

Senhor Padre Manuel-Caro amigo: Recordo, nesta hora, o nosso primeiro encontro, há 27 anos, no café do saudoso amigo Eduardo Barreira, das conversas e ideias partilhadas, apesar das nossas divergências. Sempre acreditei nos seus sentimentos de Homem de bem. O tempo tem demonstrado, que a sua vida é pautada por uma conduta irrepreensível a todos os níveis. Não podia, pois, alhear-me completamente da homenagem que os meus conterrâneos organizaram se, ao menos, lhe reiterar pessoalmente a minha grande amizade e a gratidão por tudo quanto tem feito pela minha Terra, nomeadamente pelos mais desfavorecidos. Estou certo, meu caro padre Manuel, que o seu nome continuará a crepitar na lareira da nossa memória, a dignificar todos os cantos do sentir e pensar humanos, a fomentar o sorriso e a frontalidade educada. Continuará a ser uma referência no nosso futuro. Apenas-me este vazio e o diluir do traço de união apelativo que muitas vezes protagonizou para que a harmonia se restabelecesse

quando a discórdia campeava. Outros caminhos e novos desafios reclamam a sua presença. Ninguém poderá impedi-lo de levar o seu contributo solidário onde quer que seja. Dói-me o pensamento e esta mão que escreve, ao saber que vai partir, mas nem por isso lhe digo adeus- digo até sempre, porque eu nunca perdi ninguém, que tivesse sido meu Amigo e Amigo dos meus Amigos. Desejo-lhe muita saúde, muita vida e paciência apostólica para poder continuar a semear o Bem. Um abraço do tamanho da Fraternidade e Solidariedade autênticas, que são o seu Bilhete de Identidade, revestido da mais pura humildade. Luís Barbosa”.

Penso que esta *memória* recomenda melhor o remetente do que o destinatário. A espontaneidade com que escreve, a amizade que demonstra são notas que definem um Homem como o Luís. “Apesar das nossas divergências”, eu *crente*, ele dizendo-se *não crente*, estivemos no mesmo patamar das grandes causas.

Costuma dizer-se *praticante* o que frequenta acções litúrgicas da Igreja, mas esta suposta vivência não esgota a liturgia celebrativa. Muitos *descrentes* ou *ateus*

celebram, com fervor, a liturgia do Bem, da Solidariedade e até do Amor, melhor que muitos de nós, apelidados *crentes*. Porque, então, não lhes chamar e eles deixarem-se chamar de *praticantes*?! Prefiro um *“ateu”* destes, a um *“crente”* daqueles que se contentam com algumas cerimónias religiosas sem consequências na vida! Na parábola do Bom Samaritano, Jesus pôs o Evangelho nas estradas da vida (as periferias de Francisco) e estabeleceu o novo culto da fraternidade, no amor (Jo 13,34-35) e na paz (Jo 14,27)!

O *ateu* honesto, não nega a Deus; nega as imagens de deus a que teve acesso por uma formação deficiente ou escândalo de quem falando em nome de Deus mostra d’Ele uma caricatura ridícula. O teólogo Tomás Halik, nos seus livros, tenta demonstrar que é possível o diálogo dos *crentes* com os *ateus*, naturalmente numa base de respeito mútuos, aproximando e nivelando trincheiras.

NOTA: aceito que haja quem discorde deste modo de pensar.

8º ARTIGO | 2019

Alimentação mais sustentável

Ana Cristina Costa

Recentemente foi divulgado um estudo sobre as grandes tendências agroalimentares em Portugal, intitulado “10 tendências da comida do futuro”, realizado pelo IPAM – Instituto Português de Administração de Marketing, com base num painel de especialistas do sector público e privado que reuniu, entre outros, professores universitários, chefes de cozinha e empresários agroalimentares. Assim destacamos as que do ponto de vista ambiental terão mais interesse:

1) **Redução do desperdício alimentar** - O estudo em causa prevê, nesta área, uma evolução considerável. Sendo atualmente o desperdício ao longo de toda a cadeia logística alimentar de quase 1/3, dentro de aproximadamente uma década, esta percentagem deve descer para os 15%.

2) **Maior consumo per capita de produtos biológicos** – os experts creem que o mercado de consumo de produtos biológicos em Portugal, terá um grande incremento, assim, o consumo per capita de 4 € passará para os 10 €.

3) **Gastronomia Regional certificada como Reserva Gastronómica Mundial** – Portugal é conhecido pela sua excelente gastronomia, assim é necessária a valorização dos produtos autóctones e da gastronomia regional, tais como, nesta região: de pratos tradicionais como os rojões à moda do Minho ou o “pica no chão”.

4) **Crescimento da agricultura sintrópica** - um

conceito inspirado na dinâmica dos ecossistemas virgens, caracterizado pela organização, integração, equilíbrio e preservação de energia no ambiente. É uma Agrofloresta.

5) **Canal Horeca Nacional com certificação slow Food** – os hotéis, restaurantes e atividades de catering vão procurar uma aproximação ao modelo Slow Food, com projetos diferenciadores e, até com certificação. Assim, os consumidores vão valorizar o produto/comida, o meio ambiente e a qualidade das suas refeições.

6) **Pegada de carbono ganha peso na escolha dos alimentos** – esta é uma mudança comportamental. Os consumidores vão estar mais empenhados na redução da pegada de carbono e, nas compras, selecionarão cada vez mais os produtos guiados por fatores como os quilómetros percorridos pelos alimentos. Assim, os fornecedores / distribuição, vão procurar encurtar os circuitos e oferecer produtos de proximidade.

7) **Rotulagem clara e objetiva** - as embalagens tendem a conter informação clara e objetiva sobre a composição dos alimentos, ex. açúcar, sal, intensificadores de sabor e outras substâncias usadas nos alimentos, a par de aditivos conservantes vão, assim, tornar-se mais visíveis dando mais oportunidade a uma escolha consciente da parte dos consumidores.

Além destas mudanças apostaríamos noutras de forma a sermos mais sustentáveis, reduzindo a nossa pegada ecológica, nomeadamente:

– Minimizando o consumo de carne, peixe, ovos e derivados animais dada a elevada pegada ecológica destes produtos, a questão da sobrepesca e bem-estar animal, não esquecendo o impacto que tem na saúde humana. Para fonte de proteínas tentar usar mais leguminosas (feijão, lentilhas, grão de bico, etc.) e para substituir o leite fazer bebida de amêndoa, soja (não OGM!) e afins.

– Reduzindo embalagens – dar preferência a produtos menos embalados e reclamar junto das empresas para minimizarem embalagens. Levando sacos reutilizáveis e sempre que possível procurando lojas que vendam a granel. Fazer as suas próprias compotas e conservas, reutilizando embalagens e evitando desperdício alimentar, nomeadamente nesta época do ano (tomate, maçãs, etc.). Beber água da torneira e não engarrafada.

– Preferindo produtos da época, reduzindo o uso de estufas (tantas vezes associados a grande consumo de agroquímicos) e o transporte de longas distâncias.

– Minimizar os fritos mas, sempre que não possa deixar de produzir óleos alimentares usados (OAU) guardá-los num recipiente e depositá-lo em oleões.

– Faça o seu próprio pão, bolachas, etc. assim sabe o que está a comer!

Festeje da melhor forma o Dia Mundial da Alimentação – 16 de outubro, celebrando a data com produtos locais, sazonais e biológicos, confeccionados em pratos tradicionais saudáveis!

Eleições de 5 de Outubro

Claro que, sendo o jornal de periodicidade mensal, não temos qualquer hipótese de dar voz aos 21 partidos que concorrem às eleições para a Assembleia da República.

Fazemos sim um apelo a que todos façam o máximo por votar e por o fazer em consciência naquele partido que, de acordo com a informação disponível, parece garantir melhores condições de vida para todos os cidadãos.

Porque a edição de 1 de Outubro cairia em cima do ato eleitoral, decidimos que a próxima edição seja concluída depois do dia 6 e permitindo-nos uma informação mais completa e próxima para os nossos leitores, sobretudo os que vivem fora de Melgaço, especialmente no estrangeiro.

Não estranhem pois se o jornal só chegar a vossas casas pelo dia 10 ou 11.



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Crónica do Peso - Melgaço [O Peso há 80 anos]

R. da S.

O tempo. Variações de temperatura. Como decorre a vida na Estância Termal. Diversão popular no Parque “Ranhada”. Restauro de uma “Alminhas”. Hóspedes ilustres

O abaixamento brusco da temperatura desencadeou algumas bategas de chuva que, no dizer dos vicultores prejudicou a nova colheita do vinho, tão bem começada e auspiciosa.

Esta irregularidade de temperatura parece ter a sua influência, não só na vida agrícola, mas na afluência dos aquistas, que diminuiu um pouco. Radiantes de alegria pela eliminação de açúcar e da albumina, os diabéticos celebram com “pic-nics” e excursões o “terminus” da sua estação termal e despedem-se das fontes e do Balneário até ao próximo ano.

Passa-se aqui um “vidão”!

Nos hotéis e pensões saboreia-se o tradicional caldo verde do Minho. Come-se como Vitélio e bebe-se como Marco António...

Depois, com uma fleugma britânica, vem-se para o terraço palitar os dentes, ler o diário, fumar o colossal charuto “havano”, jogar a “pateia” ou as damas...

Depois a ritual visita às “samaritanas da buvette” ou da fonte nova. As doses graduadas ingerem-se com ritmo pausado, isócrono musical...

Nos intervalos, passa-se revista às quinquilharias e bijouterias da acredita firma César & Monteiro...

Em seguida admira-se o palácio dos patos, na Ilha dos Amores, flutuando sobre o açude, com os seus tetos de colmo. Assiste-se ao humanitário sentimento das senhoras, que trazem dos Hotéis fragmentos de iguarias, que sobraram, a fim de as repartirem pela pecuária da Estância: – cães, patos, etc. – Os palmípedes nadadores mergulham no açude com grande gaudío e hilaridade da assistência aglomerada nos parapeitos balastrados da pequena ponte de cimento, para os verem abocanhar o cibo que deu no leito do açude.

Depois... lá vêm os aquistas que estão em vésperas de partida...

Fazem na quinquilharia e “bijutaria aquisição de recordações da poética Estância: – postais ilustrados de vistas regionais ou locais, carros de bois, caminhetas... que as crianças, em casa aguardam mais avidamente do que a Emulsão de Scott ou um prato de farinha Nestlé.

São seis horas da tarde. Os carros dos Grandes Hotéis dão sinal de reunir aos seus aquistas, que se dirigem a tardo passo para as caminhetas. Estas vergam e gemem sob o peso descomunal de alguns cachaci-pan-sudos, de mais de cento e quarenta quilos. Lá vão jantar. O pavilhão fecha-se, os quinquilheiros desarmam a tenda. O Augusto (cauteleiro) sobe a Avenida muito triste, lastimando-se de ter vendido apenas um vigésimo e um jornal. O Figueiredo corre da esplanada do Pavilhão o Herculaninho, que dance os “Galeguitos” a troco de uns tostões...

Por fim, ao fechar da noite, depois de jantar, se é quinta-feira ou domingo, vai-se para o “Café Bar-Recreio” bailar, cafézar, pastelar, cavaquear, galantear, enquanto lá de fora, acumulados no passeio, os moços envergados nas blusas de operários contemplam boquiabertos o rodopiar dos bustos femininos, elegantes e esculturais, que serviriam de perfeitos modelos a Rafael e Miguel Ângelo.

Turistas! A Estância termal de Melgaço não é só uma Estância de repouso e de cura. É uma Cilera de encanto, uma Síria em miniatura de amomos e perfumes, – estética beleza natural, mágica como as feiticeiras da Lapónia, suave como o dialeto eóleo, fragante como os jardins de Alcino...

Excursionistas, que passais, ostentando nas caudas das vossas caminhetas os títulos e legendas dos vossos “grupos”, não deixeis de visitar a Estância das Águas de Melgaço – tão aprazível e encantadora!

– Um grupo de hóspedes do Grande Hotel “Águas de Melgaço” promoveu, a expensas suas, o restauro da

capelinha das Almas, que se achava desmantelada e abandonada. Bem hajam os beneméritos hóspedes, que o sentimento religioso anima, para estas obras pias.

Estas “Alminhas” estão à beira da Estrada Nacional, à distância de perto de um quilómetro do Pêso. É este o passeio mais recreativo para os aquistas, que no fim de jantar, entre lusco-fusco, vão a passo cadenciado, conversando, sentar-se nos bancos de pedra, sob o beiral rendilhado da capelinha.

– Hoje à noite há diversão popular animada ao ar livre, no Parque do Hotel “Ranhada”. Festa, canções populares, concerto pelo excelente Jazz-Avelino, etc.

– Ontem foi a feira semanal em Melgaço, onde costumam ir em excursão os aquistas fazer provisão do regional presunto, tão conhecido e apreciado, – o melhor do país, além do de Lamego.

Por hoje basta.

Hospedaram-se:

No Grande Hotel Águas de Melgaço:

D. Biagio Rotondano, António Coelho, grande comerciante, Bispo resignatário de Meliapor.

Na Pensão Boavista:

Luís de Queirós e família; António Ferreira da Silva e esposa, Manuel Rodrigues Ameixeira e esposa, José Dias Cardoso e esposa, D. Maria Benigna Cardoso.

No Grande Hotel do Peso

D. Maria Eulália Saraiva Santos, Mário de Carvalho e esposa, P.e José Baião Pinheiro, de Manteigas, Miguel Pesiana, Ricardo Covões, Venâncio do Nascimento e esposa, Eduardo Fernandes, – “Esculápio” Actor, Jorge Grave, José Luís Pacheco e esposa.

No Hotel Rocha

José Paulino de Almeida, Manuel Maria Barbosa Brandão, P.e David Teixeira, Manuel Bastos Júnior, José Maria Soares e Exma. família, Rosalina Silva e Sobrinha, P.e Manuel esteves de Escobar de Ronfe.

In Diário do Minho, 27/07/1939

Couto Misto: Melgaço é Juiz Honorário de um micropaís que esteve sem coroa durante oito séculos

João Martinho



A recente distinção do município de Melgaço com o título de Juiz Honorário do Couto Misto trouxe a história deste micropaís até ao interior minhoto. Afinal, trata-se de uma comunidade autónoma na zona raiana na qual cada indivíduo era livre para decidir a nacionalidade (geralmente no dia do casamento) e que estava isenta de algumas obrigações perante os Governos galego e português.

Localizado a norte da serra do Larouco, na bacia intermédia do rio Salas, na Galiza, na actual província de Ourense, na fronteira norte do concelho de Montalegre, o Couto Misto viveu sob o seu próprio regulamento – com a conivência de ambos os países – durante mais de 800 anos, até ao Tratado de Lisboa de 1864, que determinou o fim dos privilégios.



Até esta data, os habitantes não estavam sujeitos aos efeitos jurídicos de Portugal nem de Espanha nem à utilização de documentos de identificação. Como território independente, os homens estavam isentos de serviço militar e de impostos e podiam conceder asilo a estrangeiros ou opor-se ao acesso a forças militares estrangeiras.

Mas toda a história do Couto Misto pode ainda hoje ser contada em maior pormenor pelo Padre Fontes ou por Luís Manuel Garcia Maña, escritor e político espanhol formado em Direito, Antropologia e História, com obra publicada sobre o tema.

“Quando estudava Direito, estava no final do curso, ouvi falar do Couto Misto a propósito de um trabalho de história sobre Direito Internacional. Antes tinha ouvido a minha mãe falar do Couto Misto, que tinha



sido professora numa povoação do couto, mas pensava que eram imaginações dela. Quando fiz o trabalho, no último ano do curso, teria eu 22 anos, foi quando me dei conta que o Couto Misto existira mesmo”, contou o autor de “Couto Misto: Uma República Esquecida” a este jornal.

O tema, esquecido até bem próximo dos anos 2000, segundo Luís Maña, ganhou de novo vitalidade e importância aos “povos promíscuos”, hoje Soutelinho da Raia, Cambedo e Lama de Arcos.

No dia 16 de Agosto, a propósito desta distinção do município melgacense, a autarquia incluiu no dia de festas uma sessão de esclarecimento sobre esta comunidade “com privilégios”, realizado no Museu Memória e Fronteira, e uma representação de um diálogo da vida do Couto, na Praça da República.

“Sou da terra mais a Norte, onde tudo começou...”

António Zambujo e Bruno Pereira exultaram o orgulho melgacense em concerto “memorável”

João Martinho

O concerto de António Zambujo, na noite de 11 de Agosto, encantou de forma especial as centenas de pessoas que se concentraram no Largo de Mercado para ouvir o conhecido e reconhecido autor de hits musicais como “Pica do 7”, “Lambreta” ou “Flagrante”.

Antes do descer do pano do espectáculo intimista, o artista quis deixar um apontamento especial sobre Melgaço. O jovem músico melgacense Bruno Pereira subiu ao palco para tocar e cantar lado a lado aquele se já foi apelidado “o hino de Melgaço”.

“Recanto do Alto Minho”, um poema do Dr. Moura Alves e musicado pelo Quarteto JAM’S, a pedido do cevidense Mário Monteiro, ganhou posteriormente uma versão acústica pelo músico Bruno Pereira, que acabou por ganhar um espaço próprio nas actuações que o jovem melgacense vai somando um pouco por todo o concelho, em bares ou eventos, mas também no gosto das novas gerações.

A noite era de orgulho nas raízes, por isso Zambujo, de origens alentejanas, acompanhou Bruno Pereira na guitarra e na canção de exultação a Melgaço e o músico melgacense cantou sobre o Alentejo com o convidado ilustre do programa Melgaço em Festa de 2019.

O momento gerou entusiasmo partilha de pequenos vídeos do momento nas redes sociais e prevê-se para breve o lançamento de um clip ‘oficial’ com o dueto de António Zambujo e Bruno Pereira, que divulgaremos nas plataformas online do jornal “A Voz de Melgaço” quando disponibilizado.



Questionado sobre esta assunção desta criação idealizada para Melgaço e para a terra de onde é natural, Mário Monteiro diz que “nada voltará a ser igual” nesta sua campanha pela sua terra que tem como missão dizer que “Aqui começa Portugal”, há cerca de dez anos.

“Pelo caminho já senti alegria e tristeza, mas o que mais gosto no “Aqui Começa Portugal” são as pessoas que vou conhecendo e me ajudam. Sem elas estes momentos não teriam acontecido. Um dia tentarei agradecer a todos e em especial a todos os amigos de Cevide”, notou.

Sobre a melodia que diz tê-lo emocionado desde o primeiro dia que ouviu o poema e acordes musicais, Mário Monteiro considera que a honra e homenagem



que pretendia para Melgaço foram asseguradas por Bruno Pereira na noite grande de espectáculo.

“O Bruno só podia brilhar pois canta-o [ao poema] com alma de melgacense. Nessa noite, ouvindo-o, voltei a sorrir pois senti a felicidade que o Bruno levou a cada melgacense. Nada voltará a ser igual, não tenho dúvidas. Graças também ao Presidente da Câmara, Manoel Batista, pela excelente ideia e em especial ao António Zambujo, que demonstrou que quando se é grande, não se tem medo de perder o brilho”, concluiu o mentor do projecto e do grupo “Amigos de Cevide (aldeia onde começa Portugal)”.

Fotos: Tiago Fernandes



Os Nossos Serviços

- Imobiliária;
- Administração de Condomínios;
- Informática;
- Contabilidade;
- Espaço Cidadão.

Administração de Condomínios

- Organização de documentação;
- Registos e inscrições do Condomínio;
- Abertura de contas bancárias;
- Elaboração de orçamento anual;
- Criação de mapa de quotas;
- Criação de um Relatório de Contas anual;
- Realização de Assembleias;
- Gestão de contas e compromissos do Condomínio;
- Representação do Condomínio junto de várias autoridades.

Melgaço
R. Dr. António Durães
n.º 65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Monção
Rua D. Afonso Henrique
Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Morada V3
Merufe, Monção, Viana do Castelo

Morada V3, com uma área total de 120m², situada no lugar de St.º André. Possui rossio.

65.000€
MNC.2017.010

F



Apartamento Duplex
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 duplex, situado no centro da vila de Melgaço, com área total de 327m². Possui lareira com recuperador de calor e garagem fechada.

Sob Consulta
M2016/043

E



Morada V4
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Morada V4, com bons acabamentos, lavandaria, garagem, churrasqueira, piscina e água própria. Situada em zona calma.

Sob Consulta
M2016/057

F



Morada V4
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V4 em pedra, situada em local sossegado. Dispõe de garagem, jardim e pomar. Possui bons acabamentos. Área total: 730m²

Sob Consulta
M2017/001

F



Apartamento T2 semi-novo
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, seminovo, bem localizado, junto ao mercado municipal e centro de saúde. Possui cozinha equipada, sala com lareira, varanda, arrumos e lugar de garagem.

90.000€
MLG.2017.046

F



Lote para construção na Vila de Melgaço
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Lote para construção com 506m² de área, localizado na Vila de Melgaço.

55.000€
MLG.2019.025.1



Morada em fase de construção
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Morada isolada em fase de construção com excelentes áreas. É composta de cave, r/c e andar. Localizada na Vila de Melgaço com bom acesso e magníficas vistas. Possibilidade de venda em conjunto ou separadamente de lote para construção.

175.000€
MLG.2019.025.2

F



Apartamento T3 no centro da Vila de Melgaço
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 mobilado e cozinha equipada, localizado no centro da Vila de Melgaço. Possui garagem individual fechada com 25m².

130.000€
MLG.2019.026

Certificado em Curso



Religião e Espiritualidade

P.º Anselmo Borges

1. Não haja dúvidas. A religião, concretamente na Europa, também entre nós, está em queda. O número de agnósticos e ateus aumenta, para não falar na chamada “prática religiosa”, que desce a olhos vistos. O padre José Antonio Pagola escreveu recentemente um texto subordinado ao título: “Depois de séculos de ‘imperialismo cristão’, os discípulos de Jesus têm de aprender a viver em minoria.”

Significa isto o triunfo do materialismo crasso ou o que está em causa é mesmo a religião institucional, mas não a espiritualidade? O que é facto é que tenho encontrado cada vez mais grupos interessados na espiritualidade e no aprofundamento da vida interior. Multiplicam-se esses grupos e também a bibliografia sobre o tema. Por exemplo, com sucesso escreveu recentemente o teólogo Francesc Torralba uma obra: *La interioridad habitada*, onde se pode ler: “A educação da interioridade não é, em caso algum, um luxo nem uma questão menor, pois tem como objectivo final o cuidar de si mesmo, e, para isso, desenvolver todas as potencialidades latentes no ser humano, como a memória, a imaginação, a vontade, a inteligência e a emotividade, mas também o fundo último do seu ser: a espiritualidade, admitindo que esta pode adquirir formas, expressões e modos muito diversos em virtude dos contextos educativos e dos momentos históricos. No modelo da interioridade habitada reconhecem-se dois magistérios: o exercício do mestre humano que fala e actua a partir de fora e o do Mestre interior que habita lá no íntimo.”

2. Hoje, quero referir-me concretamente a Pablo D’Ors, padre e escritor. Numa recente entrevista a José Manuel Vidal, Director de Religião Digital, disse: “As formas tradicionais da Igreja não respondem à sensibilidade e à linguagem contemporâneas”. Numa outra entrevista, a “La Razón”, declarou: “Boa parte do descrédito da Igreja deve-se a ela sucumbir ao ritualismo”. Pablo D’Ors publicou um livro célebre do qual se venderam já mais de 150.000 exemplares, com o título *Biografía do Silêncio*. É o fundador da associação “Amigos do Deserto”, que conta com uma rede de meditadores com mais de 500 membros, porque, como afirmou: “Há uma ânsia espiritual muito grande nesta sociedade secularizada.” Deixo aí, a partir destas duas entrevistas, pensamentos que julgo ser urgente meditar.

Porque é que o livro teve tanto sucesso? “Uma das razões do êxito é precisamente a sua oportunidade. Surgiu num momento em que aumentava claramente o interesse pela meditação. O seu prestígio construiu-se sobre o desprestígio da religião. O facto de muitas pessoas terem abandonado as formas religiosas não quer dizer que a sua sede espiritual esteja saciada ou se tenha anulado. Persiste e é preciso procurar novas formas de alimentá-la. A meditação é uma delas. Costumo dizer que a religião é o copo e a espiritualidade é o vinho, e o que nos sacia verdadeiramente é o vinho. A religião tem de estar ao serviço de suscitar a experiência espiritual, e nós, os cristãos, contentámo-nos com o copo. As formas, para ir ao fundo da questão, deixaram de ser formas para o conteúdo e encerraram-se em si mesmas. O mal não está no rito, mas no ritualismo. As pessoas não sentem que isso as alimente. A isto junta-se que a linguagem tanto verbal como gestual do cristianismo não responde à sensibilidade nem à cultura contemporâneas.” Não podemos esquecer que tão importantes como o património que recebemos, o Evangelho, são o homem e a mulher de hoje. Por isso, “a nossa fidelidade não é só ao Evangelho, é a este homem e a esta mulher de hoje. Se estivermos longe deles, dificilmente entramos em relação.” Impõe-se que se perceba que “as formas têm que estar ao serviço do fundo, e muitas vezes as formas perdemos, pois ficamos no formalismo e privamo-nos de ir ao núcleo da questão. Qual é a urgência fundamental para a Igreja de hoje? Uma renovação espiritual; que estejamos verdadeiramente no nosso centro.”

Para Pablo D’Ors, o silenciamento interior é uma necessidade de primeira ordem. “A meditação é uma

prática de silenciamento e quietude. É um trabalho que se faz com o corpo e com a mente e cujo propósito fundamental é o autoconhecimento.” Quando muitas coisas exteriores se foram afundando, ele descobriu a aventura interior, que é um processo de higiene da mente e do coração: “Normalmente temos uma grande confusão intelectual e sentimental. Criámos uma cultura da exterioridade, representada fundamentalmente pelo telemóvel. Quanto maior conexão fora, menor conexão dentro. Perde-se a dimensão interior, porque a nossa cultura nos impulsiona e estimula para estar sempre fora.” Então, nas crises existenciais, as pessoas ficam desamparadas por dentro, pois nem sequer sabem se há “um dentro”. Por isso, “boa parte do êxito de muitas escolas de meditação radica nesta busca. Hoje, não falamos tanto de espiritualidade como de interioridade, que é o modo laico de dizer o mesmo.”

Precisamos de arrumar o nosso interior, para que haja mais espaço, pois, desse modo, distinguimos melhor. É como quando numa casa repleta de coisas começa a tirar o não necessário e começa a ver. Daí surge, paradoxalmente, o segundo fruto: a humildade. “Saber quem és, ter uma visão realista de ti mesmo, essa humildade, esse saber qual é o teu lugar, isso é o que te dá a paz interior.”

Pergunta-se se não há o perigo de estas correntes de espiritualidade serem um pouco individualistas, egocêntricas, ignorando a transformação do mundo. Responde: “Creio que a meditação autêntica não se afasta de Deus. Mesmo que isso se não verbalize de maneira explícita. Quem verdadeiramente se conhece a si mesmo, mais cedo ou mais tarde, aponta para o mistério. Esse mistério poderá chamá-lo Deus ou não, mas Ele está lá. Em ti gerou-se uma atitude espiritual.” Quanto à denúncia e ao compromisso com a mudança das estruturas: Sim, há o perigo de grupos espirituais caírem num espiritualismo desencarnado, mas a questão é de prioridades: “A justiça social, a denúncia, tudo isso, vem por acréscimo, é o fruto de estarmos centrados. Primeiro, vamos transformando a nossa própria vida. A oração, o nosso próprio espírito transforma-nos e, simultaneamente, vai transformando a vida à nossa volta, a vida familiar, a vida social, a vida do bairro. A vida da Nação.”

Deve-se prescindir das religiões? De modo algum. “O ‘mindfulness’ não é puramente laico, mesmo que os termos e as práticas se apresentem numa linguagem puramente secular. Isto é o que, modestamente, os ‘Amigos do Deserto’ e eu queremos fazer com o cristianismo. Que seja uma tradução secular, para o mundo de hoje, da mensagem cristã. Para o Ocidente, a figura de Cristo é muito mais próxima do que a de Buda, e por isso o salto cultural que é preciso dar para ser meditador cristão é muito menor. Julgo que prescindir das religiões é um suicídio, porque isso significaria prescindir do nosso passado. Ora, quem prescinde do seu passado não sabe qual é o seu presente.” Não, não há o perigo de obsessão pelo “aqui e agora”. Porque “o sublinhado no presente não deveria fazer-nos perder de vista a importância do passado e do futuro. Recordar é passar a história pelo coração e ajuda-nos a compreender quem somos. Uma árvore sem raiz não se aguenta, o passado é a nossa raiz e é preciso cuidar dela. O mesmo digo do futuro. O homem não é sem projecção e projecto de si. A espiritualidade cristã sempre sublinhou o futuro, o horizonte, e a budista, o presente. Penso que estamos num tempo de síntese.”

A propósito, como se relacionam em Pablo D’Ors “o ego do escritor e o ‘não-ego’ do meditador?” “Devo dizer que para mim silêncio e palavra são duas faces da mesma moeda. O segredo da palavra é o silêncio e o do silêncio, a palavra. Uma palavra nasce matinal no coração do leitor na medida em que foi preparada no silêncio. Para que a palavra seja fecunda, tem de nascer do silêncio. Com o tempo, fui descobrindo que a minha dupla vocação, sacerdotal e literária, é a mesma.”

Então, não existe realmente o perigo maior, que consiste em ficar encerrado em si mesmo, no egocentrismo? “O ego (o eu), que não é outra coisa senão a tendência para auto-afirmar-se, é necessário para viver. Não se trata de matar o ego, mas de colocá-lo no seu lugar.”

Por isso, quanto a escutar-se a si mesmo ou escutar o outro, “é como perguntar o que é que é mais complicado: amar-se a si mesmo ou aos outros. É exactamente a mesma coisa. Por isso digo que a meditação é uma escola de escuta. Se aprenderes a escutar-te a ti mesmo poderás escutar os outros. Ninguém pode dar o que não tem.” Quanto ao egocentrismo: “Eu vejo-me agora a mim mesmo menos egocêntrico do que há uns anos. Mais magnânimo, com a alma maior. O critério para verificar que um caminho de meditação é autêntico é se te torna mais compassivo, mais justo e caritativo. Se o outro tem um papel mais importante na tua vida. A meditação corre o risco de perverter-te, se esquece a dimensão transcendente e se fica pela busca utilitarista de benefícios pessoais.”

O jornalista: “Chama-me a atenção que diga que é mais importante ser si mesmo do que alguém ‘bom’.” Pablo D’Ors: “Refiro-me a que o essencial é o indicativo da graça e não o imperativo moral. O decisivo para a construção de uma pessoa é experienciar o que é, e, na medida em que o fizer, comportar-se-á de uma maneira ou outra. Não temos de estar tão preocupados em ser bons, pela dimensão moral, como pela metafísica do ser. Sermos quem estamos chamados a ser. Se o formos, se na verdade fores tu, serás bom.” Objecção: “Haverá gente que seja ela mesma e seja egoísta.” Resposta: “Isso baseia-se numa visão do mundo, que é a minha, segundo a qual a luta entre a luz e a sombra não é paritária. O que há fundamentalmente é luz. Este ponto de partida não é subjectivo, é contrastável. Por exemplo, se contares quantos comboios descarrilaram hoje no mundo e quantos chegaram ao destino verás que a imensa maioria chegou bem. Se fizermos o mesmo com tudo, vemos que o bem é significativamente mais. O que acontece é que os meios de comunicação social fazem-nos crer que o que existe é o mal, quando é o contrário. É como o céu e as nuvens: as nuvens podem tapar o céu, mas o que na realidade há é um céu. Estamos bem feitos.” Neste contexto, sobre a sua vocação: “Aos 18 anos. É como quando alguém se enamora e sabe que é a pessoa adequada quando a conhece. Foi uma experiência de encontro com o mistério, com a graça de Jesus Cristo. É uma sedução, um fascínio, um sentir que é o eixo vertebrador da tua vida, que lhe dá sentido, força. Foi a experiência do entusiasmo. Estar habitado pelos deuses, pelo espírito. A experiência de que havia algo substancial que tudo sustenta. Dessa experiência, a mais decisiva da minha vida, nunca duvidei.”

Qual é então o sentido da vida? “Redimir o mundo. Colocar luz onde há trevas, amor onde há desamor, esperança onde há inesperança e desespero, claridade na dúvida. Na medida em que fizermos isso, estamos bem e semeamos o bem.”

3. Está aí, bem à vista, a chave para entender a crise da religião e perceber a conversão de que a Igreja urgentemente precisa para ser o que Jesus quer. Ele passava noites na montanha a rezar e fez a experiência incedível do mistério de Deus como Abbá, Papá, querida Mamã. A consequência: amou a todos, por palavras e obras, a começar por aqueles e aquelas que ninguém ama, porque Deus é o sentido último da existência, não caminhamos para o nada, porque Deus é Amor. Tomás Muro disse-o, numa síntese perfeita: “O fundamento da religião é o medo. O fundamento do cristianismo é o amor.”

in DN de 25.8.2019



Há 50 anos foram ordenados 4 padres naturais de Melgaço



P^{re} Carlos, Maria do Rosário e P^{re} Júlio



Cardeal D. António Marto presidindo a Eucaristia



P^{re} Carlos e P^{re} Júlio



Que eu saiba, foi caso único no nosso concelho e arceprelado. Em 1969, foram ordenados sacerdotes: Manuel Joaquim de Sousa Lobato, de Paços; Aladino Rodrigues, de Castro Laboreiro; Manuel Rui Castro Alves e Júlio Nepomuceno Vaz, de Rouças.

Passados estes cinquenta anos, continuam felizmente vivos e em actividade os padres Lobato e Júlio Vaz, que residem e trabalham em Braga em serviço pastoral da arquidiocese.

Em 15 de Agosto, nos 50 anos de ordenação, o padre Júlio, acompanhado de seu irmão padre Carlos, ordenado nesse mesmo dia, 4 anos antes, e sua irmã d.ra Maria do Rosário, estiveram em Fátima, a agradecer à Mãe do Céu o maravilhoso dom recebido e tudo quanto, com a ajuda de Deus e dos colaboradores que foram aparecendo e descobrindo no seu caminho foram construindo de bem. Lembraram com imensa e doce saudade, os pais, os avós, os incedíveis tios sacerdotes, as tias, madrinha, prima Amélia e seu marido

Luís, numerosos amigos, entre eles, especialmente o padre Rui e o Aladino, este recentemente falecido, e todos quantos se cruzaram positivamente na sua caminhada. Fizeram-no, associando-se ao terço e procissão de velas do dia 14 à noite e concelebrando na missa do dia 15, presidida pelo comum amigo, cardeal dom António Marto que iniciou as suas funções de bispo, em Braga.

Cerca de 60 sacerdotes estiveram presentes na celebração, no renovado altar da Praça, virados para a Capelinha das Aparições e vendo ao fundo a Igreja da Santíssima Trindade.

O alojamento foi no renovado Hotel Pax/Consolata, dirigido pelo padre Elísio Assunção, companheiro de tantas lutas da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã e bom amigo.

O padre Júlio tinha regressado dois dias antes de um passeio à Suíça, Áustria e Budapeste, de que nos dará conta em próximas edições do jornal.

As melhores prendas que podemos receber são as que podemos oferecer a nós mesmos quando temos a oportunidade de usufruir de uns bons momentos de silêncio e intimidade familiar, sentindo que o Deus da Misericórdia e da Paz nos habita e nos plenifica na medida em que a Ele nos abrimos e com Ele dialogamos filialmente. Sempre com Maria a olhar por nós e a afaçar-nos em seu colo materno. Não há nem pode haver doçura maior para quem faz da fé, vivida cada dia, a luz interior que o conduz à luz Deus, à Paz e à alegria, à Luz da Glória eterna, à Luz da luz.



Peso Paderne Melgaço

HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



— Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
— Casamentos e Baptizados.
— Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



Gestão e Comercialização de Alojamentos

www.montesdelaboreiro.pt
geral@montesdelaboreiro.pt
+351 251466041

PROTOCOLO	PARCEIRO	GESTÃO	GESTÃO TOTAL
Site Montes de Laboreiro	✓	✓	✓
APP Montes de Laboreiro	✓	✓	✓
Revistas de Turismo	✗	✓	✓
Feiras de Turismo	✗	✓	✓
Gestão reservas proprietário	✗	✓	✓
Gestão OTAS (Booking, Airbnb etc)	✗	✓	✓
Parceiros Visit Peneda-Gerês	✗	✓	✓
Relatório SEF	✗	✓	✓
Facturação e SAF-T	✗	✗	✓

SEJA UM DOS NOSSOS PARCERIOS

Na Península Ibérica

China abala monopólio de mosteiros de clausura

Costa Guimarães

Mao Tse Tung está a dar voltas no túmulo: a China está a fabricar hóstias a metade do preço e a concorrer com os Mosteiros de Clausura na Península Ibérica, colocando-os em sérias dificuldades.

A hóstia é uma bolacha pequena, branca e redonda feita de farinha de trigo e água e geralmente com uma cruz latina desenhada em relevo no centro.

A sua elaboração foi sempre igual. A importância do produto também. É um elemento que é sagrado e central da celebração religiosa cristã por excelência: da missa diária.

O conceito vem da cultura latina. No Latim, hostia significa “vítima” e é o pão consagrado. O maná de cada dia.

A sua elaboração deste produto remonta ao alvorecer do cristianismo, no início do primeiro século d.C. A sua confecção é tarefa de congregações e sacerdotes. Na ordem de Cluny (França), cada vez que se fazia uma nova fornada, os religiosos vestiam roupas da liturgia num sinal de respeito pelo processo de criação das hóstias.

A confecção mudou desde o século XIV e a tarefa passou a poder ser realizada por leigos, embora os bispos europeus insistissem que, principalmente, era uma tarefa reservada aos padres.

Ainda hoje, a maioria das hóstias consumidas em igrejas no do mundo é feita em comunidades religiosas.

Estes mosteiros começaram a escrever livros, a fazer outros produtos, a mergulhar no negócio digital para atenuar as perdas registadas nos últimos anos. Porquê, porque as empresas chinesas vendem hóstias por metade do preço dos noviciados espanhóis e portugueses que não podem competir com esses preços.

Os números são claros: num convento espanhol, o preço do pacote de 500 hóstias pequenas é de cinco euros. Aquelas que vêm da China são uma verdadeira barganha: por metade do preço, pode obter-se a mesma quantidade na Amazon ou em outras lojas online. Este truque vantajoso está a ser um grande problema para algumas congregações religiosas há anos.

“Os chineses comem-nos”, dizia Julian Lopez. As freiras não podem com eles e já tentaram de tudo: re-

moveram o céu e a terra, procurando soluções para este problema há anos, mas nada. Não há maneira.

Durante muito tempo, os muros do convento carmelita de Puçol (Valência) aderiram a todo tipo de tarefas para obter algum apoio económico que lhes permitisse sobreviver. É um destino inexorável também para outros conventos da Espanha, em que as hóstias vendidas caíram drasticamente.

O fabrico de hóstias que são consumidas nos actos religiosos de todas as paróquias da Espanha é uma actividade associada às freiras de clausura. Em tempos que já lá vão alguns mosteiros faziam vinte mil hóstias por dia, o que se traduzia num importante apoio para a congregação.

Mas, mesmo neste negócio, a China mete o seu focinho e voraz desejo comercial, praticando preços muito mais baixos.

Acontece também que muitos párocos e reitores de Igrejas podiam apoiar os pequenos negócios das congregações, mas não o fazem e recorrem à internet para se abastecerem.

Existem conventos em Espanha que fabricavam trinta mil hóstias por dia e viram a sua produção reduzir um terço nos últimos cinco anos e a diminuição não se relaciona à baixa de fiéis

Gema Juan é a madre superiora do convento das carmelitas de Puçol. Ela e várias das onze irmãs que viviam no Convento foram perguntar nas lojas de artigos religiosos e aos padres a quem vendiam sobre a diminuição de consumo de hóstias. “Disseram-nos: é que podemos comprar online chineses e poloneses mais baratos”.

As freiras ainda vendem um pacote de 500 hóstias pelo modesto preço de 4,94 euros, mas o produto que chega de fora da Espanha e pode ser comprado por dois



euros a menos. As freiras não podem competir a este nível.

O monopólio do fabrico de hóstias parece ter os dias contados: as são vendidas até na Amazon e existem já empresas na Europa que entraram neste segmento de mercado. É o caso da empresa italiana Holyart que tem um serviço de vendas on-line, disponível em qualquer parte do mundo (cf. <https://www.holyart.pt>). O seu site sugere a aquisição de uma bolsa, cuja frase é inconfundível: “Pane per l’eucarestia”. Abaixo, o preço: 2,99 euros para 500 hóstias para abastecer a igreja. São dois euros a menos que

a oferta de muitas freiras

de diferentes partes da Espanha. Por tudo isso, os nossos mosteiros religiosos tiveram que encontrar soluções diferentes, criando freiras tecnológicas, para competir com as mesmas armas dos seus gigantes rivais.

Compraram alguns computadores e criaram uma página web na qual oferecem hóstias online.

A princípio, não foi fácil adaptarem um negócio tão arcaico aos tempos modernos do on-line mas contaram com a ajuda preciosa de novas irmãs que entraram nos últimos anos, sabem usar essas ferramentas o caminho descendente foi estancado.

Para aliviar o declínio no seu rendimento nos últimos anos, os mosteiros começaram a fazer todos os tipos de produtos, como a publicação de livros sobre as suas vidas de clausura, assessoria de comunicação de empresas locais através da internet, etc., onde são estão como peixe na água.

RESTAURANTE “O Adérito”

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

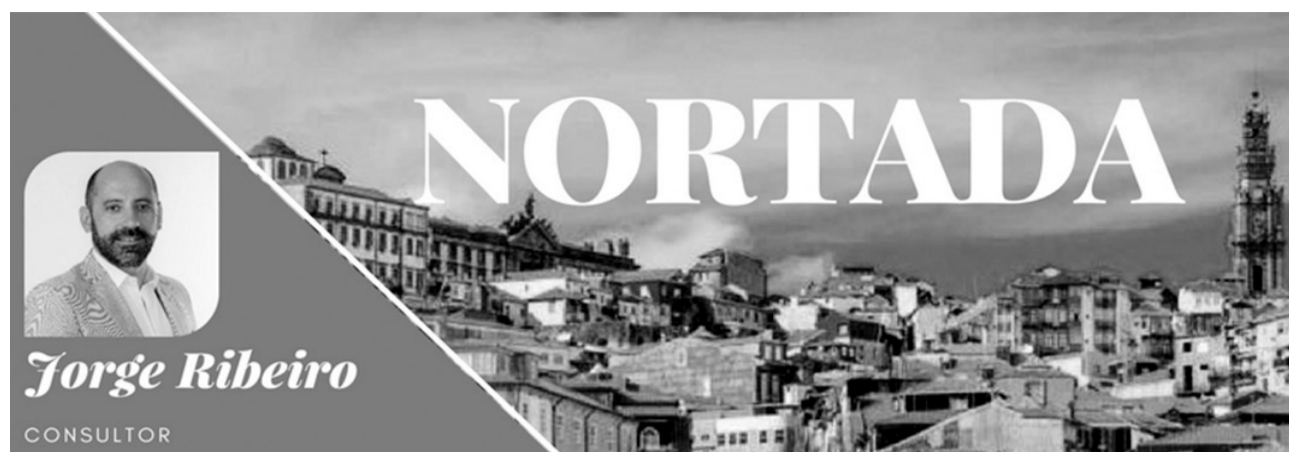
ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

LIBERTA-TE

sloggi
ZERO FEEL

VENHA VISITAR-NOS NA LOJA **BORDÁLIA**
RUA CONSELHEIRO JOÃO DA CUNHA, 114 EM MONÇÃO



Jorge Ribeiro

CONSULTOR

As zonas industriais são necessárias? Verdadeiro, mas...

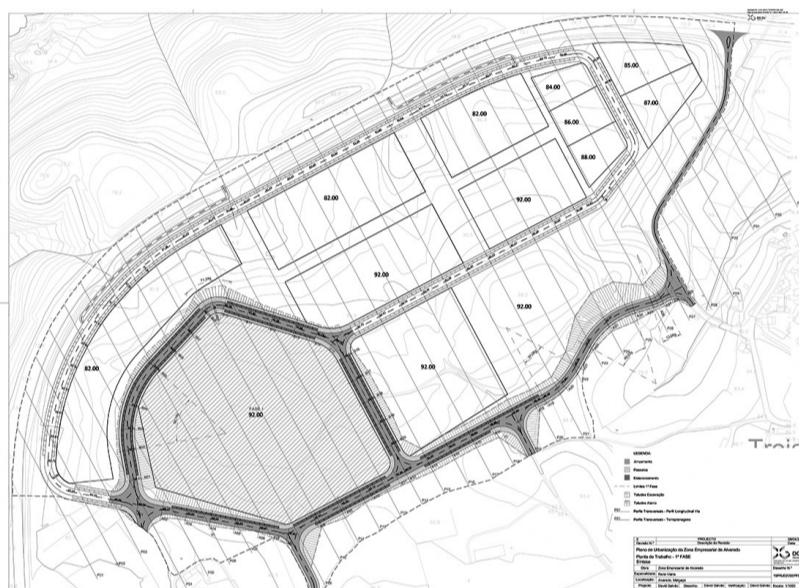
As zonas industriais ou zonas empresariais são essenciais em qualquer território que se queira moderno e amigo do crescimento económico, da criação de riqueza. Sem espaços devidamente preparados, com infraestruturas e acessos facilitadores da atividade empresarial, não podemos ambicionar atrair novos investimentos dinamizadores da economia local.

Mas serão estes espaços, estas zonas empresariais, novas e modernas, capazes de, por si só, influenciarem os empresários na hora de decidir onde localizar os seus investimentos?

Os fatores que pesam, na hora de um investidor decidir onde situar a sua empresa, são vários e a sua importância relativa também se vai alterando em função da conjuntura. Como referi, a existência de espaços com infraestruturas modernas e bem preparadas, aliada a uma boa localização geográfica, próxima dos mercados e/ou das principais vias de comunicação que ligam a esses mercados, são um fator com muita influência na tomada de decisão.

Os territórios lutam entre si, concorrem numa lógica de mercado, tentando convencer esses potenciais investidores da mais-valia da sua situação geográfica e da grande qualidade das condições oferecidas. E vão aproveitando os programas comunitários para conseguir financiamentos que permitam criar ou melhorar essas condições, ao mesmo tempo que investem em marketing, tentando evidenciar e divulgar toda a sua atratividade.

Seguindo esta lógica, as zonas empresariais vão proliferando por todo o país e a oferta de espaços com boas condições é abundante. Neste cenário, a disponibilidade de espaços adequados deixa de ser uma mais-valia suficientemente relevante para atrair os investidores.



A verdade é que, à cabeça dos critérios a ponderar na hora de decidir onde instalar uma empresa, vem a força do trabalho, a disponibilidade de mão-de-obra. É decisivo perceber se naquele território existe uma quantidade de recursos humanos disponível, suficiente para garantir o preenchimento do quadro de pessoal projetado.

Na atualidade, com taxas de desemprego historicamente baixas, este fator ganha uma relevância ainda maior, o que não beneficia territórios como Melgaço, onde esses valores se situam abaixo da taxa natural de desemprego. Quer isto dizer que a economia existente no concelho já absorveu todos os recursos humanos disponíveis.

Com esta realidade, qualquer empresa que pudesse vir a instalar-se no território, teria que tentar “roubar” trabalhadores às empresas aí existentes, o que criaria nestas um problema.

A solução passa por atrair mão-de-obra, por criar condições potenciadoras da fixação de população. Cabe assim aos responsáveis políticos locais perguntarem o que procuram as pessoas, o que precisam as famílias para se sentirem tentadas a fixarem-se nos seus territórios.

As famílias decidem onde viver e constituir família atendendo à oferta de emprego, mas também às questões de habitação, serviços de saúde, qualidade do ensino, entre outras.

Não raras vezes ouvimos falar da falta de oferta habitacional no nosso concelho. As pessoas ou famílias que aí pretendem fixar-se enfrentam sérias dificuldades no momento de encontrar casas ou apartamentos que deem resposta às suas necessidades. É imprescindível atuar a este nível, promovendo o arrendamento, desenvolvendo novos projetos de habitação a custos controlados.

Ao nível da saúde, é verdade que tem surgido algumas respostas privadas responsáveis por alguma melhoria do cenário. Mas no que diz respeito aos serviços públicos, quer seja pela falta de profissionais no centro de saúde, quer seja pelos cem quilómetros que nos separam do hospital distrital, a realidade é muito adversa. Urge exigir políticas centrais que nos protejam.

É também sabido que, felizmente, as famílias dão cada vez mais importância à qualidade da educação dos seus filhos. E, gostemos ou não, concordemos ou não, o instrumento de medição ao dispor dos cidadãos, são os rankings das escolas, periodicamente publicados. O facto de os desvalorizarmos não é uma solução. Muito pelo contrário. Deve ser feito um trabalho conjunto, por toda a comunidade escolar, percebendo onde cada um dos intervenientes pode fazer mais e melhor, recusando aceitar que estar entre os piores é, para os melgacenses, uma inevitabilidade.

Como referido no início deste texto, as zonas industriais são essenciais. Mas essencial é também que venham inseridas em planos de desenvolvimento mais abrangentes, que acautelem uma série de fatores como os aqui referidos.

A criação de zonas industriais sem o necessário planeamento territorial, mais que um fator de crescimento, podem representar apenas um desperdício de recursos ou, pior, um fator de desestabilização, prejudicial à economia local, com todas as consequências negativas daí decorrentes.

Melgaço em Patins encheu o Parque do Rio do Porto na IIª Gala de Verão

João Martinho



No dia 14 de Agosto, o Parque Urbano Rio do Porto transformou-se numa extensa pista de patinagem. A Gala de Verão Melgaço em Patins, realizada pelos atletas da associação com o mesmo nome, atraiu centenas de pessoas para aquele anfiteatro criado para os desportos radicais e lazer.

As turmas dos vários escalões apresentaram várias danças temáticas, sob o tema de filmes, músicas e até homenagens que encantaram os espectadores.

Fundada em Maio de 2018, a Associação Melgaço em Patins soma já mais de meia centena de atletas praticantes desta arte, nas várias modalidades.

Fotos: CM Melgaço

Dia do Brandeiro continua a trazer memórias cada vez mais autênticas

João Martinho



Dr. José Lima, grande dinamizador do evento



Uma das cardenas restauradas

Nos dias 3 e 4 de Agosto, a Branda da Aveleira voltou a juntar brandeiros, turistas, entusiastas da vivência nas brandas e visitantes que quiseram ver e sentir um dos grandes momentos daquele lugar.

O Dia do Brandeiro celebrou a cultura da transumância com a gastronomia e os vinhos da região, sem esquecer os hábitos da transumância, na mesa e nos trabalhos que compunham a actividade diária durante o período de veraneio.

O cortejo etnográfico sob a transumância foi um dos momentos altos das festividades, fazendo desfilar pelo percurso habitual os carros de bois com as mais diversas cargas noutros tempos necessárias.

Os hábitos de trabalho e a gastronomia local, com especial destaque para a broa de milho, o cabrito recheado no forno a lenha e o fumeiro, fazem desta branda um viçoso exemplo da tipicidade da região e o modo de vida de uma época.

A aldeia, com um conjunto arquitectónico e paisagem de enorme beleza, é testemunho de uma tradição agrícola e cultural de grande valor antropológico, que a torna muito especial e singular. Foi uma das pré-finalistas das 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias, na categoria de Aldeias Remotas.

Fotos: CM Melgaço e Júlio Domingues



Os famosos carros de feno



Junto ao Restaurante "O Brandeiro"

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Jorge Manuel Domingues
Fiães | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Flaviana Anjos Soares**
Prado | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Clarisse Domingues**
Penso | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel de Faria**
Remoães | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria dos Anjos G. Sousa**
Prado | 91 Anos

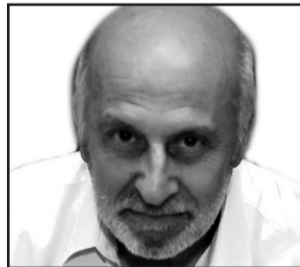
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Armindo Alves**
Fiães | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Armando Américo R. Sousa**
Vila | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Augusto Carpinteiro**
S. Paio | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

Ana Júlia Domingues Freitas
Beleco - Paços | 15 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Isaura Afonso**
C.Bezerro - P.Monte | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Emília Francisco Gonçalves**
Natural de Chaviães | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Arminda de Carvalho**
Barreiros - Gave | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António José Viana**
Esquiça - Cristóval | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Maria de Lourdes Afonso
Arroteia - Cristóval | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa de Jesus Vaz**
Cubalhão | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e cinco de julho de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas vinte e oito e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **ONZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial na qual **ANTÓNIO JOSÉ ALVES** e mulher **ARMINDA FERREIRA DANTAS**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, residentes na Travessa Doutor Luís Figueiredo da Guerra, número 53, União das Freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado “**Cótos**”, sito no lugar de **Cótos**, freguesia de **Alvaredo**, concelho de **Melgaço**, composto por terreno de pinhal e mato, com área de **três mil e cem metros quadrados**, a confrontar de Norte e Poente com Caminho Público, de Sul com Eduardo Ramiro Pereira e de Nascente com Eduardo Parada, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1818**, com o **valor patrimonial tributário de € 74,82**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do referido prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e cinco**, no estado de **casados**, por compra verbal que fizeram a Amândio Francisco de Sousa e Castro e mulher Maria de Fátima Alves, residentes que foram no lugar de Bouça Nova, na extinta freguesia de Prado, concelho de Melgaço, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades, cortando a lenha, que aproveitam, procedendo à sua limpeza, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde

o referido ano de **mil novecentos e oitenta e cinco** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dois de agosto de dois mil e dezanove.

O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia treze de agosto de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas noventa e seis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **ONZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial na qual **MANUEL AGOSTINHO TRANCOSO BARBOSA** e mulher **MARIA LUÍSA SOLHA**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele freguesia de Longos Vales, concelho de Monção, ela da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, residentes no número 35, Rue de Muguet, Ville pinte, em França, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na referida freguesia de **Penso**, **não descritos** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

Verba um: **PRÉDIO URBANO**, sito no lugar de **Telhada Grande**, composto por uma casa de morada de dois pavimentos e rossios, com **área total de cinquenta e oito metros quadrados**, **área coberta de quarenta e dois metros quadrados** e **área descoberta de dezasseis metros quadrados**, a confrontar de Norte e Poente com Maria Luísa Solha, de Sul com Manuel Pereira e de Nascente com Estrada Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 887**, que teve origem no artigo 423 urbano da freguesia de Penso, com o valor patrimonial e atribuído de € 16 970,00;

Verba dois: **PRÉDIO URBANO**, sito no lugar de **Pomar**, composto por uma casa de morada de dois pavimentos e rossios, com **área total** de duzentos metros quadrados, **área coberta** de trinta e oito vírgula cinco metros quadra-

dos e área descoberta de cento e sessenta e um vírgula cinco metros quadrados, a confrontar de Norte e Poente com Caminho Público, de Sul com Manuel Vieites e de Nascente com Caminho de Servidão, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 16**, com o **valor patrimonial e atribuído de € 6 820,80**;

Verba três: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado “Amial” sito no lugar Amial, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de *setecentos e noventa metros quadrados*, a confrontar de Norte com Manuel Passos, de Sul e Poente com Américo Alves e de Nascente com Estrada Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 279**, com o **valor patrimonial e atribuído de € 129,20**;

Que desconhecem os artigos da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade;

Que os referidos prédios vieram à sua posse em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta**, já no estado de casados, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, feita pelos pais da justificante mulher, Manuel Solha e Maria Fernandes Vieira, residentes que foram no aludido lugar de Telhada Grande, sem que, no contudo, disponham de qualquer título formal para registo na conservatória;

Que desde então entraram na posse e fruição dos mencionados prédios, em nome próprio, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja, na convicção de serem os seus únicos e atuais possuidores, exercendo essa posse ininterrupta e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas e sem oposição, nem violência, quanto aos urbanos, com aproveitamento de todas as suas utilidades, ocupando-os, neles efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respetivos encargos e despesas, e quanto ao rústico, limpando-o, cultivando-o, colhendo os seus frutos, tudo com ânimo de quem é dono;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios há mais de vinte anos conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer Interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, treze agosto de dois mil e dezanove. O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia catorze de agosto de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas cento e uma e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **ONZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial na qual **ÁLVARO JOSÉ PEREIRA** e mulher **MARIA AUGUSTA PINHEIRO**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais ele da extinta freguesia de Lamas do Mouro, ela da freguesia de São Paio, ambas freguesias do concelho de Melgaço, residentes no número 1655, Rue Bedard, Laval, Quebec, Canadá, e quando em Portugal no lugar de Igreja, na União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado “**Tojal do Teso**”, sito no lugar de **Igreja**, dita União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, composto por terreno de mato, com área de **dois mil e cem metros quadrados**, a confrontar de Norte com José Domingues, de Sul com Manuel Luís Rodrigues, de Nascente com Junta de Freguesia e de Poente com Estrada, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1150**, teve origem no artigo 536 rústico da extinta freguesia de Lamas do Mouro, com o **valor patrimonial de € 9,80** desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do referido prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e dois**, no estado de **casados**, por doação verbal que lhes foi feita por José Augusto Pereira e mulher Piedade da Conceição Domingues, pais do justificante marido, residentes ele que foi e ela que é no lugar de Igreja, da citada União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades,

cortando ao mato, que aproveitaram, procedendo à sua limpeza, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e dois** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, catorze de agosto de dois mil e dezanove. O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia dezasseis de agosto de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas cento e dez e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **ONZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial na qual **JOSÉ FERNANDO DE BARROS** e mulher **GLÓRIA DE JESUS RODRIGUES BARROS**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, ambos naturais da extinta freguesia de Parada do Monte, residentes na Estrada do Carrascal, número 293, na atual União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito na **União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão**, concelho de **Melgaço**, **não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial:

PRÉDIO RÚSTICO, denominado “**Valinho**”, sito no lugar de **Chão de Bezerra**, composto de terreno de cultivo, com área de **quatrocentos e vinte metros quadrados**, a confrontar de Norte com Estrada Camarária, de sul com Salvador Esteves, de Nascente com Armindo Pires e de Poente com Justino Pires, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2865** que teve origem no artigo 1387 da matriz rústica da extinta freguesia de Parada do Monte, com o **valor patrimonial e atribuído de € 32,33**, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua inteira responsabilidade;

Que entraram na posse do referido prédio em dia e mês

que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e cinco**, já no estado de casados, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, que lhes foi feita pelos pais do justificante marido, Manuel de Barros e Maria Afonso, residentes que foram no lugar de Trigueira, na dita extinta freguesia de Parada do Monte;

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades, apascentando o gado, procedendo à sua limpeza, pagando as contribuições, tudo com ânimo de verdadeiros donos;

Que tendo exercido sobre o indicado prédio uma posse pacífica, contínua e pública que dura há mais de **vinte anos**, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezasseis de agosto de dois mil e dezanove. O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, **que no dia dezanove de agosto de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas cento e catorze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **ONZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial na qual **MARIA HELENA RODRIGUES DOMINGUES** casada com **Álvaro Domingues** sob o regime de comunhão geral de bens, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, residente no número 175 da Rue Maurice Berteaux, em Bezons França, declarou:

Que é dona e legítima possuidora, com **exclusão de outrem**, do **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado “**Val ou Valados das Bessadas**”, sito no lugar de **Aldeia**, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, composto por terreno de cultivo e vinha, com *área de trezentos e oitenta me-*

tros quadrados, a confrontar de Norte com José de Sousa Lobato, de Sul com Manuel Vieites, de Nascente com Manuel da Rosa e de Poente com Venâncio José Gonçalves, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5844**, com o **valor patrimonial tributário de € 37,46**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entrou na posse do referido prédio, ainda no estado de solteira, menor, em dia e mês que não consegue precisar do ano de **mil novecentos e setenta e três**, por partilha verbal, feita com os demais herdeiros, por óbito de seu pai Manuel Rodrigues, viúvo, residente que foi no lugar de Aldeia, da citada freguesia de Paderne, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades, cultivando-o, regando-o, sulfatando e podando a vinha, colhendo os respetivos frutos, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e setenta e três** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezanove de agosto de dois mil e dezanove. O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 1/9/2019
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e nove de agosto de dois mil e dezanove**, exarada a **folhas catorze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOZE - M** deste cartó-

rio, foi lavrada urna escritura de justificação notarial na qual **AUGUSTO FRANCISCO PIRES**, NIF 182124045 e mulher **EUNICE MARIA DE OLIVEIRA LOPES**, NIF 182169685, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais, ele da extinta freguesia de Paços, concelho de Melgaço, ela da extinta freguesia de Torres Vedras (São Pedro e Santiago), concelho de Torres Vedras, residentes no número 3, Chemin du Pasquet, Vicq, em França, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, sito na União das Freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

PRÉDIO RÚSTICO, denominado “**Senrela**”, sito no lugar de **Sá**, composto de terreno de cultivo e vinha, com a *área de mil cento e cinquenta metros quadrados*, a confrontar de Norte e Poente com Maria Alves e de Sul e Nascente com Margarida Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1546**, que teve origem no artigo 743 rústico da extinta freguesia de Paços, com o **valor patrimonial tributário de €189,65**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e sete**, já no estado de casados, por compra verbal que fizeram a Maria de Lurdes Arieira e marido Manuel Soares, residentes que foram no lugar de Coto na extinta freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de correspondente ao exercício do direito de propriedade.

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e sete** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, vinte nove de agosto de dois mil e dezanove. O Notário, Marco Gonçalves

Figuras & Factos

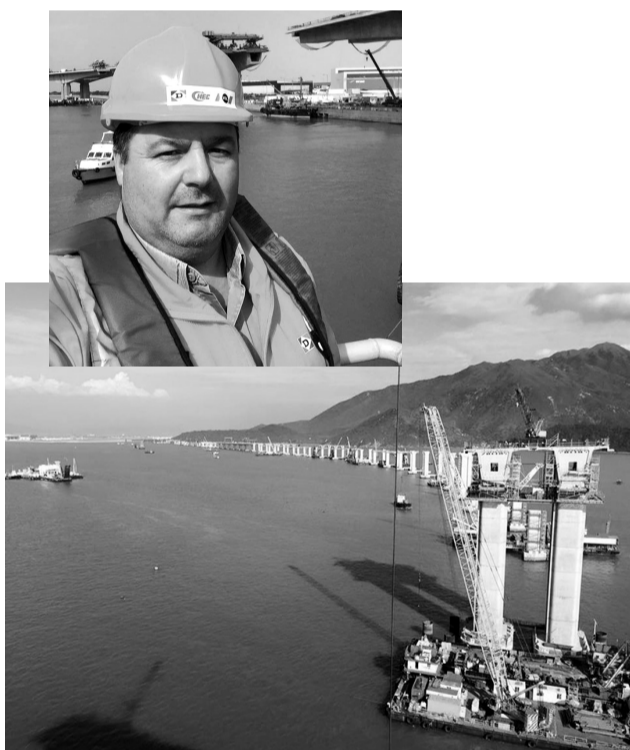
por
João
Martinho



Neste espaço, que será tão frequente quanto as histórias que consigamos recolher ou nos façam chegar – para redacao@vozdemelgaco.pt – daremos nota figuras da vida melgacense ou naturais de Melgaço que se destacaram profissionalmente ou pelo seu trabalho em prol da comunidade; mas também de factos que merecem referência positiva ou negativa.

Para esta colectânea de figuras e factos merecedores de referência reunimos vária informação que nos foi chegando e que, tratando-se do reconhecimento ou chamada de atenção para o acontecimento, não carecia de urgência noticiosa. No entanto, após este primeiro lançamento da rubrica, faremos a cada edição deste jornal a devida menção à figura ou facto que nos faça chegar ou que durante o mês nos surja como pertinente.

É de Melgaço o encarregado geral da maior ponte do mundo



Ocídio Domingues, Engenheiro Civil, natural de Ribeiro de Cima, Castro Laboreiro, foi o encarregado geral da obra que deu forma àquela que é hoje a maior ponte do mundo. A travessia marítima que liga Hong Kong, Zhuhai e Macau tem 55 quilómetros de extensão e estabelece novos recordes para a engenharia. Foi inaugurada em Outubro de 2018, após nove anos de construção, numa cerimónia em que esteve presente o Presidente da China, Xi Jinping, e mais 700 convidados.

Ocídio Domingues, de 47 anos, enquanto chefe das equipas da empreitada sem precedentes sobre os mares da China, estaria entre os presentes neste acto inaugural, representando a empresa francesa Bouygues Travaux Publics.

Os Olhares HD de Christophe Afonso

Em 2018, [Christophe Afonso](#), filho de melgacenses, foi distinguido pelo conceituado site de fotografia Olhares como o Autor do Mês (Abril) daquela plataforma. As imagens que capta são de apurada qualidade pictórica e de riqueza de cores, o que torna cada imagem digna de contemplação demorada.

“Nasci em Paris, mas digo sempre que sou de Melgaço”, diz-nos o autodidacta no mundo da fotografia,

nutricionista, licenciado pela Universidade do Porto e a exercer actividade profissional nos Laboratórios Bial.

“É na natureza que encontro os meus principais motivos para fotografar, sou assumidamente um fotógrafo de paisagem, desde o mar até à serra. É um tipo de fotografia que nos faz viajar, sonhar. A invisibilidade da fotografia de paisagem também torna o acto de fotografar ainda mais apaixonante pois nunca sabemos o que a natureza nos vai oferecer”, refere Christophe Afonso no texto publicado pela plataforma Olhares no mês em que destacou o melgacense, e que aqui reproduzimos em parte.



Vive na Madeira, sendo por isso nas ilhas portuguesas que recolhe muitas das imagens de nosso deleite. “Mas sempre que posso não perco a oportunidade de fotografar no continente, onde existem belíssimos locais que são visitados por fotógrafos de todo o mundo”, diz ainda.

Pode encontrar os trabalhos de Christophe Afonso em olhares.com/chrisafonso21 ou no Facebook, em: [facebook.com/christopheafonsophotography](https://www.facebook.com/christopheafonsophotography).

Comunidade juntou-se para operar cadela e arranjar-lhe um lar para viver

A história chegou-nos através de Gina Morais e dá-nos prova de que quando a causa solidária é genuína, a população dá sem interesses.

Uma cadelinha abandonada, na estrada do Peso, com uma perna partida, estaria certamente destinada à fatalidade de um atropelamento, quando foi salva. Face ao diagnóstico, havia que operar. Mas como não



há SNS para animais – apesar de o PAN querer propor algo parecido no seu programa eleitoral – teve de se pagar a factura com outros recursos.

“Fez-se um peditório pelas pessoas da Vila e todos ajudaram como puderam, só assim se pôde realizar a operação”, conta-nos Gina Morais, sublinhando a importância desta referência enquanto agradecimento “a todas as pessoas que ajudaram para a que a operação fosse um sucesso, e um muito obrigado à Ana Gonçalves, do Peso, que teve todo o trabalho de angariar o dinheiro”.

Após a cirurgia, a cadelinha foi adoptada e a recuperar já junto da nova família. Pode soar cliché e a filme de matiné se Sabado, mas é o final que todos desejariam.

Temos hoje mais floresta do que tínhamos até ao século XIX

A destruição do mito de que até à revolução industrial, em Portugal era tudo verde e viçoso surpreendeu até o colega de painel na rubrica “E o Resto é História”, da Rádio Observador.

Discutia-se a origem histórica dos incêndios e as causas quando o historiador Rui Ramos refere que a evolução e a consciência social para a floresta da paisagem, iniciada em meados do século XIX, tornou o nosso país mais verde... Embora com as espécies erradas.

“Portugal tem mais floresta hoje do que tinha há duzentos ou trezentos anos. Nós começamos a desenvolver-nos e a ter mais floresta. Quando chegamos ao século XIX, de acordo com os estudos oficiais, quando se iniciou a arborização do país, as nossas serras eram penhascos havia muita charneca, de mato rasteiro e muitos areais. Foi precisamente por isso que na década de 60 do século XIX se iniciou um processo de arborização do país. Nós queríamos ser ricos, ter a legislação avançada e ter as florestas verdes como os países do Norte da Europa. Mas como sabíamos que não podíamos ter o mesmo tipo de árvores, fomos escolher umas que crescessem mais rapidamente e nos permitissem ter florestas mais depressa. Daí os pinheiros e o eucalipto”, atirou Rui Ramos.

O jornalista João Miguel Tavares, que acompanha o historiador nesta rubrica de rádio, pergunta-lhe, face às catástrofes dos incêndios dos últimos anos nas manchas florestais dessas espécies, se estamos hoje a pagar por uma “estupidez do século XIX”.

“Estamos a pagar algo que parecia uma boa ideia, não para toda a gente”. Os discordantes desta política de floresta eram, como avança Rui Ramos, as populações rurais das zonas de montanha, que usavam as serras para pastoreio e que o regime florestal em implementação vinha limitar.

Hoje, volvidos menos de dois séculos desde o início da campanha de floresta (mais ou menos cuidada) do território, estamos afincadamente decididos em conquistar a paisagem portuguesa anterior ao fascínio pelos países nórdicos.

O indicador positivo em relação à floresta facilmente se desfaz em cinza, como o Brasil nos mostra pelo seu gigantesco exemplo da Amazônia.

Só falta mesmo aplicar as penas que se aplicavam noutros tempos, como refere ainda o historiador Rui Ramos. “No tempo das ordenações Manuelinas (século XVI), os incendiários arriscavam açoites em público e degredo para África”. Uma vez que ir para África já não implicam degredo, restam-nos os açoites em público aos incendiários.

Melgaço em Festa:

“É o que temos, mas o que temos é muito bom!”

João Martinho

A programação do “Melgaço em Festa” 2019 voltou a reforçar as suas principais iniciativas durante as festas concelhias.

O período de actividades culturais no concelho começou no final de Julho com o MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, que não tendo directamente a ver com o rol de actividades englobadas no Melgaço em Festa, deu o mote para mais de uma quinzena de festas. Pelo meio, o folclore internacional, a comemoração do Dia do Brandeiro, o Mercado Medieval, a Festa Crasteja e a Festa do Emigrante, que fechou com o folclore de raízes minhotas as festas, mostrou a aposta na diversificação dos motivos para fazer a população sair à rua ver o que se passa na praça.

“Estamos a conseguir configurar um desenho do que é esta festa. Estamos no bom caminho. Há coisas a melhorar, inovações a fazer”, notou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, no dia do fecho das actividades no âmbito do Melgaço em Festa.

“Foi com enorme orgulho que percebi que, embora não esteja directamente ligado ao Melgaço em Festa, o MDOC tivesse sido um sucesso rotundo. Foi muito bom ver que a programação, desde o Festival Internacional de Folclore e depois toda a programação, a festa do Brandeiro e a Festa Crasteja, na sua segunda edição, também a fazer um bom caminho”, ressaltou o autarca.

“Poderá haver uma ou outra pessoa a quem não agradamos, mas são as opções que achamos que devemos fazer”

Sobre o Mercado Medieval (entre 9 e 11 de Agosto), Manoel Batista considerou que a iniciativa “se afirmou bem” mas admite “alguma inovação” no programa dedicado a esta actividade “muito interessante e atractiva para Melgaço”.



O dia da Festa do Emigrante, que fechou com a praça cheia, motivou o autarca a considerar que “o caminho é por aqui”, mesmo que não agrade a todos.

“Poderá haver uma ou outra pessoa a quem não agradamos, as opções que fazemos nem sempre agradam a todos, mas são as opções que achamos que devemos fazer e continuaremos nessa senda para agradar aos melgacenses e a quem nos visita. Ouvi alguns comentários em relação a algumas das nossas opções, da

parte de pessoas que não nutriam tanto agrado pelas opções, mas por outro lado também havia pessoas que diziam que era por aí que se devia caminhar, pela diferenciação na forma como se faz, como se programa. É com esse conforto que devemos fazer este caminho. É o que temos, mas o que temos é muito bom”, concluiu o autarca.

Fotos: João Martinho/Tiago Fernandes

TOMA NOTA!
TAKE A NOTE!

22 SETEMBRO 2019
WWW.MONCAOEMELGACOGRAFONDO.COM

MONÇÃO • MELGAÇO
GRANFONDO

Monção e Melgaço
A ORIGEM DO ALVARINHO

município monção

melgaço município

TREK

BIKESERVICE

Lamas Sons & Ventos retirou ‘monopólio’ cultural ao município

“É a prova de que os privados têm um papel importante. O município não pode fazer tudo”

João Martinho

No dia 6 de Julho, houve Blues, Folk e Jazz no parque da Porta de Lamas de Mouro.

A segunda edição do “Lamas Sons&Ventos”, o evento que une a música, a arte, a gastronomia e os produtos locais reorganizou-se no imenso verde junto ao riacho e – assim a meteorologia o permitisse – seria possível disfrutar de música ao vivo durante um mergulho.

Os mais afoitos não resistiram e nem a ameaça de chuva os demoveu de se lançar à água enquanto a banda de aberura, “A Jigsaw”, fazia soar os acordes das suas mais conhecidas canções.

A tarde de espetáculos iniciou após as 14h30 e, além da banda acima indicada, o palco natural serviu ainda um manancial sonoro composto por “West Coast Man” e “Minnemann Blues Band”.

A iniciativa, levada a efeito pela empresa de animação turística Just Natur, com o apoio da Câmara Municipal e da União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, mereceu elogios do edil melgacense pela “vontade dos privados” em quererem assumir algumas propostas culturais do concelho.

“Este tipo de iniciativa é a prova provada de que os privados têm um papel importante. O município não pode querer fazer tudo”, considerou o autarca, reconhecendo que os programas culturais dos municípios não podem ser “monopolizadores” da actividade cultural ou desportiva. “Não queremos fazer tudo. Se as empresas têm vontade e querem pôr no terreno este tipo de actividades, ficamos felizes e procuramos, dentro das nossas possibilidades, dar o nosso apoio”.

António Candeias, da Just Natur, defendeu a escolha das bandas, a tolerância do tempo e o ambiente do festival num contexto de “encontro de amigos” a que se vão somando artes.

Dos artistas, a avaliação foi “o melhor possível”. “Habitualmente tocam em locais fechados, por isso adoraram mesmo. O género foi o ideal, agora só falta



captar mais pessoas, mas há-de chegar a altura. Estamos cá para fazer isto avançar, porque o sitio é idílico, mesmo”, sublinhou António Candeias, assumindo a continuidade de um evento que “não é para multidões”, mas quer levar até à porta do Parque Nacional Peneda-Gerês o público que está “na onda” dos géneros-raiz da música norte-americana.

João Rui e Jorri, da banda “A Jigsaw” trocaram umas breves palavras com este jornal e manifestaram o seu deslumbramento com o local.

“O tipo de música que nós fazemos é muito as raízes do folk e dos blues, por isso para nós esta comunhão com a natureza, num espaço mais remoto, para nós faz todo o sentido. Este é que o nosso local mais provável. O espaço urbano, do fumo, dos carros, dos barulhos dos motores, do



diesel é que é o improvável para nós”, observaram.

Talvez por isso tenham prometido incluir Melgaço na lista de locais da tour de apresentação do novo álbum, cujo lançamento está previsto ainda em 2019.

Allianz | Liberty Seguros | LUSITANIA SEGUROS | ageas

MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios:
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

CLÍNICA DE OTORRINO
LARINGOLOGIA
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular
Viana do Castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

PEDRO SEGUROS
GESTOR DE SEGUROS | PROMOTOR ASSURANCE

Já Disponível... NOVOS SERVIÇOS

Ter tudo numa só loja, nunca foi tão fácil!!!!

Tlm. 960 074 252 | 938 857 304
Tel./Fax 251 418 221
email: pedrocoelho82@gmail.com
Rua da Calçada, nº 1 4960-522 Melgaço

Allianz | Liberty Seguros | una seguros | PRÉVOIR

<p>Documentação Auto</p> <ul style="list-style-type: none"> > Registo Automóvel, Legalização de viaturas, CANCELAMENTO de matrículas > Carta de condução, Revalidação, Alteração de dados, 2ª Via Links Uteis e Manuais <p>Cartões</p> <ul style="list-style-type: none"> > Pedido de Cartão Jovem > Pedido Certidão Registo Predial, Pedido Certidão Registo Comercial > Pedido Certidão Registo Automóvel, Pedido de Via Verde <p>Contratos</p> <ul style="list-style-type: none"> > Contratos de electricidade (novos e alterações) > Consultadoria e Contratos de telecomunicações (Nos, Vodafone, Nowo e Meo) > Pedidos certificação energética > Inspeções de Gás <p>Segurança</p> <ul style="list-style-type: none"> > Soluções alarmes (Prosecur/Securitas) <p>Seguros</p> <ul style="list-style-type: none"> > Seguros Automóvel, Multiriscos, Vida, Acidentes Pessoais, Acidentes Trabalho, Etc 	<p>Pagamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> > Pagamentos, através de um TPA do Agente (em numerário ou com cartão MB) > Pagamento de faturas Electricidade, Água, Gás, Telecomunicações, Etc... > Carregamento de telemóveis, Todas as operadoras > Pagamento de impostos, IUC, IMI, Finanças > Pagamento de SCUTS <p>Marketing/Publicidade</p> <ul style="list-style-type: none"> > Criação de sites, > Flyers, cartões visita, posters, vinil, etc > Criação de logótipo e imagem corporativa <p>Bilheteira on-line</p> <ul style="list-style-type: none"> > Compra de Bilhetes para espectáculos > Imobiliária > Base de dados com imóveis provenientes da Banca > Compra e Venda de Imóveis > Aluguer de Imóveis <p>Projectos de Investimento Portugal 2020</p> <p>E Muito Mais... Venha Descobrir!!!!</p>
--	---

Aqui não paga renda: Melgaço arranca em Setembro com as lojas Pop-Up

João Martinho



Enquanto única localidade portuguesa integrante do projecto europeu URBACT “Re-grow City”, que tem a cidade alemã de Altena como exemplo de boas práticas de revitalização das cidades em declínio, Melgaço inaugurou, no dia 27 de Julho, o conceito e instalações daquela que é a primeira Pop-Up Shop do país.

O novo conceito arrancou naquela que será a base propulsora do projecto até à entrada em obras de remodelação (que deverá acontecer no início do próximo ano), a conhecida “loja do Sr. Hilário”, localizada numa das principais ruas do centro urbano da vila melgacense.

O novo modelo de funcionamento pretende “revolucionar” a dinâmica comercial, horários de funcionamento e até as ideias de negócio, onde não entram as ideias recatadas do escritório fechado nem o conformismo do “negóciozinho” das 9h às 17h.

A sessão de apresentação, animada com bombos, concertinas e actuações ao vivo, foi também de esclarecimentos por parte do grupo de trabalho e coordenação do projecto europeu, mas neste texto explicaremos em linhas gerais as características deste conceito e vantagens a considerar se pretender lançar uma marca ou ideia de negócio.

O grupo de trabalho está a finalizar algumas das normas de utilização e tem já aberto o período de inscrições para que a comunidade possa submeter o seu pedido de adesão a este modelo de ocupação dos estabelecimentos comerciais do centro urbano.

Assim, se nos próximos dias lhe propuserem parceria ou sugerirem que avance com a sua ideia de negócio e que pode usufruir de uma loja no centro da vila sem ter de pagar renda, não estranhe, porque nem sempre ‘o santo’ tem de desconfiar quando ‘a esmola é grande’.

“Eu acho que as pessoas vão perceber, embora tenhamos de comunicar mais o que é a ideia do projecto”, observou o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista.

Os coordenadores do projecto querem avançar já em Setembro com três lojas em funcionamento – na Rua Dr Afonso Costa e Praça da República – e com algumas das candidaturas propostas já instaladas, perspectivando, em curto prazo de tempo, ter muitos mais espaços aderentes ao conceito.

Acautelando o eventual receio dos comerciantes já instalados na praça, o autarca explica que o comércio local “não pode sentir isto como uma forma de concorrência. Não tem nada a ver com isso, pelo contrário, a

ideia é criar mais dinamismo e onde há mais dinamismo ganhamos todos”.

Para uma primeira abordagem ao comércio tradicional, a autarquia esclarece que os primeiros contactos e explicação do conceito está a ser feito pela Associação Empresarial Minho Fronteiriço, podendo os empresários já estabelecidos associar-se e serem promovidos nestas novas plataformas.

No terreno, a equipa que fará a selecção de propostas e o consequente acesso aos espaços destinados privilegiará “projectos interessantes que singrem, tragam novidade e economia, poderemos ter aqui um bom resultado”.

Se após o mês de Setembro, e no período de um ano e três meses estipulados para a duração do projecto, o sucesso da medida se efectivar, a autarquia irá equacionar “replicá-lo no final de 2020 e manter esta dinâmica de reutilização de espaços comerciais”.

Como funciona?

As Pop-Up Shops privilegiam ideias de negócio e de funcionamento que rompam com o modelo e horário tradicional. Se uma loja estiver aberta até mais tarde e venda um produto diferente ou que cativa um perfil de consumidor mais moderno, as ruas da vila ganharão mais movimento e ‘ruído urbano’ que estimula a economia nos estabelecimentos em causa e por extensão aos restantes modelos tradicionais que queiram aproveitar a dinâmica.

Limitação de períodos de utilização por 3+3 meses

Para que haja rotatividade e as eventuais candidaturas possam ter resposta, as Pop-Up Shops podem ser utilizadas até um máximo de três meses, prorrogáveis por mais três se o empresário/vendedor tiver interesse, o conceito funcionar e o grupo de trabalho validar o interesse da proposta face à matriz do projecto. Mas há algumas condições que mudam, inclusive na renda.

Um começo sem despesa de renda

A vitória ou morte (do negócio) não passará certamente pela aflição de ter que arranjar volume de negócio para pagar renda. O projecto europeu quer proporcionar condições de “conforto para avançar com um negocio, que de outra forma não existe”.

“Se a ideia de negócio que o candidato apresentou ao grupo de trabalho na candidatura [há um formulário

para o efeito], que apresentou Candidatura ao grupo de trabalho é boa e vem dinamizar o espírito da vila, entra por um período de três meses e não paga renda. Paga apenas os contadores da luz ou água, dos consumos que fizer. Se resultar muito bem, pede ao grupo mais três meses e nos segundo período vai pagar uma renda simbólica de 1 euro por metro quadrado. Ou seja, se a loja tiver 50 metros quadrados, paga 50 euros de renda e não a renda comercial que se pratica por aí”, explicou a este jornal José António Lopes, arquitecto, consultor da autarquia e coordenador do programa URBACT em Melgaço.

E se correr bem? Está pronto para experimentar uma renda comercial

Findos os dois períodos de protecção da despesa de renda, num total máximo de seis meses, o jovem empresário “está em condições de tentar uma renda comercial normal e lançar-se, já não precisa do apoio do projecto. A essa altura, quem precisa são os outros que estão na fila de espera”, observou ainda o coordenador.

O que é que NÃO cabe neste conceito?

“O exemplo de outras cidades europeias, como Altena que é a nossa referencia, é que isto tem de ser diferente do habitual. Aquela ideia do negociozinho tradicional das 9 às 5 não cai muito neste programa”, explica José António Lopes.

Mesmo fora de qualquer avaliação, por restrições legais, estará a área da restauração e bebidas, Bar, ou animação nocturna. “Tudo o que implique legislação que é muito restritiva em Portugal, não. Porque a loja pode não ter condições para albergar esse negócio”.

Os conceitos ‘benéficos’

Quanto às ideias e formatos de negócio, “que venham os mais diferentes possíveis”.

“Vamos privilegiar horários que contrariem as horas mortas. Se for um horário das 10h da manhã às 21h30 e se está aberto ao Sábado e Domingo, melhor ainda, ganha os pontos todos”, sublinhou ainda o responsável local do URBACT.

Sobre possíveis entendimentos de concorrência com possíveis benefícios por parte do comércio tradicional, José António Lopes dá como exemplo o estímulo comercial aplicado nas grandes superfícies. “Se eu for para um centro comercial e quiser alugar lá uma loja, eu vou escolher o corredor o mais concorrido”, ressaltou.

Sabores Castrejos
de Judite Rodrigues

Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

Tlf: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com

Siga este símbolo para encontrar o
nosso fumeiro em
Portelinha - Castro Laboreiro

Adega sabino
Largo Hermenegildo Solheiro
n.º 46 - Melgaço
Tlf.: (+351) 251 404 576
Tlm.: (+351) 963 452 031

"Respeito pela
cozinha regional,
paixão pelo Alvarinho"
in "TSF à Mesa"

Uma peregrinação ímpar e surpreendente

Carlos Nuno



No final da eucaristia de 3 de Agosto, na Senhora-a-Branca, em Braga, fui procurado por um senhor de perto de Salamanca que me falou se no dia seguinte, domingo, dia 4, podiam passar pela Igreja a saudar Nossa Senhora na denominação que é também a deles na paróquia junto a Salamanca. Falei da eucaristia às 10,30h e se seria possível chegarem algo antes. Não imaginava o que ia encontrar. Tinha-me falado em ‘carroças’ e eu pensei que fossem carrinhos de rodas com deficientes. Qual o meu espanto, estávamos já nos ritos iniciais da eucaristia dominical e chegou todo suado o sacerdote Blas Rodríguez, da associação Acasan, de Fuenterroble de Salvatierra, em Salamanca, em cuja paróquia existe o santuário de Penha de França, que dirigia a peregrinação que pretende fazer a rota mariana Sameiro – ao santuário da Virgem da Barca, em Muxia, a cerca de 25 Kilómetros de Finisterra, na Galiza. O itinerário desta via estende-se por 372 quilómetros e é percorrido em 17 etapas.

Depois de uma saudação e brevíssima apresentação da Igreja, o sacerdote convidou-me a ir dar uma bênção aos peregrinos que esperavam lá fora. Sem ainda compreender bem a razão, eis que deparo com 8 carros à antiga, cada um com sua imagem, (ver fotos) puxados por mulas, burros e cavalos, precedidos do andor de Nossa Senhora do Sameiro que tinha saído da Sé, aos ombros de 8 homens já traquejados nas procissões ao Sameiro. Foi uma grata surpresa que muito me chamou a atenção, pois que não é uma peregrinação qualquer. Depois da bênção, seguiram o percurso até ao Sameiro. No dia seguinte, dirigiram-se até Ponte da Barca, depois Arcos -Peneda, Melgaço, onde celebraram na Igreja Matriz e percorreram as principais ruas da Vila, seguindo para a Galiza. No dia 8 de Agosto estavam na Cañiza, no santuário de Nossa Senhora da Franqueira, onde tiveram a presidir à eucaristia o cardeal – arcebispo emérito de Sevilha, Carlos Amigo. Depois seguiram o restante



percurso e, apesar das contrariedades do tempo com chuva e das dificuldades de tanta logística, conseguiram chegar ao destino que almejavam alcançar.

Para mim e muitos dos que estavam na eucaristia foi uma belíssima e agradável surpresa, além de um desafio a não esmorecer perante as dificuldades.

A fé, quando é verdadeira e pura, move mesmo montanhas.

Fotos: Maria Arnalda Vieira

Minho é líder nos principais indicadores de crescimento turístico do país

João Martinho



Os números apresentados pelo consórcio Minho IN – que integra as comunidades Intermunicipais do Alto Minho, Cávado e Ave e engloba os vinte e quatro municípios do Minho – por altura da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL) 2019, dão nota de uma série de recordes para a região.

Além de uma procura turística com um ritmo de crescimento superior à média do país, o Minho tem muitos outros números de interesse para visitantes e locais, que certamente significarão mais e incentivarão à descoberta. Afinal, mais importante do que saber que a região minhota tem interesse para quem visita, é sentir que os que nele vivem se orgulham do seu território e o conhecem como ninguém.

O Minho INovação apresentou números e potencialidades turísticas da região daqueles que são os princi-

pais produtos do território, nomeadamente, no que respeita à Natureza, Património, Arte & Cultura e Sabores.

Natureza

O Minho integra no seu território o único Parque Nacional do País (Parque Nacional da Peneda Gerês) e a Reserva Mundial da Biosfera, abrangendo ainda diversos territórios classificados com a Carta Europeia de Turismo sustentável e o Top 100 – Sustainable Destinations.

O Minho tem **51,5 quilómetros de costa litoral** e é atravessado pelos principais rios: Minho, Lima, Cávado e Ave; possibilitando a prática de um vasto conjunto de atividades náuticas e de natureza.

Património, Arte & Cultura

O Minho tem **mais de 100 monumentos nacionais classificados**. Ou seja, sensivelmente os mesmos monumentos nacionais classificados que tem a Área Metropolitana de Lisboa e cerca do dobro de monumentos nacionais classificados da Área Metropolitana do Porto.

No Minho encontram-se **3 das 14 aldeias portuguesas mais emblemáticas**, seleccionadas como finalistas do concurso “7 Maravilhas de Portugal – Aldeias”.

No Minho existem **8 dos 14 produtos de artesanato certificados** a nível nacional.

Sabores

O Minho tem uma tradição enogastronómica baseada, quer nos seus vinhos verdes, quer em múltiplos pratos confeccionados a partir dos principais recursos do território. **Existem neste território 13 restaurantes referenciados no Guia Michelin 2019.**

Economia ligada ao turismo

Os dados divulgados no Anuário do Instituto Nacional de Estatística (INE) dão também números animadores para o território minhoto, estabelecendo inclusive novos recordes no sector do turismo.

O Minho **atingiu pela primeira vez 1,1 milhões de hóspedes, 2 milhões de dormidas e 66 milhões de euros** em proveitos de aposento, apresentando ritmos de crescimento da procura turística superiores a Portugal e à Região do Norte.

As NUT III do Minho (Cávado, Alto Minho e Ave) **voltaram a ocupar a 2ª, 3ª e 4ª posições** com maior procura turística, respectivamente, logo a seguir à Área Metropolitana do Porto.

O Minho foi o segundo subdestino turístico da Região de Turismo Porto e Norte de Portugal com 22,3% das dormidas na referida NUTS II. O Minho, juntamente com o subdestino Porto, representam **quase 91% das dormidas na Região de Turismo Porto e Norte de Portugal.**

Da ‘cucha’ ao casamento

Uma discussão medida a passo em Castro Laboreiro

João Martinho



A cerimónia precedente à realização do casamento (ou não, em alguns casos) revestia-se de peculiar tradição em Castro Laboreiro. Antes que os nubentes subissem ao altar para confirmar a união, os respectivos padrinhos, do noivo e da noiva, mediam pé ante pé, a honradez do afilhado ou afilhada.

A Boda Crasteja é por isso um atractivo do dia grande do programa da Festa Crasteja, que se realiza de 14 a 16 de Agosto. Os participantes desta reconstituição histórica são castrejos que, trajados ao rigor de uma prática que ainda era aplicada no século XX, procuram reproduzir a argumentação que os astutos padrinhos e famílias dirimiam.

Traçado um risco, ou mesmo com uma vara ou cajado que definiria o ponto de encontro (ou de não retorno à vida de solteiro) do casal, até àquele traçado discutia-se os valores de cada família, o mérito de cada um ou até algumas práticas durante a ‘cucha’, o namoro “secreto”, geralmente à noite e às escondidas dos olhares do povo.



Pelo segundo ano consecutivo, desde o alargamento do programa de festas, Castro Laboreiro apresentou um dos momentos peculiares momentos da sua história, perante as centenas de pessoas que rodearam o largo em frente à Igreja, cenário para esta reconstituição.

Desenvolvida pelas gentes de Castro, que teve autonomia para decidir o programa e como apresentá-lo, a autarquia manifestou o seu apoio ao evento e a dis-



ponibilidade para apoiar na construção de “outros momentos” para a tarde de 15 de Agosto.

“**Manteremos esta vontade de colaborar com eles e de trazer para a festa, na tarde do dia 15, outros momentos e realidades da vida castreja. Vai acontecer com o tempo, procuraremos fazer alguma avaliação com eles**”, notou o autarca de Melgaço, Manoel Batista.

Júri da 6ª Edição do MDOC rendeu-se à história de Tania, um testemunho sobre o tráfico humano

João Martinho



O filme “By the Name of Tania”, realizado por Mary Jimenez e Bénédicte Liénard, é o grande vencedor da 6ª edição do MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, que teve lugar entre os dias 29 de Julho e 4 de Agosto.

Rodado no Perú, o filme que retrata a história de uma jovem iludida e forçada a prostituir-se “até progressivamente perder quase todos os seus traços de identidade”, é o vencedor do prémio Jean Loup Passek na categoria de Melhor Longa-metragem Internacional.

O júri destaca no filme a “construção poética da narrativa” através de técnicas próprias do cinema de ficção e a transformação de “um drama local Peruano numa exemplar história universal sobre tráfico humano”.

Na categoria de Melhor Curta ou Média-metragem Internacional, o júri decidiu premiar o documentário, rodado numa região remota da Sibéria, “Terra”, de Julia Kushnarenko, pela utilização de uma “cinematografia magistral” para representar “as singularidades de um povo”.



“Fordlandia Malaise”, de Susana de Sousa Dias, foi considerado o Melhor Documentário Português entre todos os filmes a concurso. De acordo com o júri, o filme faz uso de um “dispositivo transgressivo que explora os limites do cinema documental e confronta, num único plano, o projecto colonial e as suas ruínas atuais”.

Desde 2014 que o prémio Jean Loup Passek distingue anualmente documentários nestas três categorias. Além do troféu personalizado entregue a todos os filmes distinguidos, o vencedor na categoria de longa-metragem é agraciado com um prémio no valor de 3.000 euros, a melhor curta-metragem recebe 1.500 euros e o melhor documentário português a concurso arrecada o prémio na categoria nacional, no valor de 1.000 euros.

O júri do prémio Jean Loup Passek 2019 é constituído por Alexandra Wesolowski, realizadora de nacionalidade Polaca e vencedora deste prémio na categoria de melhor longa-metragem internacional em 2018, Iman Behrouzi, realizador Iraniano a viver na Alemanha, Maria Pinto Martin, realizadora e artista plástica Francesa Luso-descendente, Sandra Regina Nunes, investigadora



Brasileira na área do Cinema, e Tiago Baptista, investigador, professor universitário e director do ANIM – Arquivo Nacional de Cinema.

Nesta edição do MDOC, pela primeira vez, a Federação Internacional de Cineclubes associa-se ao MDOC para atribuir o prémio Dom Quixote.

O júri, constituído por Mónica Ferreira, do Cineclube da Bairrada, Konrad Domaszewski, do Cineclube de Varsóvia (Polónia), e Trond Leirvik Onarheim, do Stord Film Society (Noruega), distinguiu também o filme “By the Name of Tania”. Os membros do júri destacam o carácter “hipnótico” e “assombroso” de um filme que permite “várias camadas de interpretação”, através de “memórias e emoções”.

O MDOC Festival Internacional de Documentário de Melgaço é organizado pela Câmara Municipal de Melgaço em parceria com a AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual desde 2014, e pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual sobre a região.

2ª Edição do Monção e Melgaço Granfondo by Trek vai ter partida e chegada em Melgaço

João Martinho

Depois da 1ª edição do Monção e Melgaço Granfondo, em 2018, ter superado as expectativas, com a participação de cerca de 2000 mil entusiastas do ciclismo, Melgaço prepara-se para receber a partida e a meta da segunda edição deste grande evento desportivo.

Este ano, a prova realiza-se a 22 de Setembro e convida a “pedalar por serras e vales”, mas pede também alguma preparação. Afinal, totaliza 130 quilómetros (na prova Granfondo) e 2679 m de desnível positivo. Cabe a cada participante escolher o desafio que melhor se adequa, que são o Granfondo (130 km), Mediofondo (106 km) e o Minifondo (75 km). As inscrições estão abertas, mas os interessados em participar deverão assegurar a sua inscrição quanto antes, pois a expectativa prepara-se para ser novamente superada. A quase um mês da data da prova, a organização já tinha 1750 inscrições validadas, restando por isso apenas 250 para atingir o máximo admitido para esta prova.

Assim, se quiser participar, poderá tentar a sua sorte e inscrever-se no no Monção e Melgaço Granfondo by Trek até 20 de Setembro (as inscrições encerrarão antes se atingidas as 2000) em www.moncaoemelgacogranfondo.com



Melgaço deu o primeiro passo na missão URBACT Re-growCity

João Martinho

A mais recente apresentação do conceito “Pop Shop” à comunidade melgacense, no dia 27 de Julho, são os primeiros frutos da troca de experiências entre cidades europeias no âmbito do Programa URBACT.

O novo conceito, mais descomprometido do que as lojas tradicionais, uma vez que permite alugar um determinado espaço por um curto período de tempo – um método que até as grandes marcas internacional utilizam – é uma das primeiras aplicações práticas das ideias discutidas pelo painel de países constituintes do grupo URBACT Re-growCity, que já reuniu em Melgaço no passado mês de Abril.

A localidade alemã de Altena lidera, enquanto cidade modelo para o projecto europeu na revitalização de cidades em declínio, do qual fazem parte, além de Melgaço, as cidades de Aluksne (Letónia), Isernia (Itália) e Nyirbator (Hungria).

No ano 2000, e apesar do seu passado industrial fortemente ligado à indústria do aço, Altena estava em decréscimo, com o envelhecimento da população residente e as gerações mais jovens a deslocarem-se para os grandes centros relativamente próximos, como é o caso de Berlim ou Dortmund.

Com a participação activa da sociedade civil, a quem foi dada preponderância na decisão daquilo que queriam para a sua cidade, Altena tornou-se uma referência pelo sucesso de novos conceitos para a fixação de população, exploração de novos modelos de negócio, como o turismo, e uma consequente revitalização do centro urbano.

Dado o sucesso do modelo, Altena é por isso o centro das atenções das cidades europeias a braços com a mesma problemática que assolava à cidade alemã há quase duas décadas.

“A questão da transferibilidade é sempre interessante, mas relativa. Nunca se consegue fazer exactamente o mesmo. Aquilo que funcionou num local não tem de funcionar exactamente da mesma maneira noutra local”, observava o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, por altura da reunião de representantes dos países integrantes do URBACT Re-growCity em Melgaço.

A intervenção nas áreas urbanas, na perspectiva de reactivar lojas comerciais encerradas ou a habitação entretanto fechada, foram os principais tópicos deste painel. A autarquia quer “colocar as pessoas na discussão do problema” e procurar uma caminho que inverta a tendência do despovoamento.



“Temos um caminho a fazer. Esperemos que os resultados sejam bons, mas se não forem tão bons quanto o que seria desejável, o caminho que se enceta é importante”, considera o autarca de Melgaço.

O projecto, “ambicioso e com um horizonte temporal grande”, não tem por objectivo realizar obra, mas provocar a União Europeia para uma distribuição mais atenta dos apoios, tendo em conta a interioridade ou a periferia de algumas cidades.

O poder de decisão da sociedade civil salvou uma cidade do declínio

Em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”, Andreas Hoslstein, Mayor [Presidente da Câmara] da cidade alemã de Altena, alertava para a necessidade das pequenas cidades europeias iniciarem “um processo de mudança”.

O projecto é, pela sua experiência enquanto autarca, de longo prazo, mas definiu um ponto de viragem para a sua cidade. Além da tendência do despovoamento, Altena tinha “muitas dívidas” e o orçamento corrente “não era bom”.

Assim, e perante o constrangimento financeiro, Andreas Hoslstein mudou de estratégia política.

“Não era a política de fechar ou reduzir, mas decidir com as pessoas da cidade qual era o seu objectivo, não o meu como presidente. Era saber o que a sociedade civil pensava do futuro de Altena e eles apresentaram ideias claras do que queriam para o seu programa em 2020. Penso que aprendemos, ao longo destes anos, o quão poderosos os cidadãos são. Apresentaram o seu conhecimento, a sua experiência, com o objectivo para ajudar a sua própria cidade”, explicou o autarca.

Assim, de uma cidade de referência na produção de cabos de aço – com uma preponderância tão decisiva



que, se a actividade produtiva de Altena parasse quatro dias “nenhum carro na Europa poderia ser produzido” – a cidade alemã tornou-se também num importante ponto turístico, com um castelo que recebe cerca de 140 mil visitantes por ano e um elevador que transporta anualmente mais de 60 000 pessoas por ano do fundo para o topo da cidade... e pagam por isso.

Andreas Hoslstein, que até já assumiu voltar a Melgaço para férias em família, reconhece as vantagens do concelho na área do turismo, elogiando a organização da oferta de actividades de natureza, os pequenos museus e a história em torno da vinha e do vinho.

“Nem sempre é só uma questão de investimento, é mais uma questão de ser mais conhecido na Europa. Não pode ser só um reflexo do turismo que vem para o Porto passar um fim-de-semana, mas procurar o turismo que vem por períodos mais longos”, observou o Mayor de Altena.

A cativação de pessoas dos grandes centros pelos preços da habitação a qualidade de vida e uma base de trabalho mais assente nas tecnologias e no mundo digital, que permite trabalhar a partir de casa, são algumas das estratégias que o autarca aponta como repovoadoras da periferia.

Mas para isso, há que chamar a atenção dos grandes centros de decisão, e este pode ser o primeiro passo.

“No fundo, o nosso projecto é uma declaração dos membros para mostrar à União Europeia que nós conseguimos fazer de forma diferente, e que o queremos fazer agora. Eles não vão mudar de um dia para o outro só por causa desta declaração, mas temos que dizer-lhes que estamos aqui, esta é a nossa bandeira, temos necessidades, e que não podem olhar só para os grandes navios, também tem de olhar para os barcos pequenos”, considerou Andreas Hoslstein.

Faleceu o Manuel de Faria

Abílio Francisco Conde

Faleceu o Manuel de Faria, mais conhecido pelo Neca. Era filho do saudoso cabo da GF, Faria, distinto comandante do Posto de S. Marcos, Peso. O Neca viveu a sua mocidade no Outeiro, onde aprendeu a arte de alfaiate. Naquele tempo, não havia lojas que vendessem roupa feita. Tinha que se mandar fazer em alfaiates. No Peso existiam diversos. Entre outros, além do Neca, o Neuzinho, a Rosinha do Casal e as meninas da Fontainha; em Alvaredo, o Ramiro; em Prado, o Gorro e na Vila, o Vilas, o Ângelo e o Xastre. De todos, o melhor era o Neca. Ele era exímio no corte e na confecção de roupa e trabalhava tanto para crianças como para homens e senhoras. Recordo quando era pequeno, subia do Peso até ao Outeiro, onde ele tinha o atelier para fazer as provas de um fato novo, em geral no Natal, na Páscoa ou no dia de aniversário, ou festa, o S. Bento em Fiães, N. S. a Rosário, Paderne ou S. Roque em Golães. Tirava as medidas e voltava lá mais duas vezes até que trazia numa cruzeta a obra feita com grande arte e com todo o esmero. Recordo ainda que durante o seu tra-

balho mantinha um diálogo de muita educação com os clientes, pelo que se tornava agradável o seu convívio. Tinha cinco irmãs: a Mena, a Glória, a Maria, a Esmerada, a Alice e dois irmãos, o Luís e o José, ambos GF. Casou com Maria de Carvalho da Corga, Remoães e tiveram dois filhos: prof. Luís Faria e Pedro Faria, GNR, três netos e dois bisnetos. O Peso estava no seu auge. Os hotéis enchiam. A clientela aumentava e ele tinha dificuldade em atender tanta gente. Só lhe sobrava tempo para aos domingos, no Verão, ir até ao parque das Águas, junto ao riacho e era vê-lo com a família e os amigos em alegre cavaqueira e passava a tarde inteira à sombra das frondosas tílias ali existentes. Adorava as Águas do Peso. Dizia-me que gostava mais da água da Fonte Nova do que a das Pedras Salgadas. A última vez que o visitei elogiou os meus artigos neste jornal A Voz de Melgaço que ele lia sempre e incentivou-me para continuar a defender as nossas Termas na crise que estão a passar. Foi assim um grande amigo que partiu, deixando muitas saudades a quem o conheceu ou com

ele privou. Era muito caridoso e cidadão exemplar. Foi um excelente filho, marido, pai, avô, bisavô, amigo e a prova viu-se na igreja de Remoães que era pequena para conter tanta gente e fiquei ao lado da sua neta que muito chorou durante toda a cerimónia religiosa. Adeus Neca. Foste um grande profissional e um grande amigo. Até à eternidade. Faço-te esta pequena homenagem em meu nome pessoal, em nome da minha família que muito estimaste e te estimava, dos amigos que tinhas espalhados pelo país e estrangeiro e de A Voz de Melgaço de que eras assinante dedicado. Que a tua alma descanse em paz.

A toda a família enlutada as minhas mais sinceras condolências.

Agosto 2019



Melgaço e Entrimo cumpriram revisão de fronteiras em Arcos de Valdevez

João Martinho

O município de Melgaço e o município de Entrimo (Ourense, Galiza) assinaram a 26 de Agosto a acta de vistoria de fronteira. A revisão de fronteiras entre Melgaço (Portugal) e Entrimo (Espanha) ocorre por determinação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, no cumprimento do Tratado de Limites entre Portugal e Espanha de 29 de Setembro de 1864.

A cerimónia foi realizada em Arcos de Valdevez – que cumpriu também a revisão de fronteira com o município de Entrimo – onde o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, assinou o documento de verificação a par com o congénere do município galego.

A acta de vistoria é assinada anualmente pelos representantes dos municípios fronteiriços e atesta que não há qualquer alteração aos limites de cada um dos países.



Cão de Castro Laboreiro cativa criadores para a única raça de cães com 'pedigree' no PNPG

João Martinho

Desde 1914 que o Concurso Tradicional do Cão de Castro Laboreiro leva o nome da vila castreja aos vários pontos do país e mesmo ao estrangeiro.

A única raça do Parque Nacional Peneda-Gerês com 'pedigree' tem cativado o interesse de vários criadores de Norte a Sul do país e até na vizinha Galiza, que fazem questão de submeter o seu exemplar no concurso que estipula o estalão e características da raça.

Ao longo dos anos, a participação de criadores no tradicional concurso tem oscilado, não tendo este ano chegado à dezena de exemplares – em 2018 superou a média e as expectativas – mas mostrou que o interesse na raça continua dentro e fora de portas.

“O concurso tem uma importância brutal para a afirmação da raça. É o único que, de forma ininterrupta, se faz há mais de cem anos. Isso diz muito do valor da raça, mas também do valor das gentes de Castro Laboreiro, que cuidam a raça como em qualquer outro lugar do país”, realçou o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, presente no evento.

Sobre a oscilação e eventual impacto do concurso por entre a comunidade de criadores de raças portuguesas, Manoel Batista considera que, aparte a participação maior de criadores locais ou de fora do concelho, “o que é importante é a continuidade do concurso, o trabalho da Associação Portuguesa do Cão de Castro Laboreiro (APCCL), a população, que acarinha a raça no seu território e tem ajudado a valorizá-la”.

A autarquia prevê ainda reunir especialistas para a realização de um estudo que visa “definir bem as características do cão de Castro Laboreiro” e, futuramente, um Centro Interpretativo do Cão de Castro Laboreiro que valorize a raça e o seu território.



Expresso do Oriente | 5

Uma viagem mítica

M. J. Lobo



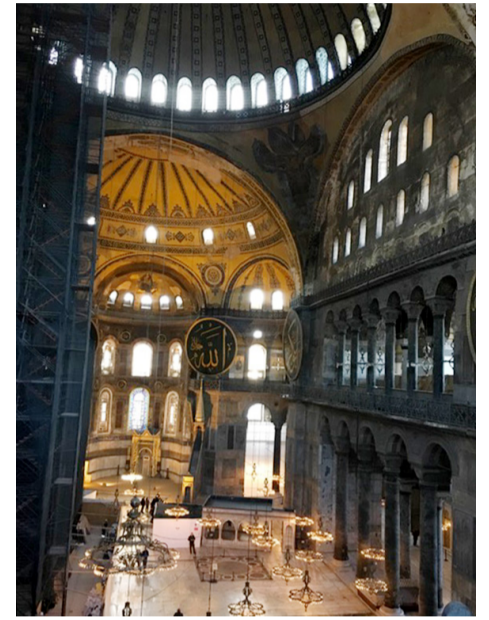
Veio do Egipto pertenceu a um faraó...



Igreja de Santo António em Istambul



A Basílica de Santo António é a maior igreja cristã de Istambul situada numa das ruas mais representativas da vida comercial e cultural da cidade.



Uma vista muito parcial do belíssimo interior!



Bancas de venda de rua.



O pão a sair do forno tradicional...



Só as cores e a variedade no mês de Janeiro é um espanto... e as romãs sempre presentes.



Em Janeiro ainda lá estava o presépio...

CHEGAR A CONSTANTINOPLA... E DESCOBRIR ISTAMBUL

De Sofia, capital da Bulgária, até Istambul, foi uma noite de viagem em carruagem cama, em que o sono não nos deixa tomar real consciência da distância, cerca de 550km.

De manhã, já dia claro, entramos na actual estação terminal, Ispartukale, sem sabermos bem aonde estamos: afinal já entramos na grande Istambul, mesmo muito grande, e por isso ainda muito distantes do centro histórico, onde iríamos ficar alojados.

Sublinhamos que Istambul, com 16 milhões de habitantes, é a mais populosa cidade do continente europeu, ultrapassando largamente Londres, Paris e Moscovo: a sua extensíssima área urbana coloca-a na lista das grandes metrópoles mundiais.

Esta zona habitacional aonde termina actualmente o percurso ferroviário é a mais valorizada para residir, pelas suas agradáveis e inúmeras zonas verdes e qualidade urbanística, embora a algumas dezenas de km do centro histórico.

Terminamos assim, aqui, a nossa viagem de evocação do "Expresso do Oriente". Nos seus tempos áureos o combóio ia mais longe, até à estação terminal, construída para o efeito próxima do centro da Constantinopla de então, num belo edifício, como um digno final deste percurso de luxo transcontinental!

Istambul, uma cidade charneira

A importância desta cidade, pelo local geográfico que ocupa, tem uma longuíssima história e uma tradição de passagem de rotas comerciais ímpar.

Esta localização estratégica estimulou, ao longo do tempo, inúmeras trocas comerciais entre povos e culturas: gregos, egípcios, sírios, semitas, eslavos, e tantos outros viajantes e mercadores que se encontravam neste ponto de cruzamento entre a Ásia e a Europa, onde chegavam produtos dos mais variados tipos e origens: ouro, marfim, porcelanas, pimenta, canela, trigo, mel, entre tantos outros.

Já por volta do ano 1000, cerca de cento e cinquenta anos antes da fundação de Portugal, esta cidade reunia uma população de quase 1 milhão de habitantes e era a mais rica de toda a Europa, um registo como entreposto comercial internacional desde sempre.

Os vários conquistadores fizeram-na mudar de nome várias vezes, talvez para sublinhar um acto de posse de tal magnitude: a antiga Bizâncio, quando promovida a capital do Império Romano em 11 Maio de 330 após a conquista do Imperador Constantino que ordenou uma nova construção (324-336), passou a imortalizar o seu nome: Constantinopla. Esta designação manteve-se durante vários séculos. A partir de 451 foi a sede de um patriarcado que se estendia a todas as igrejas do Oriente.

As invasões dos bárbaros na Europa, principalmente nos séculos IV e V atingiram violentamente Roma e provocaram a sua queda. Mas a parte do império Romano do Oriente manteve-se estruturada com a sua capital política, religiosa e intelectual em Constantinopla e no ano de 532 adoptou para si a designação de Império Bizantino. Manteve-se assim ainda durante vários séculos até ser tomada definitivamente pelos turcos em 29 Maio 1453, data em que termina.

Nessa altura o nome de Istambul surgiu então como a designação turca desta cidade e um sinal de posse,

mas só em 28 de Março de 1930 essa designação muçulmana de Istambul passou internacionalmente a ser oficial. Por isso o Expresso do Oriente enquanto se realizava, sempre acabou em Constantinopla!

Sultanamet

Depois deste breve enquadramento histórico e retomando o fio à meada: na estação de caminhos de ferro de Ispartukale uma carrinha esperava-nos e transportou-nos até à zona de Sultanamet, bem no centro da parte antiga de Istambul até uma simpática residencial familiar, muito perto de monumentos e locais históricos icónicos. Na verdade, uma óptima localização para percursos a pé, facilitando cruzamentos e interacção com a vida local. Não se quebra o encanto! Este é um dos bairros mais bonitos de Istambul e onde se situam grande parte dos monumentos mais importantes e aparecem cafés e restaurantes muito interessantes.

Encontramos aqui bem perto, em pleno hipódromo, o famoso obelisco egípcio mandado construir pelo faraó Tutemés III no seu país mas que no século IV d.C. foi levado para Constantinopla pelo imperador romano Teodósio I e colocado no Hipódromo, no centro de Istambul, hoje designado por Praça Sultanahmet. Impossível ignorar...

Nesta zona, caminhar e usufruir do que se vai observando torna-se muito interessante ao descobrir as múltiplas influências ao longo dos tempos e que se detectam na arquitectura, na gastronomia, nos tipos fisionómicos, nos trajés, um multiculturalismo de séculos, uma mistura harmónica e fortemente entrosada de civilizações.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

A maioria dos habitantes é muçulmana mas nas ruas o cruzamento multicultural é surpreendente. Vendedores de rua por ex. de espigas de milho assado ou de sumo de romã, para nós pouco comum, mas que os locais saboreiam sentados nos bancos de jardim. E tantas outras...

A Cisterna da Basílica

Sempre a pé, porque Sultanamet é na verdade central, visitei a maior cisterna de Istambul, construída no ano de 532, chamada Cisterna da Basílica pois está perto da Basílica de Santa Sofia.

Para a visitar descemos ao subsolo e entramos numa atmosfera com uma iluminação frouxa a tornar mais indefinidos na meia luz os limites daquele espaço enorme que não se enxergam. Depois percebi: a área da cisterna é de 100m por 100m, uma imensidão! Tem capacidade para 30 milhões de litros de água. Foi utilizada até ao séc. XIV.

O tecto é suportado por 336 colunas romanas de ordem coríntia, que vieram, imagine-se, dos templos romanos da Anatólia, a umas duas centenas de km distância,...Que tarefa hercúlea!

A sua magia é tal que serviu de cenário de um dos filmes de... James Bond !

Algumas fotos dão uma pequena ideia desta notável construção.

Santa Sofia. Uma obra de arte maravilhosa e intemporal

Um pouco mais adiante percorrendo toda esta parte antiga, encontramos a Basílica de Santa Sofia, ou Hagia

Sophia. É um imponente e belíssimo edifício construído entre 532 e 537, ainda durante o reinado do Imperador Constantino, destinado a ser a Catedral de Constantinopla, cidade que foi proclamada nessa época a capital de todo o Império Romano, suplantando Roma.

Esta extraordinária maravilha de arquitectura está actualmente classificada como Património Mundial pela Unesco.

A sua imponência e o espanto transmitido pela qualidade de toda a concepção e execução, com o trabalho arquitectónico e artístico das pinturas e mosaicos, apesar da queda do Império Romano do Oriente na mão dos turcos, e a mudança da sua função primeiro para mesquita, e depois como museu, causa espanto pelo seu valor artístico e simbólico. Procurei transmitir com algumas fotografias o que na verdade é quase impossível: o equilíbrio e vastidão do espaço interior, a sabedoria, a beleza e a concepção das soluções arquitectónicas, o refinamento dos materiais, os mosaicos que parecem pinturas, embora alguns muitos deteriorados, levamos a perceber a importância desta cidade que através dos séculos e ainda hoje é uma das grandes capitais do mundo.

Ao mesmo tempo na Europa e na Ásia... até na gastronomia!

Istambul dispõe de um conjunto único de interações culturais entre dois continentes em osmose permanente neste local!

Um exemplo simples mas usual... Na área gastronómica podemos saborear ao fim da manhã um inesquecível "brunch" no lado europeu e à noite ir jantar na outra margem.

Nesta cidade consideram-se os criadores do conceito de "brunch"... Quem o quiser saborear de modo inesquecível o melhor é ir para um restaurante junto ao Bósforo, num enquadramento único, a contemplar as suas águas calmas e luminosas reflectindo a luz da manhã...

No nosso primeiro jantar a experiência gastronómica foi muito local e preparada género surpresa na zona do cais mais piscatória, ainda do nosso lado do Bósforo: saborear peixe à pescador, acabado de pescar e grelhado no momento! As célebres sandes de cavala! Surpresa? Eram óptimas...a recomendação acertou em cheio!

A gastronomia aqui é excelente e única pela espantosa variedade!

Já em 2012 fiz uma viagem gastronómica a Istambul liderada pelo Chef Kiko Martins, absolutamente inesquecível!

Uma Igreja a Santo António no centro de Istambul

Na rua pedonal por excelência da área comercial e chique de Istambul, na İstiklal Avenue no Bairro de Beyoglu, descobri casualmente ao passar uma igreja católica e surpreendida, resolvi investigar. Qual não é a surpresa... uma bela basílica dedicada a Santo António. No nº 171 dessa Avenida. Algumas fotos seguem para registo. Por investigações posteriores soube que é a maior igreja católica em Istambul. Na verdade o Santo António é o santo português que mais descubro por esse mundo fora, mas aqui foi completamente inesperado! Um taumaturgo universal!

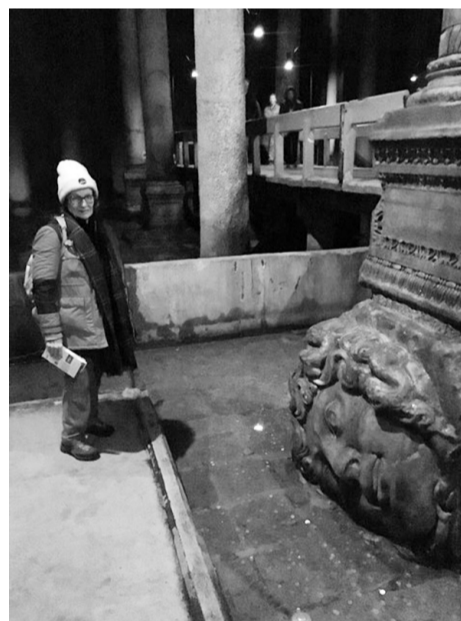
Set 2019



Ispartakule, a última estação, já em Istambul



Cisterna da Basílica em Istambul - com 10000m² de área



Dentro da cisterna junto às colunas misteriosas com rostos humanos esculpidos



Coluna da cisterna de Istambul com uma cabeça de medusa na base



Mais enquadrado para ter a percepção da dimensão. Em baixo a reconstituição imaginada.



Os extraordinários mosaicos de uma minúcia artística incrível.



Uma bonita imagem de Santo António tal como o conhecemos...

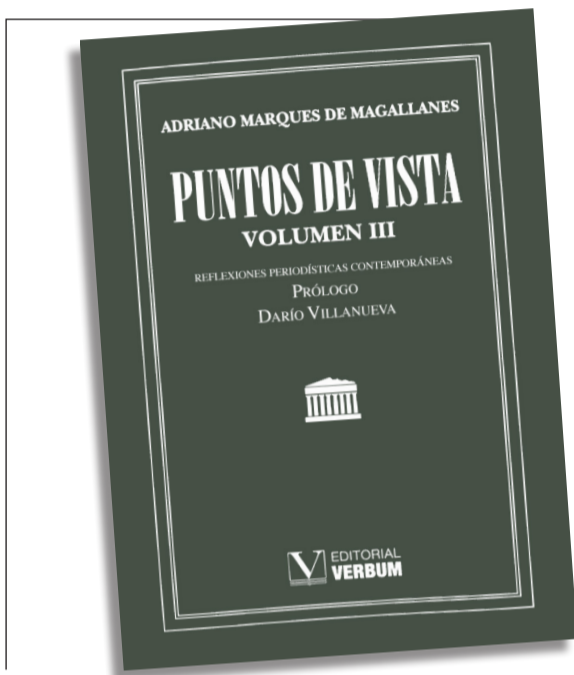


Mesmo estando em obras está sinalizadoo local da coroação do Imperador Romano do Oriente

Livro “Puntos de Vista III” de Adriano Marques Magalhães

Compromisso com as duas nações e culturas que forjaram a sua identidade

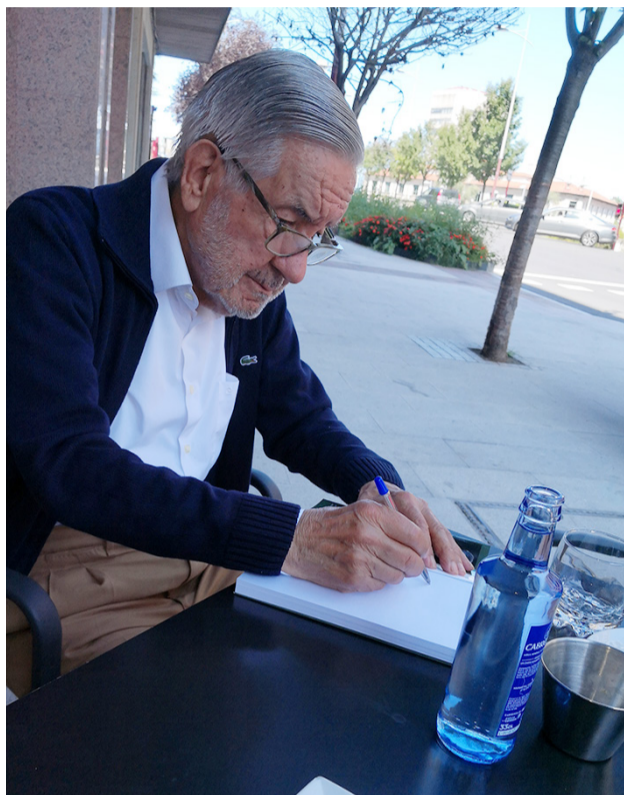
Carlos Nuno



Na vetustez dos seus 94 anos, o caro amigo, admirador e benfeitor de «A Voz de Melgaço», acaba de publicar uma colectânea de 110 artigos que foi publicando do Decano da Imprensa Espanhola -Faro de Vigo – entre 2010 e 2019. 10 desses textos são sobre Portugal, normalmente no dia que ao nosso país dedicamos em 10 de Junho.

A junção destes preciosos textos em livro tem várias vantagens: a) Fixa-os em suporte que pode ser manuseado e facilmente consultado, mesmo por quem não lê habitualmente o mencionado jornal cuja qualidade supera qualquer dos jornais portugueses; b) Permite ter uma abrangência sobre o pensamento de Adriano Magalhães que Daria Villanueva, Director da Real Academia Espanhola, que prefacia a obra, qualifica de ‘primorosamente escritos, com clareza e precisão estilística, na fidelidade aos dois vultos maiores da cultura portuguesa e espanhola: Camões e Cervantes. Anota ainda que Adriano Magalhães, ‘na privilegiada condição de espanhol e português, luso-hispano e arraiano galego, culto e lido’, pode ser caracterizado com o neologismo ‘glocal’, pois conjuga muito bem o pensar globalmente e mover-se com soltura e decisão na sua localidade que nunca esquece: São Gregório e Melgaço.

Dario Villanueva afirma que Adriano Magalhães não oculta as suas preferências ideológicas, sem contudo deixar de valorizar equanimemente a pessoa como tal, sem escamotear a crítica, quando se dá o caso. Refere ainda que a sua filiação católica o torna especialmente sensível aos esforços diplomáticos dos três últimos papas. No texto intitulado ‘Nove décadas’, Adriano Magalhães regista cada uma das etapas pelas quais transitou a sua vida: o empresário, o cônsul, o político, o apaixonado pela arte e pela sua cultura, o pai de família, o jovem que percorre as ruas de Santiago de Compostela e aí descobre a companheira de toda a sua vida, até se reencontrar ‘por fim, com a criança que fui em São Gregório, Melgaço, terra portuguesa’. O Director da Real Academia Espanhola entre 2014 e 2019 anota ainda que o autor desta obra se distingue pela sensatez com que forma e elabora os seus juízos, pelo tacto com que fala e actua; o dom de se exprimir com agudez, engenho e oportunidade, mas sempre com a devida reserva, prudência e circunspeção.



Dr. Adriano autografando o livro e oferecendo ao P.º Carlos

O Portugal que levo dentro

É este o título do último texto inserto neste livro, publicado no já mencionado jornal no Dia de Portugal deste ano.

Aqui fica como mostra maior do seu acendrado amor a Melgaço e a Portugal:

«São já numerosas as ocasiões em que, por exigência da minha alma, realço este dia para celebrar o Dia de Portugal.

Durante décadas, servi-me desta página para o encontro com a memória feliz dessa Lusitânia profundamente integrada na minha condição de arraiano. Umhas vezes, para recordar a época das suas aventuras marinhas, outras para honrar a escrita dos seus poetas e narradores; e ainda para animar o diálogo dessa ‘identidade ibérica’, no dizer de Unamuno, ou para rememorar o verde e florido das suas cidades e populações do interior; ou meus extravios pelas tortuosas ruas de Alfama e os seus queridos fados que escapam pelas suas janelas; ou para me regozijar com a inauguração da Ponte em Arbo, nova via de enlace para a fraternidade luso-galega; ou para trazer á memória a companhia de tantos queridos amigos portugueses, estando à cabeça Dom Duarte, Duque de Bragança...

Hoje, devo confessá-lo, embarga-me a nostalgia. Chame-se ‘morriña, à maneira galega ou saudade à portuguesa. Serão coisas da idade.

Hoje, o sentimento que me invade ao aproximar-me de Portugal é mais íntimo e entranhável, pois me impulsiona uma intensa necessidade de visitar o que bem poderia chamar os meus primeiros dias portugueses.

À luz de uma candeia, acarinhado por meus pais, António Manuel e Maria das dores, nascia o pequeno Adrianinho na solarenga Casa da Torre, em São Gregório. Perdido, primeiro, entre os seus corredores de sóbrias pedras e cálidas madeiras, os seus muros tapizados de



Dr. Adriano e P.º Carlos numa esplanada na R. Venezuela, em Vigo

quadro antigos que despertariam o meu gosto pela arte. Poucos anos depois, curioso e inquieto entre as árvores e flores do jardim da quinta quase confinante com o denominado ‘Entre as poças’, assomado, perplexo diante do espelho de água do tanque, deu-se o despertar do enismamento e a reflexão. E, por fim, o livre exercício da rua e do bulício partilhado com a rapaziada do lugar, o gozo da extroversão e desfrute desse relacionamento com os outros. Ah, as primeiras letras aprendidas na escola pública ao cuidado daquele exigente professor, um bom teórico da República, Abel Nogueira Dantas, e depois o internato em Melgaço, e o colégio na luminosa e atlântica Póvoa de Varzim, que despertaram em mim o sentido da responsabilidade e uma prematura atracção para as letras e para os livros.

Sim, ali, naquelas queridas terras portuguesas que hoje rememoro comovido, surgiram alguns dos traços que haveriam de conformar a minha personalidade. Depois, a carreira da vida e as suas circunstâncias. As primeiras viagens ao estrangeiro, a universidade, Santiago de Compostela, o luminoso encontro com Rita, com quem haveria de fundar uma extensa família. A vida e os seus numerosos avatares.

Mas no facto preliminar da fundação do seu que hoje me habita, late sempre presente esse paraíso de infância e primeira adolescência que me concedeu a doce presença portuguesa.

E em sua memória, dedico este Dia de Portugal.»

Este livro foi editado pela Editorial Verbum, de Madrid.

Quem não fica encantado com este amor entranhado de Adriano Magalhães por São Gregório, Melgaço e Portugal?

Parabéns, Dr. Adriano. Continue a presentear-nos com os seus belos textos, pois nos enriquecem e tornam mais apegados á terra natal e amantes das qualidades dos melgacenses e dos portugueses.